



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Administração
Linha de pesquisa: Marketing e Cadeias Produtivas

LÍGIA BOEZE

SIGNIFICADOS DO CONSUMO DE FOTOGRAFIAS EM FAMÍLIAS

Maringá
2021

LÍGIA BOEZE

SIGNIFICADOS DO CONSUMO DE FOTOGRAFIAS EM FAMÍLIAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá – PPA/UEM, como requisito para obtenção do título de mestre em Administração

Orientador: Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira

Coorientador: Prof. Dr. Vitor Koki da Costa Nogami

**Maringá
2021**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B673s Boeze, Lígia
Significados do consumo de fotografias em famílias / Lígia Boeze. -- Maringá, PR, 2021.
181 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Mr. Francisco Giovanni David Vieira.
Coorientador: Prof. Dr. Vitor Koki da Costa Nogami.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2021.

1. Teoria da cultura de consumo. 2. Cultura material. 3. Fotografias. 4. Cultura de consumo. I. Vieira, Francisco Giovanni David, orient. II. Nogami, Vitor Koki da Costa, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. IV. Título.

CDD 23.ed. 658.8342

ATA DE DEFESA PÚBLICA

Aos **dezessete** dias do mês de **setembro** do ano de **dois mil e vinte e um**, às **catorze horas**, realizou-se, por videoconferência, em conformidade com os Decretos nº 4230/2020 e 4258/2020 do Governo do Estado do Paraná, e a Portaria nº 122/2020-GRE, a apresentação do Trabalho de Conclusão, sob o título: **“Significados do consumo de fotografias em famílias”**, de autoria de **LÍGIA BOEZE**, aluna(o) do Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado)

– Área de Concentração: Organizações e Mercado. A Banca Examinadora esteve constituída pelos professores: Dr. Francisco Giovanni David Vieira (presidente), Dr. Salomão Alencar de Farias (membro examinador externo – PROPAD/UFPE), Dr^a. Karin Borges Senra (membro examinador externo – PUC-PR) e Dr^a.Olga Maria Coutinho Pépece (membro examinador do PPA).

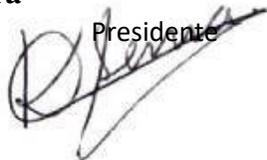
Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o(a) candidato(a) foi aprovada com correções pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelo coordenador e pelos membros da Banca Examinadora.

Maringá, **17 de setembro de 2021**.



**Dr. Francisco Giovanni David
Vieira**

Presidente



Dr^a. Karin Borges Senra
(membro examinador externo – PUC/PR)



Dr. Salomão Alencar de Farias
(membro examinador externo – PROPAD/UFPE)



**Dr^a Olga Maria Coutinho
Pépece**
(membro examinador do PPA)



Prof. Dr. João Marcelo Crubellate
Coordenador Adjunto do
Programa de Pós-Graduação em Administração



Fonte: autora, 2019

[...] não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela.

Miriam Moreira Leite

AGRADECIMENTOS

Os quase dois anos e meio de mestrado fizeram parte do período de maior transformação que já vivi até hoje. Com a maior sinceridade do mundo e lágrimas nos olhos é que agradeço por estar fechando esse ciclo, que é muito simbólico para mim. Bom, eu não acredito que exista uma ordem correta para começar a nomear todas e todos que tenham feito parte desse processo, mas acho que diante da imensidão do mundo em que sou muito pequena e passageira, primeiro preciso agradecer a Deus. Olhando todas as perguntas que não tenho resposta, creio que eu saiba muito pouco sobre a vida. Por isso, honro algo que desconheço, mas que assim como a fé, eu sinto que existe.

Ano passado gerei uma vida dentro de mim e trouxe meu filho ao mundo. Ele veio como uma surpresa e mudou muita coisa, principalmente a noção do tempo. Transformou as madrugadas e horas ininterruptas de estudo em aproveitamento de horas em que ele estava dormindo ou que conseguia ficar longe de mim. Amamenteei (e amamento) em livre demanda, o que significa que não tem hora marcada. Foi desafiador ir à campo sabendo que ele estava me esperando e ter que parar de escrever quando eu mais estava rendendo diante do computador para ficar com ele.

A verdade é que é a vida que não para. Ela também não parou para meus pais quando era eu a criança. Sei que muitas vezes eles devem ter saído de casa para trabalhar com o coração apertado, mas que sempre buscaram o melhor para nós. Antes de sermos pais nós somos pessoas com sonhos. Hoje sendo mãe entendo isso e vejo meus pais com uma lupa a mais de compreensão. Agradeço a eles que sempre me fortaleceram na minha jornada com muito amor e que me mostraram no dia a dia que não conquistamos as coisas facilmente. Tenho muito forte na memória várias vezes que esperei nas minhas avós ou na escola até começo da noite para que eles pudessem me buscar para voltarmos para casa depois de um longo dia de trabalho.

Minha mãe, Melania, é a pessoa mais incrível e com o maior coração que eu já conheci. E não é por ser minha mãe, muita gente pensa como eu. Ela é aquele apoio de verdade, em qualquer situação e momento. Meu pai, Luis Carlos, é o cara mais batalhador que eu conheço e que fez de tudo, sempre, para cuidar de mim da melhor forma possível. Eles são meu porto seguro, aquele lugar que a criança que mora dentro de mim quer voltar sempre que a vida aperta. E também onde quero compartilhar as minhas vitórias, pois parte de cada uma delas só é possível por conta deles.

Meus pais começaram a trabalhar muito cedo. Ele com 9 anos e ela com 15. Ele por necessidade, ela porque queria conquistar autonomia. A realidade que eles viveram foi muito diferente da minha e reconheço todo o esforço, que não caberia em um breve parágrafo, mas que proporcionou o privilégio que tive para chegar aqui e ocupar o espaço em uma pós-graduação *scripto sensu* em uma universidade pública. As pessoas da minha família começaram a frequentar a universidade, com exceção do meu pai, apenas na minha geração. É uma honra ter acesso a tanto conhecimento gratuito e de qualidade.

Sei que meus avós que não estão mais aqui teriam muito orgulho. E minha amada avó Zila, que cuidou de mim até os 5 anos para que meus pais trabalhassem, e que já ficou com o meu filho para que eu pudesse realizar essa pesquisa, também está muito realizada. Eu amo de uma forma inexplicável e tê-la nessa fase da minha vida é algo que me toca profundamente. Obrigada por tudo, vó! Estendo também a cada pessoa da minha família que me amparou de alguma forma, principalmente aos meus tios Denis e Taciana, que além de todo carinho de sempre, ainda indicaram várias pessoas que fizeram parte dessa pesquisa. É na hora do “vamos ver” que as pessoas que se importam realmente com a gente mexem os palitinhos para ajudar.

Falando de ajuda, não poderia deixar de mencionar André, meu companheiro de vida há quase 10 anos e pai do meu filho, que além de todo o apoio diário também sempre me incentivou a conquistar meus sonhos. Sinto que tenho alguém me admira ao lado, assim como o admiro, o que torna a vida mais leve. As tarefas do dia a dia, a pandemia e home office que fizeram que a gente ficasse dentro de um apartamento quase 24 horas juntos tem provado tudo isso. O segredo foi parceria, divisão de tarefas e uma dose de paciência. Estendo também o agradecimento à minha sogra e as tias do André, que sempre se fizeram presentes para auxílio no que fosse necessário.

Mesmo longe fisicamente de muita gente nesse período duro que ainda estamos vivendo, tive amigas da escola de longa data que não me desampararam, em especial: Mary, Larissa, Malu, Geisse, Hanna e Lilian. Além delas, meu casal querido que foram um presente que André me deu: Rhuan e Yasmin. Meu filho se chama Rhuan por isso, e coincidentemente, o filho deles que nasceu 5 meses depois se chama André e é meu afilhado.

Depois da escola, a graduação e a pós graduação me trouxeram pessoas incríveis também. Agradeço aos que estiveram comigo em todo esse período de UEM e quero deixar alguns nomes em especial dos que fizeram parte dessa fase do mestrado no PPA. Alice Cardoso, que veio fazer doutorado sanduíche e, mesmo voltando para Areia na Paraíba, continua muito presente na minha vida. Ao nosso grupinho da salinha que eu gosto tanto e

tenho saudades: Nayara Panage, Maycon Douglas, Mayra Carlos, Weber Radael, Pri Torrezan e Pri Malanski. Como a salinha de estudos, os almoços no RU e os bares depois dos estudos fizeram falta nessa minha fase de escrita! Além deles, a maternidade me aproximou de uma pessoa linda, a Amanda Guimarães, que parou um pouco do seu tempo para me ajudar em vários sentidos, inclusive passando vários contatos de pessoas que participaram da pesquisa.

Aos professores e professoras desde o ensino básico que me capacitaram para estar aqui, minha eterna gratidão. Ensinar é maravilhoso, e eu só sei disso porque aprendi com vocês. A essa fase do mestrado, agradeço de coração cada um, pois me considero uma pessoa mais questionadora desde então. O primeiro dia de aula no PPA foi com Marcio Pascoal Cassandre, que sempre me tirou do lugar de conforto para que pudesse repensar aquilo que é tido como dado. Depois foi com a Josiane Silva de Oliveira, mulher maravilhosa e inteligentíssima que tenho uma admiração sem tamanho. Sou fã e agradeço por ela ter cruzado meu caminho! Depois conheci Olga Maria Coutinho Pépece, que além de ter sido professora de duas disciplinas que cursei, também foi minha banca de qualificação e agora de defesa. Obrigada por ser tão atenciosa e por ter contribuído tanto comigo.

Com um destaque muito especial, gostaria de agradecer meu querido orientador Francisco Giovanni David Vieira. Sempre que posso digo a ele o quanto o admiro enquanto profissional e pessoa. Enquanto profissional, brilho meus olhos pela linha de raciocínio que ele tem. Nunca vi nada igual. Ele é extremamente observador, inteligente e sensível. É um exemplo que quero levar para a vida, pois se um dia eu for professora, gostaria de carregar pelo menos um pouco do que ele representou para mim. Quando descobri a gravidez no meio do mestrado, ele foi uma das primeiras pessoas que quis contar, e foi incrível como tive total apoio. Ele acreditou mais em mim do que eu mesma, inúmeras vezes. Aguentou o meu jeitinho ansiosa e preocupada, me dando a segurança para seguir. Era aquela mão que eu sabia que não ia me soltar. Obrigada, Prof, de verdade. Você é maravilhoso e tem um coração enorme! Não tem noção do quanto tenho orgulho de ser sua orientanda.

Ao meu coorientador Vitor Koki da Costa Nogami, que foi meu professor de três disciplinas na graduação, orientador de TCC e parceiro de outros projetos, todo meu reconhecimento pelo apoio nesse processo. Saiba que é exemplo de determinação, seriedade e comprometimento. Fruto do que planta é sempre visível: o sucesso, que é o que merece por ser o baita profissional que é. Obrigada pelo tempo dedicado na minha formação!

Agradeço às professoras que fizeram parte da banca de qualificação, Karin Borges Senra e Olga Maria Coutinho Pépece, que foram cruciais com suas contribuições para a melhoria da dissertação e execução do trabalho de campo. Ao professor Salomão Alencar de

Farias, meus sinceros agradecimentos pela generosidade em aceitar o convite em participar da banca de defesa.

Agradeço ao Bruhmer pelo carinho em preparar cafés e chás quando estávamos estudando na salinha, por estar sempre disponível quando preciso e por fazer seu trabalho com tanta excelência. Às pessoas que aceitaram participar da pesquisa mesmo em uma pandemia, me faltam palavras para agradecer esse acolhimento. Por fim, agradeço à CAPES que contribuiu com a bolsa de estudos durante esse tempo de estudos.

RESUMO

Este estudo tem como propósito compreender os significados de consumo de fotografias presentes em famílias a partir da passagem da condição material para digital. Para tal investigação, utilizo a Teoria da Cultura de Consumo (CCT) que enxerga o consumo como um fenômeno sociocultural, com o suporte da discussão sobre Cultura Material enquanto artefatos que envolvem significados na relação sujeito-objeto, aqui, em especial, entre famílias e fotografias, em que um é moldado pelo outro. Diante disso, adotei uma perspectiva qualitativa e interpretativista com a utilização de entrevistas, observações e fotografias enquanto técnicas de coleta que foram realizadas por meio de um trabalho de campo com famílias na Região Metropolitana de Maringá -PR. Os procedimentos de análise envolveram a Análise de Conteúdo por meio do uso do software Atlas TI. Com base na concepção heurística desenvolvida neste trabalho emergiram as categorias em campo a partir de quatro pontos inter-relacionados: suporte, dispositivo, objeto e evento de registro. Em suporte de registro visualizei caixa de sapato, álbum, porta-retratos, quadro, CD, computador, HD externo e nuvem. Em dispositivo constatei câmera fotográfica profissional, analógica, digital e celular. Em objeto encontrei pessoas, natureza e refeições. E, em evento, observei retrato, cotidiano, aniversário, viagem, estudos, fim de ano, eventos religiosos, foto de si, refeição e natureza. Como principais resultados estão os significados: materialização de memórias, construção de histórias, interação e descartabilidade, que me fazem compreender que não existe uma passagem total da condição material para digital, mas uma passagem de uma condição antes inteiramente material para uma condição predominantemente digital das fotografias.

Palavras-chave: Teoria da Cultura de Consumo; Cultura Material; Fotografia.

ABSTRACT

This research proposes to understand the meanings of photographs consumption present in families from the transition from material to digital condition. For this investigation, I use the Consumer Culture Theory (CCT), which sees consumption as a sociocultural phenomenon, supported by the discussion of Material Culture as artifacts that involve meanings in the subject-object relationship, here, in particular, between families and photographs, in that one is shaped by the other. Therefore, I adopted a qualitative and interpretive perspective with the use of interviews, observations, and photographs as collection techniques that were realized by fieldwork with families in the Metropolitan Region of Maringá -PR. The analysis procedures involved Content Analysis through the use of Atlas TI software. Based on the heuristic concept developed in this work, categories emerged in the field from four interrelated points: support, device, object, and event of record. In support of registration, I visualized shoebox, album, photo frame, frame, CD, computer, external HD and cloud. In the device, I found the professional camera, analog, digital, and cellphone. In object, I found people, nature, and meals. And, in events, I observed portraits, daily life, birthdays, trips, studies, the end of the year, religious events, photos of oneself, meals, and nature. The main results are the meanings: the materialization of memories, construction of stories, interaction, and disposability, which make me understand that there is not a total passage from the material to the digital condition, but a passage from a previously entirely material condition to a predominantly digital condition of photographs.

Keywords: Consumer Culture Theory; Material Culture; Photography.

Lista de quadros

Quadro 1: Unidades de análise com indicação das técnicas de coleta	48
Quadro 2: Perfil geral dos sujeitos de pesquisa.....	52
Quadro 3: Resumo dos caminhos metodológicos	55
Quadro 4: Descrição dos suportes de registro	59
Quadro 5: Descrição dos dispositivos de registro	89
Quadro 6: Descrição dos objetos de registro.....	96
Quadro 7: Descrição dos eventos de registro	127

Lista de figuras

Figura 1: Daguerrotipo	36
Figura 2: Câmera Kodak Brownie em 1900.....	37
Figura 3: Câmera Kodak Instamatic.....	38
Figura 4: Propaganda da Câmera Kodak Instantânea em 1979.....	39
Figura 5: Sony Mavica	39
Figura 6: Síntese das mudanças tecnológicas entre 1839 e 2020.....	50
Figura 7: Concepção heurística do estudo.....	48
Figura 8: Códigos utilizados para análise.....	55
Figura 9: Códigos e categorias de análise	56
Figura 10: Caixa de sapato com fotos reveladas soltas	59
Figura 11: Caixa de sapato com álbuns	60
Figura 12: Álbum de fotos dos filhos feitos por um profissional.....	61
Figura 13: Álbum conhecido como “albinho” pelos entrevistados	61
Figura 14: Vários “albinhos” caídos após abertura do armário.....	62
Figura 15: Álbum organizado pela própria família	63
Figura 16: Álbum organizado pela própria família	63
Figura 17: Álbum de casamento vazio	64
Figura 18: Álbum com fotos de gestação	65
Figura 19: Estante com porta-retratos de uma das entrevistadas.....	67
Figura 20: Porta-retratos de uma das entrevistadas	67
Figura 21: Porta-retratos de uma das entrevistadas	68
Figura 22: Porta-retratos que entrevistada recebeu sem a foto como presente	69
Figura 23: Quadro no corredor com fotos das filhas de uma entrevistada.....	71
Figura 24: Quadro no corredor com fotos de filho e filha de uma entrevistada.....	72
Figura 25: Quadro no corredor com fotos de filho e filha de uma entrevistada.....	72
Figura 26: Quadro de entrevistada nascida antes de 1980 com fotos dos filhos.....	73
Figura 27: Quadros de entrevistado nascido depois de 1980 com fotos de familiares, amigos e de si.....	73
Figura 28: CD com fotos do filho de uma das entrevistadas.....	74
Figura 29: Pastas de fotos no computador organizadas por título do evento ou data de backup	77
Figura 30: Pastas de fotos no computador organizadas por membro da família.....	77
Figura 31: Fotos que entrevistado armazena no Instagram	84
Figura 32: Fotos que entrevistada armazena no Facebook.....	84
Figura 33: Declaração de aniversário para irmão por meio de foto no Instagram	88
Figura 34: Fotografia de sogra de entrevistada	97
Figura 35: Verso de fotografia de sogra de entrevistada	98
Figura 36: Verso de fotografia de sogra de entrevistada	98
Figura 37: Fotos dos bisavós de entrevistada	99
Figura 38: Foto de entrevistada quando criança no documento de passaporte	100
Figura 39: Fotos dos avós de entrevistada.....	100
Figura 40: Fotos dos pais de entrevistada.....	101
Figura 41: Foto de entrevistada na escola quando criança	102
Figura 42: Foto de marido de entrevistada quando bebê.....	102
Figura 43: Foto de uma tia da entrevistada.....	103
Figura 44: Foto de entrevistada em formatura do colégio.....	104
Figura 45: Fotos de entrevistada na escola quando criança	104
Figura 46: Fotos de entrevistada na escola quando criança.....	105

Figura 47: Fotos de entrevistada na escola quando criança.....	105
Figura 48: Foto de entrevistada no casamento de irmã postada nas redes sociais virtuais	106
Figura 49: Foto de entrevistada feita por fotógrafo quando criança com um telefone.....	106
Figura 50: Foto de irmão de entrevistada feita por fotógrafo quando criança com um chiqueirinho	107
Figura 51: Fotos da gestação de entrevistada mês a mês	108
Figura 52: Foto de filha da entrevistada no berço	109
Figura 53: Foto de filho e marido de entrevistada.....	109
Figura 54: Foto de festa de aniversário com bexigas e bolo	110
Figura 55: Foto de Natal com Papai Noel	110
Figura 56: Foto de batizado com roupas brancas e benção	110
Figura 57: Foto de entrevistada na praia	111
Figura 58: Foto de entrevistada reunida com familiares	112
Figura 59: Foto de entrevistada em casa após nascimento do filho	113
Figura 60: Fotos da gestação de entrevistada acompanhadas de bilhetes e anotações.....	114
Figura 61: Foto da filha de entrevistada com objetos como porta maternidade, carrinho de bebê, trocador e berço.....	114
Figura 62: Foto de Natal com árvore de Natal	115
Figura 63: Foto de aniversário com bexigas e bolo.....	115
Figura 64: Foto de casamento na Igreja com os símbolos religiosos, como cruz, altar e roupas como vestido de noiva	116
Figura 65: Foto de filho de entrevistada na escola	116
Figura 66: Fotos da década de 2000 de entrevistado em que objeto de registro eram pessoas	117
Figura 67: Foto de entrevistada no espelho	118
Figura 68: Foto de entrevistado em sua Primeira Comunhão da Igreja Católica	119
Figura 69: Foto de entrevistado na escola com outros colegas de turma	119
Figura 70: Foto de Natal em rede social virtual de entrevistada	121
Figura 71: Fotos da galeria do celular de entrevistada	121
Figura 72: Fotos das redes sociais de uma entrevistada	124
Figura 73: Fotos das redes sociais de um entrevistado.....	125
Figura 74: Fotos de comida	125
Figura 75: Foto de bebida.....	126
Figura 76: Foto de vaso de flor de entrevistada.....	126
Figura 77: Retrato de bisavós de entrevistada	128
Figura 78: Retrato de entrevistada com irmão.....	128
Figura 79: Foto de entrevistada com familiares em um encontro de domingo	129
Figura 80: Foto de filhos de entrevistado enquanto crianças	129
Figura 81: Foto de filhos de entrevistado enquanto crianças	130
Figura 82: Postagem de foto dos filhos de entrevistada em rede social virtual.....	131
Figura 83: Postagem de foto de entrevistada com seu neto em rede social virtual	131
Figura 84: Foto de mãe de entrevistada.....	132
Figura 85: Postagem de foto de entrevistada com seu marido em rede social virtual.....	132
Figura 86: Postagem de foto de entrevistada comemorando aniversário em rede social virtual	133
Figura 87: Postagem de foto de entrevistada comemorando aniversário em rede social virtual	134
Figura 88: Foto de entrevistada comemorando aniversário de seu filho.....	134
Figura 89: Foto de entrevistada comemorando aniversário de sua mãe.....	135
Figura 90: Foto de entrevistada comemorando aniversário de sua mãe.....	136

Figura 91: Foto de entrevistada acompanhada em viagem.....	136
Figura 92: Foto de entrevistado em viagem com o colégio.....	137
Figura 93: Foto internacional de entrevistada com seu filho.....	137
Figura 94: Foto de família em viagem para praia.....	138
Figura 95: Foto de família em viagem de excursão	138
Figura 96: Fotos repetidas de entrevistada em viagem.....	139
Figura 97: Fotos repetidas de entrevistada em viagem.....	139
Figura 98: Foto de entrevistada em viagem em cruzeiro	140
Figura 99: Foto de entrevistado em viagem de pesca.....	141
Figura 100: Foto de infância de entrevistada na escola.....	142
Figura 101: Foto de turma da escola	142
Figura 102: Foto de formatura de Ensino Médio	143
Figura 103: Foto de formatura de Ensino Médio	143
Figura 104: Foto de formatura com a turma na Universidade.....	144
Figura 105: Foto de defesa de mestrado de entrevistada.....	144
Figura 106:: Foto no baile de formatura de amigo de entrevistada	145
Figura 107: Foto de família de entrevistada reunida no Natal	146
Figura 108: Foto de quintal de mãe de entrevistada.....	147
Figura 109: Foto de marido, filhas e mãe de entrevistada em férias de fim de ano	147
Figura 110: Foto de reunião de fim de ano de família de entrevistada	148
Figura 111: Foto de criança no dia de seu batizado em frente à Igreja	149
Figura 112: Fotografias de batizado de filha de entrevistada.....	149
Figura 113: Foto de filha de entrevistada no dia de seu batizado.....	150
Figura 114: Foto de filha de entrevistada no dia de sua primeira comunhão na Igreja Católica	150
Figura 115: Foto de filho de entrevistado no momento da bênção do batizado na Igreja Católica.....	151
Figura 116: Foto de entrevistado em sua Primeira Comunhão da Igreja Católica	152
Figura 117: Foto de filho de entrevistado em sua Crisma da Igreja Católica	152
Figura 118: Foto de casamento de tia de entrevistada.....	153
Figura 119: Foto de casamento de filho da entrevistada	153
Figura 120:: Fotos repetidas de entrevistada em dia de ir a um casamento	154
Figura 121: Foto de entrevistada com namorado em um casamento	154
Figura 122: Foto de entrevistada sozinha em seu perfil de rede social virtual.....	155
Figura 123:: Fotos postadas por entrevistada em sua rede social virtual	156
Figura 124: Foto de copo de bebida	157
Figura 125: Foto de hambúrguer	158
Figura 126: Fotos da cadela de entrevistada.....	159
Figura 127: Perfil de rede social de entrevistado com fotos de sua cadela	159
Figura 128: Foto de árvores em frente à casa de entrevistada.....	160
Figura 129: Foto de vaso de flor de entrevistada.....	160

Sumário

Apresentação	18
1. Introdução	19
1.2 Justificativa	22
1.3 Posicionamento na Filosofia da Ciência	25
1.4 Estrutura do trabalho	26
2. Base teórica	28
2.1 Cultura de Consumo	28
2.1.1 A trajetória da Teoria de Cultura de Consumo (CCT)	28
2.1.2 Biografia do consumo	30
2.1.3 Significados do Consumo e Cultura Material	33
2.2 Universo material e digital da fotografia	35
2.2.1 A história da fotografia	35
2.2.2 Desdobramentos da fotografia no mundo contemporâneo.....	40
3. Caminhos metodológicos	44
3.1. Natureza do estudo e tipo de pesquisa	44
3.2 Validade, confiabilidade e ética	45
3.3 Técnicas de coleta	46
3.4 Critérios de seleção dos sujeitos de pesquisa	49
3.5 Os sujeitos de pesquisa	50
3.6 Procedimentos de análise dos dados	54
3.7 Categorias de análise	56
3.6 Definições constitutivas e operacionais	56
4. Análise dos dados	58
4.1 Suporte de registro	58
4.1.1 Caixa de sapato.....	59
4.1.2 Álbum.....	60
4.1.3 Porta-retratos	66
4.1.4 Quadro.....	70
4.1.5 CD	74
4.1.6 Computador.....	75
4.1.7 Hd externo	79
4.1.8 Nuvem	79
4.1.9 Celular	81
4.1.10 Redes sociais virtuais	83
4.2 Dispositivo de registro	89
4.2.1. Câmera fotográfica para uso profissional.....	90
4.2.2 Câmera analógica	91

4.2.3 Câmera digital	93
4.2.4 Celular	94
4.3 Objeto de registro	96
4.3.1 Década de 40	97
4.3.2 Década de 50	99
4.3.3 Década de 60	101
4.3.4 Década de 70	103
4.3.5 Década de 80	107
4.3.6 Década de 90	111
4.3.7 Década de 2000	117
4.3.8 Década de 2010	120
4.4 Evento de registro	127
4.4.1 Retrato	127
4.4.2 Cotidiano	129
4.4.3 Aniversário	133
4.4.4 Viagem	135
4.4.5 Estudos	141
4.4.6 Fim de ano	145
4.4.7 Eventos religiosos	148
4.4.8 Foto de si	155
4.4.9 Refeição	157
4.4.10 Natureza	158
4.5 Significados	161
4.5.1 Materialização de momentos	162
4.5.2 Construção de histórias	164
4.5.3 Interação	165
4.5.4 Descartabilidade	167
5. Considerações finais	169
5.1 Contribuições teóricas	171
5.2 Contribuições gerenciais	172
5.3 Limitações	173
5.4 Sugestões para futuras pesquisas	174
Referências	176
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA	180
APÊNDICE B: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	181
APÊNDICE C: ROTEIRO DE FOTOGRAFIAS	182

Apresentação

Comecei a escrever esta apresentação quando ainda estava no primeiro semestre do mestrado. Desde lá fiz várias modificações na forma de me apresentar. Creio que isso diz muito sobre estarmos em constante transformação. Ao ler esse documento daqui a alguns anos provavelmente terei outro olhar, mas lembrarei da sensação de escrever sobre algo que tanto me instiga enquanto pessoa e me inquieta enquanto pesquisadora: fotografia.

Ela começou a participar com mais força na minha vida há quatro anos, quando ganhei de presente a minha primeira câmera profissional. A partir dali, busquei aprender um pouco mais em termos técnicos de como a fotografia funciona. Tive um privilégio duplo: ter acesso a uma das tecnologias que simboliza muito para mim e a oportunidade de fazer um curso sobre técnicas de produção fotográfica e edição de imagens, visto que muitas pessoas não têm acesso à tecnologia como eu pude ter.

Desde que pude estar com uma câmera fotográfica profissional em mãos, comecei a me apaixonar em olhar pessoas, sentir histórias e capturar fragmentos por meio de uma lente, dos quais poderia resgatar depois, já que estavam ali devidamente registrados. Em contrapartida, comecei a observar também, com mais atenção, a presença e os diversos sentimentos que eram despertados nas pessoas por meio da fotografia.

Passei a me questionar sobre as novas e diferentes relações que são formadas entre a fotografia e a pessoa fotografada a partir das mudanças tecnológicas, permitindo que quase todo instante possa ser capturado por uma lente. Por outro lado, sinto que a fotografia ainda tem um sentido mais amplo: registrar um momento da vida, já que ele não volta. O que volta é a vontade de voltar no tempo.

1. Introdução

A proposta deste estudo é compreender os significados do consumo de fotografias em famílias. A partir de um objeto que posso chamar de câmera fotográfica há a formação de uma imagem que representa o congelamento de um instante. A questão é: são muitos instantes registrados. A fotografia permite uma imagem para o documento de identidade, para a parede da empresa com os funcionários do mês, para uma campanha publicitária, para o folheto do supermercado, para uma reportagem, para um álbum de família, para redes sociais virtuais e para muitas outras situações.

Schoreder (2002) diz que nós vivemos uma cultura de informação visual, mas na maioria das vezes não temos consciência da influência que elas têm em nossas vidas. Por isso, antes de pensar em estreitar meus laços com a fotografia, ela já se relacionava comigo e com outras inúmeras pessoas no dia a dia, mesmo de maneira sutil. A partir do momento da história em que a tecnologia permitiu o surgimento de um aparelho capaz de fixar e reproduzir imagens, a fotografia passou a ser uma forma de registro da história das pessoas e da humanidade.

Desde a legitimação da invenção do aparelho fotográfico em 1839, que a princípio foi chamado de daguerrótipo (Oliveira, 2005), até os dias de hoje, ocorreram diversas transformações ligadas à fotografia. Câmeras analógicas, câmeras digitais e celulares com câmera embutidas foram, respectivamente, parte visível das mudanças tecnológicas. Isso se intensificou na primeira década dos anos 2000, quando houve a popularização da Internet. Com isso, também houve a expansão quanto aos meios em que uma imagem transita, incluindo desde álbuns e retratos até bytes em um arquivo digital, permitindo que ela circule apenas no ambiente familiar ou que navegue juntamente com a Internet (Mauad, 1996).

Com a câmera analógica era preciso passar por um processo químico de revelar a foto para ter contato com a imagem. Com a câmera digital e celulares foi possível que a imagem permanecesse apenas nesta condição digital, não precisando ser revelada para ser visualizada. Existe, então, uma passagem de uma condição apenas material para também uma condição digital. O digital nas fotografias se configura a partir de uma imagem real em formato informático por meio de uma matriz de números (Henriques, 2004) e por meio de dispositivos eletrônicos é possível acessá-las.

A partir disso ocorreu a expansão dos espaços socialmente compartilhados, de uma condição física para também uma condição virtual. Por virtual, entende-se “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas” (Levy, 2010, p. 47).

Neste sentido, a fotografia passou a percorrer um universo virtual, contendo pessoas que se comunicam mutuamente por meio de computadores interconectados.

Todavia, durante o período de aproximadamente cento e oitenta anos de biografia da fotografia, foi apenas a partir do fim da década de 90 que o consumo começou a ser mais acessível ao público geral, permitindo uma quantidade de cliques -quase- ilimitada. Com aparelhos à mão e conectados, fez-se do usuário um fotógrafo a todo tempo, possibilitando depois compartilhar imediatamente em blogs, redes sociais virtuais e aplicativos como Facebook, Instagram, Flickr, Tumblr, Twitter, Snapchat ou Whatsapp, vias que circulam as imagens (Santos, 2016).

Dessa maneira, a discussão sobre o consumo de fotografias, que quer dizer fotografar, e dispô-la, apresentá-la, publicá-la ou armazená-la para uso próprio, como registro pessoal que pode ou não ser compartilhado em oportunidade posterior, torna-se relevante e curiosa, pois a relação que as pessoas têm com a fotografia aparenta ter se transformado durante o tempo. Será que um retrato de quarenta anos que está situado na sala de visitas em um retrato tem o mesmo significado que um retrato tirado hoje em um celular com câmera? O sentido do registro armazenado em condição material é igual ao do registro em condição digital? A intenção de capturar um momento hoje é o mesmo de décadas atrás? Qual é o papel da fotografia na vida das pessoas?

Não me preocupo em responder a esses questionamentos com exatidão, pois eles me levam a mais questionamentos. Um retrato de quarenta anos aparenta trazer fotos de um grupo de pessoas, diferentemente da chegada dos celulares com câmeras traseiras e frontais, que permitiram também a presença da “selfie”, um auto retrato. Segundo Belk (2014), o álbum de família de uma era anterior tornou-se mais uma galeria de fotos individuais na era digital. Aumentando então o acesso e a possibilidade de compartilhar fotografias pela Internet, há uma nítida preocupação com a autoimagem, já que ela pode ser avaliada por um maior número de pessoas.

As fotografias compartilhadas são um milésimo de segundo que foi escolhido para ser divulgado em meio a tantos outros que não são mostrados. A imagem retrata onde as pessoas estavam, como foram vestidas, com quem estavam, a vida que possuíam ou que gostariam de possuir em seus cotidianos (Fernandes & Torquato, 2008).

A seleção de momentos que são ou não postados revela que atualmente é mais fácil de mostrar apenas aquilo que se quer, diferentemente de tempos pré-digitais. Seria considerado presunçoso se apresentar em uma reunião social contando sobre a própria casa ou carro, mas é perfeitamente aceitável mostrar esses pertences em fotos postadas online (Belk, 2014). A

fotografia mostra o que as pessoas veem, como veem, o que é digno de ser visto, como pensam sobre si e sobre os outros, a partir da relação sujeito-objeto que é traçada (Mauad, 1996).

Cada imagem carrega em si um aglomerado de informações, como aparências, posses, roupas e lugares, que estão prontos para receberem interpretações (Kossoy, 2001). A fotografia pode ter significações e ressignificações, ou seja, permite que seja atribuído a ela um novo sentido a partir de quem a produz e quem a visualiza. Sendo assim, no exercício constante de recuperar sua forma de presença em um novo contexto e com outra função, a fotografia é a visualização de parte de uma história que é interpretada a partir da vivência e cultura em que está inserida a pessoa que a visualiza.

Para interpretar imagens existe uma dependência do contexto histórico em que foram produzidas e das relações sociais envolvidas, já que as pessoas armazenam o registro de algo que foi vivido e que representa uma memória presente (Mauad, 1996), congelando partes de momentos em imagens para que consigam, de alguma forma, materializá-los e revivê-los depois. Ao contemplar as imagens é possível descongelar um instante, narrar a si próprio ou aos outros fatos e/ou emoções que são ligados as fotos (Kossoy, 2001).

A fotografia faz parte de um conjunto de objetos não digitais como móveis, livros, roupas e cartas que são capazes de remeter a sensação de passado por meio de sua associação com momentos e pessoas (Belk, 2014). No mundo digital existe um novo conjunto de dispositivos e tecnologias que registram e arquivam memórias, mas a fotografia permanece presente, em outro formato, e talvez com novas funções. A fotografia é mais do que um registro visual, pois tem o poder de conectar o visível e o invisível, o seu aspecto material e a imagem em si, que envolve significados. Sendo assim, foi ela, fotografia, que escolhi como meu objeto empírico de pesquisa para a dissertação.

Diante da aproximação da fotografia com o cotidiano dos indivíduos, a minha inquietação se constitui em tentar compreender de que forma os significados das fotografias se configuram e podem ter sido alterados durante as décadas, portanto, propondo a realizar uma investigação com pessoas que viveram momentos diferentes na história da fotografia. Em especial, das famílias, que segundo Silveira (2000) são pessoas que compartilham um conjunto de símbolos, valores, crenças e normas e geram aprendizado para uma vida em sociedade. Complementarmente, Fonseca (2004, p. 60) diz que “falar de família é evocar um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido”.

A partir das inúmeras formas de presença da fotografia na vida das pessoas de maneira geral, me interesse em investigar mais profundamente a maneira como as famílias vêm se

relacionando com ela durante o tempo por meio da lente de CCT (Consumer Culture Theory). A CCT, Teoria da Cultura de Consumo, tem influência da antropologia cultural, considera a complexidade da realidade sociocultural, buscando entendimento da subjetividade da natureza humana e as questões simbólicas das relações sociais (Gaião, Souza & Leão, 2012).

O termo CCT tem suas origens na década de 1980, quando as primeiras pesquisas interpretativas ou pós-positivistas começaram a busca por legitimação (Casotti & Suarez, 2016). A Teoria de Cultura de Consumo (CCT) tem como base a relação entre consumo, significação e cultura, termos esses que são essenciais para sua compreensão dentro da área de Marketing (Novoa & Silva, 2017).

Como vejo alterações na fotografia durante o tempo, busco compreender as diferentes formas de consumo que a cercam como um fenômeno cultural. Considerando que objetos transitam e estão em movimento, há a necessidade de observá-los e analisá-los. Para isto, utilizo a cultura material para construir interpretações de significados entre a relação com objetos e pessoas (Batinga, Pinto, & Guimarães, 2019).

Segundo Miller (2013), a cultura material se interessa pelo olhar da pesquisa por meio da dualidade sujeito-objeto, ou seja, uma relação em que um é moldado pelo outro, aqui, em especial, entre fotografias e famílias. Dessa maneira, me apoio na Cultura de Consumo para, diante de tantas inquietações, explicitar as questões norteadoras que constituem os pontos de partida fundamentais para esta investigação: **como se configuram os significados do consumo de fotografias em famílias a partir da passagem da condição material para digital? Quais são os objetos, dispositivos, suportes e eventos do registro das fotografias?**

1.2 Justificativa

Nesta seção, busco justificar o trabalho em dois momentos. Primeiro, explico o uso do tema de significados da fotografia como foco da minha pesquisa. Depois, argumento a escolha da abordagem com base em CCT.

De acordo com Casotti e Suarez (2016), escolher o tema não é considerar que ele não foi ainda pesquisado, mas enxergar que a importância deve vir a partir do potencial em apresentar resultados. De modo complementar, Vieira (2013, p. 19) argumenta que a “contribuição decorre da originalidade, da diversidade ou do acréscimo ao conhecimento”. Dessa forma, entendo que desde 1839, quando a câmera foi inventada, até a presença de uma câmera embutida em um celular, houve uma mutação significativa quanto à presença da

fotografia na vida das pessoas. Portanto, considero relevante para este estudo o aprofundamento em relação aos significados de consumo de fotografia.

Nas discussões recentes em estudos de consumo e comunicação, há pesquisas que se destacam por explorar o tema fotografia como foco. Algumas buscam compreender o fenômeno da *selfie* (ex: Iqani & Schroeder, 2016; Weilenmann & Hillman, 2020; Santos, 2016), outras se preocupam em como compartilhar fotografias presencialmente e virtualmente afeta e é parte integrante das experiências das pessoas (ex: Barasch, Zaubermann & Diehl, 2018; Pastor & Lemos, 2018; Brito & Freitas, 2019).

Todavia, anteriormente, Schroeder (1998) já abordava a importância da fotografia no comportamento do consumidor. Ele desenvolveu um capítulo discutindo sobre como o tempo destinado em clicar, classificar fotos, selecionar para álbuns e, sobretudo, olhar fotografias de outras pessoas é significativo para compreensão do consumo. Para o autor, fotografias podem ser consideradas objetos que refletem e moldam a cultura.

Fernandes e Torquato (2008) também apresentaram no Encontro Nacional de Estudos de Consumo uma pesquisa feita com jovens no Rio de Janeiro em que detectaram que a fotografia é um relevante elemento de integração e manutenção de relações sociais. Por meio de redes sociais virtuais, a partir da modernização da fotografia, isso se amplia de um contato que antes era só físico para também o ambiente virtual.

Em termos mercadológicos, a empresa Kodak, em 2000, informou que as pessoas ao redor do mundo haviam tirado 80 bilhões de fotos em 1999, graças ao acesso por meio de câmeras digitais (Rocha, 2017). A expectativa para 2017 era de que 1,3 trilhão de fotos fossem tiradas, sendo 85% clicadas por celulares com câmera, 10,3% por câmeras digitais e 4,7% por tablets (Richter, 2017). Ainda, a fotografia tem se tornado presente nas relações virtuais. Nas redes sociais virtuais, por exemplo, são enviadas milhares de fotografias diariamente. No Facebook há 2,4 bilhões de usuários com 350 milhões de fotos que são postadas por dia na plataforma. No Instagram há 1 bilhão de usuários que enviam diariamente 95 milhões de fotos (Smith, 2019).

O crescimento do mercado de celulares com câmera e seus avanços tecnológicos destinados à fotografia fizeram com que o mercado de câmeras diminuísse 84% entre os anos de 2010 e 2018, passando de 121 milhões de unidades para 19 milhões, retornando à quantidade de vendas da década de 1980 (Agrela, 2018). Em contrapartida, em 2018, cerca de 1,56 bilhão de celulares com câmera foram vendidos em todo o mundo, enquanto em 2010 foram apenas 296 milhões (Holst, 2019). No Brasil, segundo levantamento da FGV (2019), há

hoje 230 milhões de celulares ativos, enquanto a população do país é estimada em 210 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Há mais celulares do que cidadãos.

Isto não representa, contudo, que a totalidade da população brasileira possua celular. É preciso evidenciar que, segundo o IBGE (2018), o percentual da população de 10 anos ou mais que possuía celular para uso pessoal em 2017 era de 78,2%. Os dados mostram que a presença de celulares entre os 5% mais pobres aumentou de 5,1% em 2002 para 79,3% em 2015. Entre os 20% mais pobres, o crescimento foi de 8,7% para 86,6%, de acordo com um estudo sobre faces da desigualdade no país analisando período entre 2002 e 2015 (Campello, Gentili, Rodrigues, & Howell, 2018).

Diante da importância da fotografia no mercado, tanto economicamente quanto do ponto de vista de consumo, já que o aumento ao acesso à Internet, celular com câmeras embutidas cada vez melhores e redes sociais virtuais se interligam nas mudanças tecnológicas, e, de modo a explorar como se configuram os significados da fotografia por meio da passagem de sua condição material para digital, justifico a realização da dissertação pelas contribuições que a pesquisa pode trazer ao campo e à prática de Marketing.

Quanto à abordagem teórica, segundo ponto de discussão desta seção, Barbosa e Campbell (2006) argumentam que a lente teórica deve dar luz ao objeto de estudo e ressaltar faces do fenômeno até então não reveladas. Desta maneira, utilizo a Teoria de Cultura de Consumo (CCT). Esta, segundo Arnould e Thompson (2005), não é uma teoria centralizada, mas um conjunto de perspectivas teóricas que discorrem sobre as relações entre a ação do consumidor, mercado e significados culturais.

A CCT “tem como preocupações centrais os significados sociais, influências sócio-históricas e as dinâmicas sociais que moldam as experiências do consumidor e suas identidades nos mais variados contextos da vida cotidiana” (Casotti & Suarez, 2016, p. 355). Portanto, utilizo esta lente teórica para enxergar a fotografia como um fenômeno sociocultural do consumo que poderá ser compreendido a partir do contexto proposto. Em especial, por meio da cultura material, que, segundo Miller (2013), permite que possamos reconhecer a materialidade, tornando possível um entendimento profundo dos artefatos, proporcionando um entendimento também das pessoas.

As discussões teóricas de Cultura Material e CCT contribuem para as questões de pesquisa de modo que a Cultura Material, que pode ser descrita textualmente, também é possível de ser analisada por meio de fotografias, que muitas vezes transcendem características presentes na escrita. Elas expressam valores, contextos sociais e históricos de certa época e uma materialização da forma de se pensar por meio de imagens (Soilo, 2012).

Para Schroeder (1998), a fotografia é uma prática representativa importante na vida dos consumidores, tanto como um meio de representar suas próprias histórias de vida quanto como uma maneira de transmitir informações sobre o mundo. Um comportamento humano básico é representar a si mesmo através de ação, palavra e imagem; a fotografia para ele, por tanto, é uma poderosa tecnologia de representação.

Belk (1988) observou que as posses que compreendem o self extended servem não apenas como pistas para que outros formem impressões sobre nós, mas também como marcadores para a memória individual e coletiva. Os objetos marcadores de memória do self extended funcionam para retomar lembranças de nossas experiências anteriores, ligações com outras pessoas e nossos eus anteriores. Espera-se que o self mude continuamente ao longo do curso de vida, e fotografias fazem parte de um grupo de objetos que ancoram as memórias de um indivíduo ou grupo. Inevitavelmente, não são apenas fatos, mas emoções relacionadas a esses objetos.

A discussão de self extended foi proposta por Belk em 1988, mas desde que foi formulado, muitas transformações tecnológicas impactaram na maneira como indivíduos consomem, mostrando que estando em um universo digital é necessário um trabalho em andamento, pois o comportamento continua em constante transformação (Belk, 2014). Com a intensificação da relação com aparelhos tecnológicos, aqui em especial com os fotográficos, torna-se relevante investigar este consumo, pois para Miller (1987), objetos produzidos em massa são representações da cultura vigente.

A fotografia tem origem há quase dois séculos, fato que provoca a busca pela investigação de como a relação entre consumidores e fotografia, em especial em famílias, foi sendo significada durante o tempo, considerando sujeito e objeto com uma relação mútua e que não é estática. Olhando fotografias, então, é possível enxergar modos de vida e memórias que permitem enxergar a cultura material e suas modificações ao longo do tempo. Slater (2001) argumenta que, ao transformar o mundo, nos transformamos. Nesse sentido, o consumo não pode ser simplificado como sujeitos usando objetos, pois não são independentes, estão interligados.

1.3 Posicionamento na Filosofia da Ciência

Na década de 1980 se inicia um movimento pós-positivista e interpretativo que não começa com uma teoria a ser testada, mas com um fenômeno a ser compreendido (Maclaran,

Hogg & Bradshaw, 2009). A partir disso, esse estudo se baseia em uma abordagem interpretativista em que o entendimento dos fenômenos se dará a partir dos significados da realidade percebida pelos indivíduos dentro de um tempo e um contexto determinados (Burrell & Morgan, 1979).

Considerando o enquadramento dentro dos quatro paradigmas propostos por Burrell e Morgan (1979), o paradigma interpretativo se interessa em compreender o mundo social a partir da experiência subjetiva criada pelos sujeitos envolvidos. Os autores afirmam que, para isto, há de ser antipositivista, nominalista, voluntarista e ideográfico. O debate epistemológico como antipositivista trata de não buscar leis e relações causais, mas sim as relações a partir dos indivíduos envolvidos. A ontologia como nominalista traz o mundo social constituído por nomes, rótulos e conceitos que estruturam a realidade. A natureza voluntarista posiciona o sujeito como autônomo. Por fim, o debate metodológico retrata uma abordagem ideográfica, enfatizando as questões subjetivas e o *background* dos indivíduos, e não o método de hipóteses e generalização.

Apesar de os paradigmas (Burrell & Morgan, 1979) enquadrarem a pesquisa dentro de um panorama rígido e estruturante por meio de nomenclaturas dicotômicas, entendo que essas classificações servem nesta discussão como forma de nortear o leitor a respeito da minha postura enquanto pesquisadora, mas não como forma de limitar a produção deste conhecimento. O objetivo de explanar esta postura é para reforçar que a proposta do estudo é de interpretar os significados das fotografias que será possível a partir de um trabalho de campo com famílias. Para isso, buscarei entender o fenômeno mais profundamente enxergando a sua particularidade em determinado contexto.

1.4 Estrutura do trabalho

Na introdução, primeira seção deste trabalho, desenvolvi a questão de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, justifiquei a escolha do objeto de pesquisa e da base teórica, e por fim, me posicionei em relação a Filosofia da Ciência.

No capítulo seguinte, dividido em duas principais partes, apresento a base teórica. A primeira aborda a Cultura de Consumo a partir de discussões que considero serem fundamentais para compreensões posteriores: Teoria da Cultura de Consumo (CCT), história da cultura de consumo, cultura material e significado de consumo. Na segunda parte, abro

para o entendimento acerca do meu objeto empírico, fotografia, por meio da história da fotografia e dos desdobramentos dela no mundo contemporâneo.

No capítulo três, trato dos caminhos metodológicos desta pesquisa. Primeiro, apresento a natureza do estudo e o tipo de pesquisa. Posteriormente, dialogo sobre sujeitos de pesquisa, técnicas de coleta, análise de dados, validade, confiabilidade e ética. Por fim, mostro as definições constitutivas e operacionais.

No capítulo quatro apresento a análise dos dados, passando por suporte de registro, dispositivo de registro, objeto de registro e evento de registro. Em seguida, discuto sobre os significados encontrados em campo.

No capítulo cinco, última seção da pesquisa, termino com as considerações finais, trazendo as contribuições teóricas, contribuições gerenciais, limitações e sugestões para futuras pesquisas.

2. Base teórica

Apresento neste capítulo uma discussão teórica que auxiliará no desenvolvimento da dissertação. Para isto, trago dois momentos principais: Cultura de Consumo e Universo material e digital da fotografia.

O primeiro, Cultura de Consumo, dará fortalecimento teórico por meio de entendimentos mais aprofundados divididos em: Trajetória da Teoria da Cultura de Consumo (CCT); Biografia do consumo; e Cultura material e Significados de consumo.

O segundo, Universo material e digital da fotografia, irá abordar sobre o objeto empírico deste trabalho por meio de duas frentes: A história da fotografia e Desdobramentos da fotografia no mundo contemporâneo.

2.1 Cultura de Consumo

Nesta seção, abordo discussões relacionadas à Cultura de Consumo. Para isto, divido-a em mais três partes. A primeira delas, “A trajetória da Teoria de Cultura de Consumo (CCT)”, discorre sobre entendimentos a respeito da CCT, desde o seu surgimento dentro do campo mais amplo de Marketing, passando pelas características destes estudos de consumo até chegar em um panorama quanto às publicações no mundo e no Brasil.

A segunda, “Biografia do consumo”, apresenta discussões sobre o que é consumo e aborda autores que falam sobre o início da cultura de consumo a partir de momentos da história que foram cruciais para seu desenvolvimento.

Por fim, “Cultura Material e Significado do Consumo” engloba entendimentos sobre cultura material enquanto artefatos ou conjunto de objetos que envolvem significados na relação sujeito-objeto e, também, sobre consumo como um fenômeno que é envolvido por significados.

2.1.1 A trajetória da Teoria de Cultura de Consumo (CCT)

Marketing é praticado desde tempos antigos, mas apenas no século XX tornou-se uma disciplina com diversas escolas de pensamento. Dentre elas, a escola de comportamento do consumidor, surgindo em meados da década de 1960. Antes disso havia psicólogos,

sociólogos e economistas cujos trabalhos influenciaram o desenvolvimento inicial do comportamento do consumidor no pensamento de Marketing (Shaw & Jones, 2005).

Dentro do campo mais amplo de Marketing, encontra-se o *Journal of Marketing Research* que foi criado em 1963 pela American Marketing Association (AMA), dando ênfase em estudos estatísticos (Belk, 2014). Especificamente na pesquisa com consumidores, a institucionalização foi iniciada em 1969 com a Association of Consumer Research (ACR) e em 1974 com o *Journal of Consumer Research* (JCR), seguindo, na época, o mesmo foco de estudos matemáticos e multivariados, permanecendo dominantes neste meio acadêmico (Belk, 2014; Bode & Østergaard, 2013).

As bases do estudo do comportamento do consumidor foram criadas a partir de estudos behavioristas com uma perspectiva teórica econômica de orientação gerencialista. As pesquisas eram interessadas em entender as razões por trás de determinados comportamentos dos consumidores, possibilitando prevê-los e modificá-los (Souza, Gaião, Silva, & Leão, 2013). Esse interesse de pesquisa se intensificou por conta do aumento da concorrência e do fenômeno da globalização (Casotti & Suarez, 2016)

Apenas na década de 1980 é que surge a Teoria de Cultura de Consumo (CCT), sendo uma opção diante da epistemologia positivista dominante dos estudos de comportamento do consumidor, tratando o consumo como fenômeno cultural (Gaião, Souza, & Leão, 2012; Souza et al., 2013). Dois momentos foram fundamentais para o desenvolvimento da CCT. Primeiramente, eventos como a *Symbolic Consumer Behavior Conference*, realizada em 1980 em Nova Iorque, com um grupo de pesquisadores com interesses semelhantes e que estavam a construir a *Odisseia do Comportamento de Consumidor*, organizada principalmente por Belk (Bode & Østergaard, 2013). Esse projeto foi uma viagem feita por vários pesquisadores observando e entrevistando consumidores nos EUA, mostrando ao campo outras formas de produzir conhecimento (Belk, 2014).

O segundo momento relevante foi o de rotulagem do nome CCT pelo artigo seminal de Arnould e Thompson em 2005, caracterizado como a construção de capital social de legitimação para superar o posicionamento marginalizado de uma tradição de pesquisa que antes era conhecida como ciência estranha (Bode & Østergaard, 2013). Também era chamada de relativista, pós-positivista, interpretativista, humanista, naturalista e pós-moderna, antes do nome Teoria de Cultura de Consumo. Essa tradição de pesquisa teve sua primeira definição como sendo um conjunto de perspectivas teóricas que discutem sobre relações entre consumidor, mercado e significados culturais (Arnould & Thompson, 2005).

A CCT é influenciada principalmente pela antropologia cultural e considera a realidade sociocultural, dando importância para a subjetividade humana e para as questões simbólicas das relações sociais (Gaião et al., 2012). Ela explora a “heterogeneidade da distribuição de significados e a multiplicidade de agrupamentos culturais que se sobrepõem, coexistindo dentro do contexto sócio-histórico mais amplo da globalização” (Casotti & Suarez, 2016, p. 355).

Os estudos em CCT buscam as dimensões socioculturais do consumo que, muitas vezes, não são acessíveis por meio de técnicas quantitativas. Sendo assim, a pesquisa qualitativa é mais central e compreende a maioria desses estudos, apesar de não ser a única (Arnould & Thompson, 2005). A Teoria de Cultura de Consumo foi ganhando força no campo mais amplo de Marketing, tornando-se reconhecida pelos principais periódicos e eventos relacionados à American Marketing Association e Association for Consumer Research. Ainda, vem sendo ampliada pela participação de pesquisadores da Ásia, África, orla do Pacífico e América do Sul (Arnould & Thompson, 2015).

Há um crescimento no número de publicações realizadas por pesquisadores de instituições de ensino que usam CCT como base teórica a partir de 2008, após o artigo de Arnould & Thompson (2005), e a ampliação de pesquisas nos Estados Unidos, sendo modelo para outros países (Morais & Quintão, 2016). No Brasil, a CCT é um dos temas em destaque da área de Marketing, o que é visível pelo alto número de submissões no Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Em 2009, foi criado o tema Cultura e Consumo no Enanpad, que veio a estar entre os dois temas com maior número de submissões na área de Marketing e, em 2010, surgiu no Encontro de Marketing da Anpad (EMA) o mesmo tema (Casotti & Suarez, 2016; Quintão & Pereira, 2017; Souza et al., 2013).

O Brasil, sendo um país emergente, contribui para as pesquisas em CCT trazendo de que forma o conhecimento já existente se aplica neste território (Casotti & Suarez, 2016). Levar em consideração o contexto do local da pesquisa é compreender que as estruturas teóricas não são globalmente aplicáveis, principalmente em relação ao contexto de economias em desenvolvimento ou não ocidentais (Maclaran, Hogg, & Bradshaw, 2006).

2.1.2 Biografia do consumo

A Cultura de Consumo é um campo de investigação que tem o consumo como foco central. Dessa forma, examina as partes e o valor envolvido quando um indivíduo adquire, usa ou descarta um produto, sendo esse utilizado para satisfazer uma necessidade, um desejo ou

alcançar um objetivo. Por produto tem-se bens tradicionais duráveis e não duráveis, serviços intangíveis, ideias e eventos (Holbrook, 1987).

Segundo Goodman e Cohen (2004), o consumo é historicamente variável e seus significados diferem de cultura para cultura. Consumir é um fenômeno que sempre existiu, atuando como um processo que possibilita a reprodução humana física e social (Barbosa & Campbell, 2006). Entretanto, há diferentes visões a respeito do início efetivo da cultura de consumo e do próprio entendimento sobre o que é consumo.

No senso comum, consumo está relacionado à exaustão e/ou aquisição de algo, aparecendo por meio de classificações como supérfluo ou ostentatório, tratado predominantemente pelo lado negativo, como um processo individualista e desagregador (Barbosa & Campbell, 2006). Em consonância, estudos tradicionais tratam a história do consumo como consequência da Revolução Industrial em uma visão produtivista. Sendo assim, reduzem o consumo ao consumismo, como mero derivado da produção industrial em massa. Mesmo quando consumo é objeto de análise, acaba sendo alinhado à produção (Sassatelli, 2007).

Trazendo um contraponto, Sassatelli (2007) argumenta que a demanda, mais do que a produção, tornou-se parte primordial do processo econômico e cultural. A sociedade moderna não foi impulsionada apenas pela Revolução Industrial, mas principalmente pelo próprio consumo, que afetou expressivamente mudanças de representações e significados (Ássimos & Batina, 2017).

Goodman e Cohen (2004) mostram que antes da Revolução Industrial já havia consumo. Contudo, o que as pessoas consumiam até então era, em grande parte, produzido pela família ou por alguém próximo. As mercadorias eram relacionadas à capacidade de se tornarem valiosas ao serem transferidas entre gerações. Veblen (1899) discutiu sobre o consumo de determinados bens como forma de demonstrar status por aqueles que tinham condições de gastar com bens para demonstrar riqueza e, os que não possuíam, agiam de modo a imitar (Veblen, 1899). Além disso, McCracken (2007) argumenta que havia também uma questão de significado cultural complexa e variada que bens de consumo carregam.

Segundo McCracken (2003), três momentos se destacaram na biografia do consumo. O primeiro foi com a corte de Elizabeth no século XVII apresentando um consumo conspícuo como forma de governar com gastos em vestuário e hospitalidade que tiveram respaldo nos familiares e na localidade. No século XVIII ocorreu o segundo momento, em que o consumo começou a ser mais frequente, a fazer parte de mais grupos sociais, com mais bens disponíveis, em função de novas finalidades culturais e se constituindo como uma extensão da

vida social. Por fim, o último momento foi no século XIX, fazendo com que o consumo passasse a ser um fato social permanente. Uma das principais mudanças neste período foi o surgimento das lojas de departamento atuando como agentes de difusão.

Na Europa, a transformação se passou de loja no sentido de extensão de uma residência em que a maioria dos itens era feita sob encomenda para lojas de departamento que se tornaram uma forma de lazer e de exibição de itens. Entrar em uma loja anteriormente era praticamente uma obrigação de compra em que não havia preços fixos, sendo a prática de negociação muito comum, o que também foi se alterando durante a transição para outros formatos de loja (Goodman & Cohen, 2004).

Antes do século XIX o consumo já estava relacionado à cultura, mas que o que é conhecido como Cultura de Consumo se solidificou após este período. Nas sociedades anteriores, o consumo poderia aparecer como um reflexo de outros valores, tais como bom gosto ou posição social. Na sociedade moderna aprendeu-se a simplesmente consumir, não mais apenas por questão de gosto ou de posição (Goodman & Cohen, 2004). As pessoas não se sentem mais facilmente satisfeitas como no passado. A complexidade de significados que podem ser dados às coisas e às experiências levam as opções de consumo ao infinito (Sassatelli, 2007).

As mudanças no consumo durante o tempo parecem contraditórias: se tornaram mais simples e ao mesmo tempo mais complexas. Mais simples, pois a atividade se mostrou mais comum. Porém, as escolhas, os significados e as relações envolvidas demonstraram ser mais complexas. Não foram apenas mudanças nos gostos e hábitos de consumo, mas também transformações de conceitos ocidentais de espaço, tempo, sociedade, indivíduo, família e estado (McCracken, 2003).

À medida que o que é criado pelo ser humano fica mais complexo, o mesmo ocorre com a subjetividade humana. Sendo assim, para assimilar o mundo objetivo com uma experiência subjetiva é preciso reconhecer o mundo como realmente feito por nós. Não enxergar o consumo como produto do trabalho humano pode fazer com que seja visto como um ambiente natural que está fora do controle (Slater, 2001). Se for compreendido que os desejos são naturais ou inevitáveis, a cultura de consumo parece natural e inevitável. Por outro lado, se houver dúvidas sobre isso, tentar mudá-la ou rejeitá-la completamente, então é preciso enxergá-la como um fenômeno sócio-histórico que poderia ter sido diferente (Goodman & Cohen, 2004).

O consumo articula coisas e seres humanos, trazendo uma possibilidade de compreender o mundo. Por meio dele a cultura se expressa por ideais, estilos de vida,

princípios e identidades sociais. A cultura molda a experiência da vida cotidiana e os códigos culturais dão coerências às práticas e ao consumo (Rocha, 2000).

2.1.3 Significados do Consumo e Cultura Material

Bens de consumo carregam significados que vão além de características utilitárias e valor material de viés economicista (Barros, 2007; McCracken, 2007). Segundo Levy (1959), os objetos tem significado pessoal e social além da função propriamente dita. Os significados reforçam a forma como os consumidores pensam sobre si e o consumo é o reflexo do pensamento do consumidor acerca deste significado atribuído. Para Goodman & Cohen (2004), os significados são sociais, mas isto não significa que o meio social determine o significado de maneira absoluta. Pessoas diferentes podem encontrar significados distintos no mesmo objeto.

McCracken (2007) elaborou um modelo que parte da ideia de que bens de consumo tem significados que transbordam as questões utilitárias. Esses significados estão em deslocamento com apoio de movimentos de grupo e individuais em todas as etapas, como projeto, produção e publicidade, até chegar ao consumidor. O processo flui em três esferas: mundo culturalmente constituído, bens e indivíduos. Na primeira, o significado flutua em diferentes locais do mundo social. Esses significados são transferidos para a segunda esfera, dos bens, que depois são absorvidos pela última delas, a dos consumidores. Dessa maneira, para o autor o significado é elaborado e mediado pelo consumo, movendo-se do mundo para o bem e do bem para o indivíduo.

Por outro lado, para Goodman e Cohen (2004), por mais fortes que sejam os significados promovidos, assim que um consumidor adquire um objeto, este faz uma interpretação deste objeto, uma história que lhe confere um significado especial. Para os autores, todas as culturas encontram significados em bens. Estes podem representar status social, símbolos de experiências íntimas, memórias passadas, sinal de identidade atual ou símbolo do que se espera ser.

A respeito da relação entre bens e consumidores, Belk (1988) traz o conceito de self extended, mostrando que esta ligação reflete uma extensão do eu e a própria identidade do indivíduo. Os bens, para ele, são cruciais para definição da identidade, de forma que os consumidores usam bens como forma de estender e fortificar a sua noção de “eu”. Com isso, o autor discute que para compreender o consumidor é preciso investigar os significados atribuídos às suas posses.

Para Miller (1998), os significados são construídos simultaneamente no ato do consumo, trazendo a materialidade do consumo como um processo dinâmico entre consumidores e os objetos. Para o autor, a análise do consumo deve partir da dualidade sujeito-objeto, sendo a forma pela qual indivíduos se interligam com os objetos. Em Miller (2013) ele argumenta que é preciso reconhecer a materialidade de forma a não negá-la, propiciando uma compreensão das coisas e das pessoas, pois para ele os objetos são representações de ideias. Com isso, entendendo as coisas é possível também entender os indivíduos dentro de uma cultura.

Cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas pelas quais os indivíduos se orientam no mundo. Cultura material, por sua vez, compreende o conjunto de objetos, criados ou não pelos indivíduos, que são imbuídos de significados pelas práticas e, ao mesmo tempo, ajudam a dar sentido para as mesmas práticas (Sassatelli, 2007). Cultura material inclui objetos que fazem parte de um conjunto de significados abertos que necessitam de agentes para se tornarem significativos. Ou seja, o significado não é dado, mas dependente da relação que existe entre ele e o indivíduo (Sassatelli, 2007).

No século XX, o termo cultura material surgiu por meio de uma intersecção entre as disciplinas de arqueologia e antropologia. Durante o fim do século XIX havia preocupação com a análise de objetos, tornando-os centrais como forma de documentação do passado, compreensão do presente e visualização do futuro. No início do século XX os interesses antropológicos passaram de objetos para um contato mais próximo com sociedades vivas por meio do trabalho de campo (Hicks, 2010).

Segundo Hicks (2010), no fim da década de 1980 houve a mudança conceitual de tecnologia para cultura material como resposta às abordagens estruturalistas e interpretativas, a fim de unir o estrutural e o significado em uma única análise. Ainda na mesma década, em Cambridge, Daniel Miller conceituou os estudos da cultura material como uma antropologia social do consumo. Sendo assim, discutir cultura material é uma forma de alinhar a CCT aos estudos antropológicos (Arnould & Thompson, 2007; Miller, 2007).

Miller (2007) mostra que a preocupação em olhar para o que é material não está imune de receber críticas. A crítica ao materialismo é a de que indivíduos ou relações puras são contaminadas por objetos. Entretanto, o autor argumenta que a questão moral do consumo não pode ser confundida com o ato de consumir em si, já que as pessoas sempre consumiram aquilo que era produzido por elas mesmas ou pelos outros. Deste modo, uma abordagem de cultura material é uma compreensão profunda e não simplificada da humanidade, como forma

de identificar uma materialidade intrínseca. Não se olha para objetos por si só, mas para a dualidade sujeito-objeto (Miller, 1987).

Partindo da mesma ideia, para Ferreira e Scaraboto (2016) consumidores e objetos são elementos co-constitutivos em sua relação por meio de um processo dialético. A materialidade é capaz de conectar e transformar objetos e consumidores ao mesmo tempo. Cultura material pode ser considerada sinônimo de artefatos, no sentido de englobar o extenso universo de objetos utilizados pelos indivíduos para lidarem com o mundo, se relacionarem socialmente e compreenderem a própria mente (Hicks, 2010).

2.2 Universo material e digital da fotografia

Trato da fotografia, objeto empírico deste trabalho, a partir de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo principalmente os conhecimentos de Antropologia, História e Comunicação, alinhando-os ao campo da Administração. Para isto, divido a seção em duas: a história da fotografia e os desdobramentos da fotografia no mundo contemporâneo. A primeira parte se preocupa em discorrer desde o surgimento do primeiro aparelho fotográfico até os avanços tecnológicos dos dias de hoje. A segunda aborda a fotografia a partir de uma dualidade sujeito-objeto, tendo ela como objeto e as pessoas como sujeito, em uma relação que foi sendo transformada e intensificada durante o tempo.

2.2.1 A história da fotografia

O entendimento da história da fotografia tem relevância para a dissertação por mostrar as transformações tecnológicas que ocorreram durante o tempo. Do período dagarreteano às primeiras tentativas de contato com o espaço sideral durante os últimos cento e oitenta anos, a fotografia tem sido companheira do indivíduo como forma de comprovar a sua presença e suas realizações em dado momento. Ela tem sido presente, por exemplo, como forma de recordação familiar, meio de informação de notícias e forma de expressão (Kossov, 2001).

A fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da união do francês Joseph Nicéphore Niépce, que pesquisava litogravura e se interessava em atingir meios técnicos de fixar uma imagem; e Louis Jacques M. N. P. Daguerre, pintor preocupado com a imagem a partir do campo do entretenimento (Mauad, 1996). Em 1816, Niépce caminhou com o início do trajeto

de registros por meio de câmera escura e associou-se posteriormente à Daguerre. As descobertas de Daguerre foram validadas em 1839 em Paris com um aparelho responsável pela gravação de imagens por meio de câmera escura, conhecido como daguerrótipo (Oliveira, 2005), que pode ser visto na Figura 1.

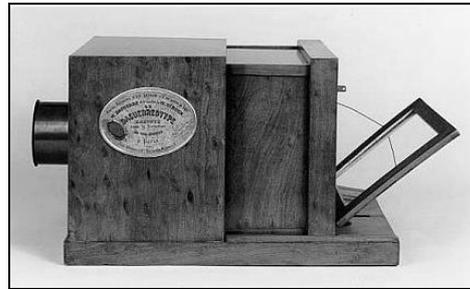


Figura 1: Daguerrótipo

Fonte: <https://puesocurrences.wordpress.com/2011/12/09/the-worlds-oldest-camera/>

Em meados de 1840 na França e Inglaterra, as primeiras câmeras fabricadas eram manuseadas pelos inventores e por um número restrito de pessoas que as operavam. Não havia fotógrafos profissionais ou amadores e a fotografia era uma atividade que ainda não tinha uma função social visível. Era um passatempo destinado à uma classe rica. Após 30 anos, em 1871, fotos em Paris já haviam adentrado a polícia e funcionavam como forma de testemunho, vigilância e controle da população (Sontag, 2004).

Em 1900 era visível a presença de uma empresa forte no mercado, conhecida como Kodak. A câmera Brownie da Kodak tinha este nome, pois Brownies eram elfos que realizavam tarefas do lar sem que humanos percebessem. A associação com a câmera remetia o ato de fotografar como simples e mágico. Em uma das propagandas (Figura 2), o aparelho é utilizado por uma criança, tentando mostrar a facilidade de operação (Libério, 2013). Entretanto, segundo Mauad (1996), no século XIX o aparelho fotográfico ainda era manuseado em grande parte apenas por um seletto grupo de profissionais.



Figura 2: Câmera Kodak Brownie em 1900

Fonte: Liberio (2002)

No início do século XX a imagem fotográfica fazia parte do controle social por meio de documentos de identidade e passaportes. Nota-se que até hoje diversos documentos relevantes dependem de uma fotografia com o rosto do indivíduo (Sontag, 2004). No fim do mesmo século já era possível ver outras formas de fotografia, como a de famílias. No Brasil, a partir do estudo de Leite (1993) sobre retratos de família em São Paulo clicados entre 1890 e 1930, foram identificados neste período imagens de casamento, casais, mães e filhos pequenos, família, classe escolar e piqueniques, representando momentos relevantes para um dado grupo social. Fotografias em casamentos pareciam superar barreiras de classe, enquanto os álbuns de família eram um registro presente na classe alta e média. Era notável a diferença a partir da qualidade da imagem e do papel utilizado na revelação do registro em condição material.

As fotografias eram clicadas geralmente na área externa da casa das pessoas ou em interiores, considerando que havia dificuldade na iluminação, pois lâmpadas de magnésio só foram feitas a partir de 1917. As poses eram pensadas e artificiais, demandando um longo período de exposição em que os fotografados tinham que ficar parados. Hierarquia e estabilidade eram mensagens visíveis nas imagens, escondendo possíveis conflitos. Verificou-se que havia uma dependência de fotógrafos profissionais, pois apenas em 1936 surgiram inovações de iluminação e câmeras móveis menores em que a própria família poderia fotografar (Leite, 1993).

Com isso, Leite (1993) constatou que havia uma aparente padronização nas fotografias, incluindo que nenhuma das imagens era colorida. Quanto à coloração das fotografias, Zanini (2014) mostra que o primeiro filme colorido surgiu em 1907; em 1935 houve a aparição do primeiro filme colorido moderno; e em 1963 a Polaroid introduziu um

filme colorido instantâneo. Todavia, até cerca de 1970 havia certa resistência da migração do clássico preto e branco para o colorido, também pelo fato de os preços serem altos.

Segundo Sontag (2004), o ponto em que a fotografia tornou-se presente na cultura de massa foi por volta de 1945. Essa expansão aparece no Brasil quando uma foto da década de 1960 podia ser realizada por meio de uma câmera Kodak Instamatic (Figura 3). Conhecida como fotografia instantânea, tinha por objetivo o registro de diferentes vivências familiares, como casamentos, passeios, aniversários (Mauad, 1996).



Figura 3: Câmera Kodak Instamatic

Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Instamatic>

Considero relevante ressaltar que a Kodak não era a única fabricante de câmeras atuando no mercado de fotografia naquele momento, mas as imagens de suas propagandas chamam atenção para alguns pontos em relação à história da fotografia, como é possível verificar na legenda da propaganda da Kodak veiculada no Brasil em 1979:

“Você não precisa entender nada de fotografia para dar um show. A câmera Kodak Instantânea é moderna, não tem botões complicados, fotografa bem em qualquer lugar, com luz do sol ou flash. (...). Agora o gostoso mesmo é ver a cara do pessoal quando a imagem da foto que você tirou vai aparecendo... aos pouquinhos... como num passe de mágica (...). Compre logo sua câmera Kodak Instantânea e comece o espetáculo. Você vai receber muitos aplausos.”

Nesta propaganda (Figura 4), noto pela legenda do anúncio alguns avanços na fotografia. Primeiro, garantindo que os cliques não corriam perigo de serem perdidos por conta de iluminação, fator que atrapalhava a qualidade de algumas fotos anteriormente. Também percebo a tentativa de popularizar a câmera fotográfica informando que o processo de fotografar era simples e que poderia ser feito em qualquer lugar. Uma forma de incentivo era propor a própria socialização entre as pessoas, pois a ideia do anúncio era mostrar que possuir um aparelho que imprimisse o resultado na hora era um diferencial no grupo.



Figura 4: Propaganda da Câmera Kodak Instantânea em 1979

Fonte: Propagandas históricas (<http://www.propagandashistoricas.com.br>)

Até então, a fotografia presente era chamada de analógica. Por mais de 100 anos ela pouco evoluiu em relação aos princípios da sua descoberta. Todavia, no século XX as imagens fotográficas começaram a ocupar espaço em grande escala pela imprensa, fazendo com que profissionais da área buscassem aparelhos mais leves e rápidos. Com isso, fabricantes despertaram o interesse e adentraram para uma nova fase: a fotografia digital (Oliveira, 2005).

Na década de 1980, com o aparecimento da fotografia digital, a fotografia analógica começou a perder forças. Grandes fabricantes pronunciaram o fim das fábricas e dos materiais destinados à fotografia analógica. Em 1981, representando a nova fase da fotografia, um aparelho importante para a época foi a Sony Mavica (Figura 5). Todavia, ainda não permitia o acesso amplo à fotografia digital, apenas para um pequeno público (Felizardo & Samain, 2007).



Figura 5: Sony Mavica

Fonte: Digital Kamera Museum (<http://digitalkameramuseum.de>)

Na década de 90 o uso da fotografia digital era direcionado à empresas jornalísticas, começando a se tornar acessível para o público em geral apenas no fim desta mesma década (Felizardo & Samain, 2007). Na primeira década do século XXI, as câmeras digitais conquistaram espaço por meio de formas compactas, celulares com câmera e pela popularização da Internet, deslanchando em vendas e sendo vetor de transmissão daquilo que é passível de ser digitalizado (Targa, 2010).

Segundo Palfrey e Gasser (2011), juntamente com a proliferação de aparelhos fotográficos, alguns marcos se mostram relevantes. Em 1991, a World Wide Web surgiu e alguns anos depois começou a se disseminar. Ferramentas de edição de imagem como o Adobe Photoshop iniciaram sua jornada. Sites de busca e de comércio virtual apareceram no fim da década de 1990. No início de 2000 nasceram as primeiras redes sociais virtuais e blogs.

Com celulares com câmeras embutidas em mãos e acesso à Internet, surge a possibilidade de clicar e compartilhar em plataformas e aplicativos de redes sociais virtuais. Há também o recebimento de imagens de outras pessoas, gerando um movimento de troca. Com isso, há um salto de câmera analógica para um vasto número de imagens digitais que circulam pelo mundo (Iqani & Schroeder, 2016).

Essas transformações juntas retratam um momento da fotografia muito diferente de quando ela foi inventada no século XIX. Em um período temporal não tão longo, a presença da fotografia se alterou bruscamente na vida das pessoas. Em um primeiro momento, a fotografia era restrita a um grupo seletivo de pessoas pelo fato de demandar conhecimento técnico e pelo alto custo. Aos poucos ela foi adentrando meios sociais e deixando rastros de significados importantes dentro de cada contexto da sua biografia, seja como forma de documentação, de veiculação de notícias ou de representação familiar. Nos últimos anos com os avanços tecnológicos teve uma profunda mudança por ter sido amplamente popularizada e por permitir registros de -quase- qualquer momento que um indivíduo considere viável de ser clicado.

2.2.2 Desdobramentos da fotografia no mundo contemporâneo

Se cultura material é possível de ser descrita textualmente, também é admissível de ser estampada por fotografias que, inclusive, apresentam questões não reveladas pela escrita (Soilo, 2012). A fotografia é um artefato em que se pode identificar as características da época que foi produzida, como o assunto e a tecnologia, bem como informações a respeito do

espaço-tempo retratado. Ela é, ao mesmo tempo, objeto e imagem. Objeto enquanto sendo física e imagem enquanto sendo única (Kossoy, 2001).

A fotografia, segundo Schroeder (1998), é uma importante maneira de compreender consumidores, tanto a partir de suas histórias de vida quanto como forma de transmitir informações sobre o mundo. Para ele, a prática da fotografia é parte do comportamento do consumidor não apenas pela compra de aparelhos fotográficos, mas também pelo ato de fotografar, de classificar, de selecionar imagens para álbuns e quadros, mostrar para outras pessoas e ver fotografias de outras pessoas.

De acordo com Soilo (2012), fotografias representam modos de viver, ritos, memórias e permitem o entendimento da cultura material e suas transformações durante o tempo. Uma particularidade da fotografia é que as histórias contadas a partir dela se constituem tanto pelo conteúdo do momento registrado quanto dos laços fortes que estão por trás no dia a dia (Santos, 2016). Por meio da relação das pessoas com alguns objetos é que torna-se possível manter viva a memória de indivíduos que, de outra maneira, poderiam ser esquecidos (Money, 2007).

Com a fotografia, inúmeros momentos congelados do passado em formato de imagens podem ser retomados como forma de lembrar instantes ocorridos durante a vida. Ao narrar sobre uma imagem, o discurso permite descongelar conteúdos que podem ser contatos para si ou para outros, englobando lembranças e emoções (Kossoy, 2001).

Em consonância, Schroeder (2002) afirma que falar sobre uma imagem é tentar relacioná-la com a visão que ela representa. Ao olhar uma fotografia, nela encontra-se parte de uma história. Contudo, a imagem é um enquadramento fruto da experiência de mundo do fotógrafo e é interpretada pela bagagem cultural do receptor (Kossoy, 2001). O meio em que o indivíduo está inserido está intimamente relacionado com a cultura, valores de uma determinada época, contexto político e social (Soilo, 2012).

Adultos, hoje, podem visualizar como pais e avós eram quando crianças com maior precisão, fato que não ocorria antes da invenção da câmera, pois havia apenas um pequeno e seleto número de pessoas que tinha algum retrato armazenado por meio de pintura. Essa forma de registro se dava geralmente por meio de apenas uma imagem, que era suficiente por ter o intuito de reforçar uma posição social. Após a popularização das câmeras, é comum ter várias fotos de diversas fases da vida (Sontag, 2004).

Com uma câmera em mãos é possível capturar eventos e rituais significativos na vida das pessoas, como aniversários, formaturas, casamentos, férias, oportunizando a criação de memórias que podem ser observadas a posteriori (Schroeder, 1998). Por outro lado, Fernandes

e Torquatto (2008) mostram que, aos poucos, a relevância do registro deixa de ser apenas em momentos rituais e se mostra presente no cotidiano, em que um motivo para registro pode ser qualquer um: encontro entre amigos em bares, paisagens, retratos de si, comidas, entre outros. Esses novos assuntos de registro fotográfico se intensificam com as câmeras presentes em celulares com câmera, fazendo das pessoas paparazzis, muitas vezes clicando mais do que vivenciando experiências.

O ambiente digital engloba funções de manutenção e expansão das relações sociais que antes eram presentes apenas no contato pessoal. A fotografia dentro deste espaço permitindo a sociabilidade é um resultado da popularização dos aparelhos fotográficos, disponibilidade de conexão com a Internet e da expansão tecnológica (Fernandes & Torquato, 2008; Junior, 2012; Santos, 2016; Targa, 2010). Portanto, o ambiente digital é um contexto fértil para estudos de consumo como um fenômeno incorporado que envolve infinitas ligações e estruturas emaranhadas (Arnould & Thompson, 2007).

Em um dado momento, fotografias passaram a não mais se caracterizar por estarem apenas em uma ambiente privado ao terem a possibilidade de serem enviadas para uma rede de contatos próximos e não próximos por meio da Internet, sendo vetor de comunicação e criador de uma sociabilidade até então inexistente. Por conta da fotografia digital e do telefone móvel, a fotografia aparece como uma forma instantânea de se comunicar, diferentemente de antes, em que fotografar, transportar e revelar levava horas ou dias, ou seja, demandava outra temporalidade de produção (Fernandes & Torquato, 2008; Lemos & Pastor, 2018).

Dentro do meio digital existem aplicativos e plataformas que se relacionam com o compartilhamento de fotografias. Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat e Whatsapp são exemplos que atuam como vetores na movimentação de fotografias e mensagens de diferentes tipos, prontos para promoverem as trocas sociais (Santos, 2016).

Segundo o estudo de Brito e Freitas (2019) sobre compartilhamento de fotografias em redes sociais virtuais, o ato da postagem gera expectativa de retorno em formato de curtidas e comentários, causando sentimentos opostos nos usuários, como felicidade quando a expectativa de repercussão é atendida, e tristeza quando isto não ocorre. A questão tempo também é envolvida neste processo. O tempo entre postagem e reação de pessoas importa, fazendo com que a foto possa até ser apagada caso não atinja aquilo que era esperado em um pequeno espaço de tempo.

O avanço de um conjunto de tecnologias permitiu novas formas de fotografar, como a *selfie*, que é um autorretrato feito com uma câmera frontal de celular com câmera e que, ao ser

veiculada na Internet, costuma ser acompanhada de algum comentário escrito. O intuito deste registro é inserir a pessoa como assunto principal no primeiro plano, tendo papel de protagonista na imagem (Santos, 2016). *Selfies* também podem ser produzidas juntamente com outras formas de fotografia. As pessoas fotografam si mesmas, em seguida viram o telefone para tirar foto de outra pessoa próxima. Com isso, a troca de imagens pode ser presente na interação local. O assunto da interação, inclusive, pode ser as próprias fotografias (Weilenmann & Hillman, 2019).

A fotografia serve também como documentação de consumo realizado longe dos olhos de familiares, amigos e conhecidos. Quando se pensa em turismo, soa estranho viajar sem carregar uma câmera. Fotos fornecem provas de que a viagem aconteceu e de que houve diversão (Sontag, 2004). Com isso, é comum lembrar de ter visto algo interessante e lamentar-se de não ter fotografado. Segundo Sontag (2004, p. 10), em tempos recentes, “como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder”.

3. Caminhos metodológicos

Neste capítulo estão os caminhos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Início apresentando a natureza do estudo e o tipo de pesquisa adotados. Em seguida, discorro sobre validade, confiabilidade e ética de pesquisa. Depois, discuto sobre critério de seleção dos sujeitos de pesquisa, técnicas de coleta, procedimento de análise dos dados, apresentação dos sujeitos de pesquisa e categorias de análise. Por fim, apresento as definições constitutivas e operacionais.

3.1. Natureza do estudo e tipo de pesquisa

Na busca em compreender mais profundamente um fenômeno por meio da lente de CCT, realizei a pesquisa a partir de uma epistemologia interpretativista de natureza qualitativa. De acordo com Gaião, Souza e Leão (2012), esta se importa com a realidade sociocultural e se dedica aos aspectos simbólicos dentro das relações sociais. Para os autores, os estudos em CCT privilegiam a metodologia de pesquisa qualitativa, pois enxergam o consumo como um fenômeno cultural.

Qualquer escolha metodológica tem possibilidades e limites, sendo a escolha mais adequada aquela que melhor responde o problema de pesquisa (Vieira, 2013). Meu problema de pesquisa é pautado em compreender como se configuram os significados do consumo de fotografia em famílias a partir da passagem da condição material para digital. Em estudos interpretativistas, o início da pergunta de pesquisa “como” e “que” se torna mais comum do que “por quê”, “quem” “quando” e “onde”, pois os pesquisadores buscam complexas interações de fatores em certo contexto, e não uma rigidez de ligações causa-efeito (Gaião et al., 2012).

Nesse sentido, o entendimento do fenômeno se deu a partir dos significados da realidade percebida pelos indivíduos dentro de um tempo e um contexto determinados (Burrell & Morgan, 1979). Considerando neste caso a importância da proximidade com os sujeitos de pesquisa, a imersão e o envolvimento no campo, a pesquisa qualitativa pareceu ser a mais adequada (Vieira, 2013).

Em consonância com a natureza qualitativa, o tipo de pesquisa que desenvolvi foi descritiva. Segundo Triviños (1987), um estudo descritivo busca descrever os fatos e fenômenos de certa realidade. Com isto, meu propósito foi conhecer determinado fenômeno e

suas características. O tipo de corte de estudo é caracterizado como transversal, pois fiz comparações empíricas de diferentes contextos coletados em um mesmo período, sendo esses relacionados à realidade de cada família que participou da pesquisa.

3.2 Validade, confiabilidade e ética

Em pesquisas qualitativas uma das questões centrais na validade está em como o pesquisador pode justificar suas interpretações (Oliveira & Piccinini, 2009). O processo nos estudos qualitativos insere o pesquisador como central nas atividades desenvolvidas, em que consciência das escolhas metodológicas e decisões durante o trabalho envolvem as questões de validade e confiabilidade (Ullrich, Oliveira, & Basso, 2012).

Para Oliveira e Piccinini (2009), a validade é construída durante várias etapas que mostram a consistência da pesquisa: (1) Problematização do assunto, (2) Estrutura da pesquisa, (3) Coleta de dados, (4) Interpretação e (5) Verificação. A relação com participantes gera um estudo único, sem pretensão de generalização e busca de verdades, mas comprometido com a construção de conhecimento.

Creswell (2007) recomenda algumas estratégias para validade em pesquisas qualitativas, tais como triangular diferentes fontes de dados; usar descrição rica e densa para transmitir resultados; e pontuar limitações da pesquisa para gerar uma narrativa aberta e honesta. Para assegurar tanto a validade quanto a confiabilidade, utilizei de mais de uma técnica de coleta, roteiro de entrevista e observação com base no referencial teórico para atingir os objetivos, gravação das entrevistas, fotografias, transcrição minuciosa e descrição densa nas interpretações.

Por se tratar de uma investigação que envolve pessoas, preocupações éticas são de extrema importância. Deve haver, obrigatoriamente, consentimento dos(as) participantes após informar de forma cuidadosa o propósito da pesquisa e proporção de direito à privacidade protegendo a integridade dos(as) participantes (Fontana & Frey, 2005). Dessa maneira, utilizei de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D) para que houvesse consciência das partes a respeito da pesquisa.

3.3 Técnicas de coleta

Na pesquisa qualitativa há uma variedade de possibilidades de operacionalização, como entrevistas pessoais, grupo focal, técnicas projetivas, observação participante, estudos de caso, etnografia, fotografia e narração de histórias (Levy, 2007). Neste estudo utilizei de três técnicas de coleta: entrevista, observação e fotografia. Assim, a narrativa foi unida com registros fotográficos dos artefatos materiais que ajudaram a enriquecer a interpretação (Hodder, 2005).

Como busquei entender o significado presente na relação sujeito-objeto, utilizei entrevista semiestruturada em profundidade. Segundo Duarte (2005), esta é uma técnica dinâmica que serve tanto para tratar de questões íntimas de quem é entrevistado(a), como descrever as complexidades envolvidas. As entrevistas semiestruturadas se caracterizam pela exploração de determinado tema a partir de um roteiro-base e pela flexibilidade de cada questão poder ser aprofundada a partir da resposta, ou seja, perguntas mais gerais podem instigar perguntas específicas.

O roteiro de entrevista (APÊNDICE A) foi elaborado com foco na relação traçada entre os sujeitos da pesquisa e as fotografias. Em outras palavras, cada família poderia ter incontáveis imagens fisicamente e digitalmente, porém o meu roteiro foi elaborado como forma de estimular as pessoas a comentarem livremente sobre fotografias que elas desejassem para que fosse possível compreender esta relação. Com o sentido de resgatar todas as falas após o trabalho de campo, todas as entrevistas foram gravadas.

A segunda técnica de coleta, observação, teve sua função neste trabalho a partir da visualização de onde as fotografias estavam armazenadas. O protocolo de observação (APÊNDICE B) foi elaborado para atuar como guia no campo. Segundo Creswell, (2007), as observações são aquelas que o(a) pesquisador(a) faz em notas de campo no local da pesquisa como forma de registro.

Ao inserir o último meio de coleta, o das fotografias, há o enriquecimento da representação textual, de forma a auxiliar a relembrar o trabalho de campo por meio de registros. Torna-se possível documentar, analisar e contextualizar aquilo que foi ouvido em campo com as imagens (Penãloza & Cayla, 2007). Dessa forma, ter fotografado as imagens das quais as famílias estavam narrando auxiliou na análise posterior a partir de um roteiro (APÊNDICE C). Pelo fato do próprio objeto empírico de pesquisa ser fotografia, adotei alguns critérios para ajudar no direcionamento do olhar no campo como forma de atender os objetivos propostos.

Alguns teóricos já fizeram algumas propostas para visualizar e interpretar fotografias. Schroeder (2007) propôs olhar para elementos como: (1) Descrição, englobando elementos formais como composição, cor e contraste; (2) Assunto, que são pessoas, objetos e lugares; (3) Forma, que é como o assunto é apresentado; (4) Material, descrevendo aquele no qual foi impresso; (5) Estilo, sendo o tratamento característico do(a) fotógrafo (a); e (6) Gênero, que é a referência utilizada. Por fim, o autor sugere comparação entre as imagens. No entanto, este modelo é mais adequado para imagens publicitárias, por se preocupar com questões técnicas de produção, como estilo e gênero, que são descrições mais direcionadas às fotografias profissionais.

Mauad (1996) elaborou uma proposta mais abrangente, explanando a possibilidade de analisar um universo maior de fotografias, não apenas o profissional, mas também, o pessoal. Ela se baseou em duas frentes a serem observadas: (1) Ficha de elementos da forma do conteúdo com local, tema, pessoas, objetos, atributos das pessoas e tempo retratado; e (2) Forma da expressão com tamanho da foto, tipo de foto, enquadramento (horizontal ou vertical), direção da foto (esquerda, direita, centro), distribuição de planos, objeto central, foco, interpretação visual, iluminação, produtor (amador ou profissional). Entretanto, essas preocupações ainda não se encaixaram de modo a atender meus objetivos nessa dissertação, pois elas se referem também a questões técnicas de fotografia, das quais não cabem na discussão em que o foco é compreender a relação dela com o sujeito. Sendo assim, elaborei uma concepção heurística para este estudo.

Por conta da complexidade de formas em que a fotografia se dinamiza por meio do consumo, a concepção heurística que proponho nessa dissertação é de enxergar a fotografia como um objeto dinâmico, que pode ser olhado a partir de quatro unidades de análise que se inter-relacionam, pois existem de forma simultânea, em que uma depende da outra: dispositivo, evento, objeto e suporte de registro. Serve, então, para analisar significados, pois para a fotografia existir ela precisa ser clicada por algum dispositivo; ter um momento dentro de um espaço-temporal; o que resulta em uma imagem; que é armazenada em algum suporte.

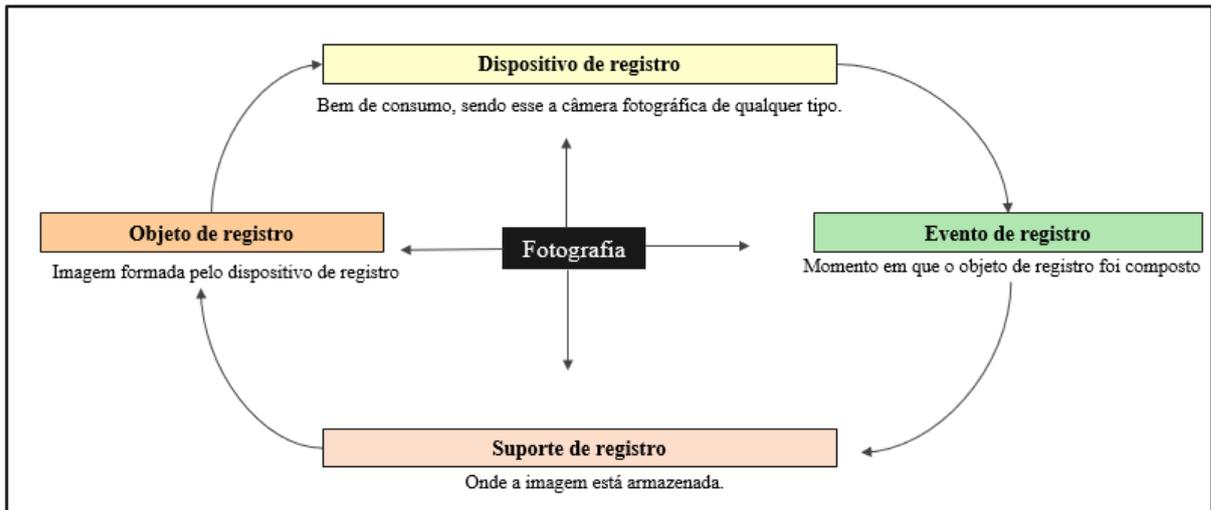


Figura 6: Concepção heurística do estudo

Fonte: Elaborado pela autora

A concepção abrange unidades de análise que são cruciais em uma imagem para compreender os significados envolvidos em uma fotografia, sendo uma ferramenta para compreensão do contexto da fotografia dentro de sua história e de seus desdobramentos tecnológicos. Alinhando as unidades de análise às técnicas de coleta, tenho então o Quadro 1:

Quadro 1: Unidades de análise com indicação das técnicas de coleta

Unidade de análise	Descrição	Técnica de coleta
Suporte de registro	Onde a imagem está armazenada.	Observação
Objeto de registro	Imagem formada pelo dispositivo de registro.	Fotografia + entrevista
Evento do registro	Momento em que o objeto de registro foi composto.	Entrevista
Dispositivo do registro	Bem de consumo, sendo esse a câmera fotográfica de qualquer tipo.	Entrevista

Fonte: Elaborado pela autora

Sendo norteada apenas a partir de suporte, objeto, evento e dispositivo do registro, pude analisá-los posteriormente para compreender a passagem da condição material para a condição digital. Os dados foram coletados na casa das famílias tanto a partir da narração do

sujeito entrevistado em relação às imagens, quanto a partir das fotografias e observações feitas em campo durante a realização das entrevistas.

3.4 Critérios de seleção dos sujeitos de pesquisa

Atendendo ao objetivo proposto com a pesquisa de campo, os sujeitos de pesquisa foram famílias. Para a operacionalização, o trabalho de campo foi realizado na casa das famílias. Segundo Vieira (2013), a pesquisa qualitativa é uma experiência de envolvimento direto com os sujeitos, tornando a presença do pesquisador em campo algo quase imperativo. O processo de adentrar nas casas das famílias e visualizar fotografias que podem ser íntimas, portanto, envolveu uma questão de confiança. Sendo assim, a maneira mais adequada para isto foi ser apresentada às famílias por intermédio de alguém.

Em relação aos critérios de seleção, estes foram delimitados a partir do levantamento feito no capítulo anterior sobre o objeto empírico de pesquisa, fotografia. Por meio da percepção do consumo de fotografias como sociocultural, entendo que as circunstâncias ao redor dele tem relevância e afetam diretamente o campo. Por isso, a partir de um resumo cronológico sobre a história da fotografia foi possível traçar os critérios para seleção das famílias.

Desde a invenção da fotografia em 1839 até meados dos anos 1980, a fotografia foi se fazendo presente aos poucos na vida social, porém teve poucos avanços em termos tecnológicos. A câmera permaneceu sendo analógica durante todo este tempo, com a impressão mais comum em preto e branco, pois apesar do surgimento do filme colorido em 1907, até 1970 ele apresentava preços altos. Na transição da década de 1980 para 2000 um marco importante foi a invenção da câmera digital, que transformou a dinâmica de imagens em filme para um sensor. E, nos últimos 20 anos, houve maior acesso à fotografia por meio de câmeras compactas e celulares com câmera, além do surgimento de Internet e redes sociais virtuais (Figura 6).

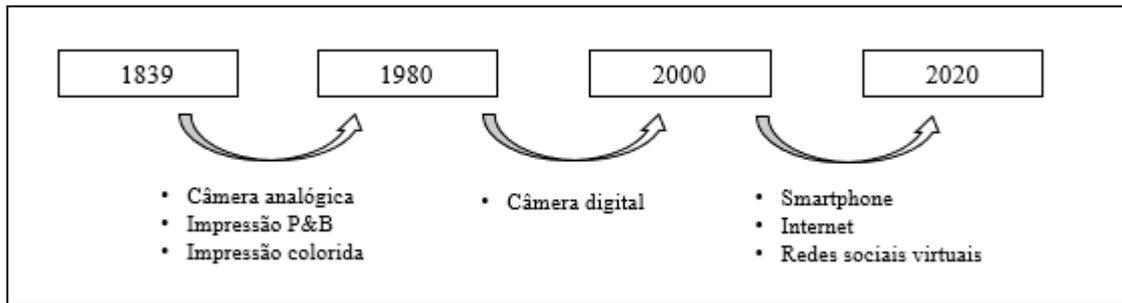


Figura 7: Síntese das mudanças tecnológicas entre 1839 e 2020

Fonte: Elaborado pela autora

Com esta síntese é possível visualizar as principais mudanças tecnológicas no decorrer do tempo. Apesar de o foco da pesquisa não ser sobre as questões tecnológicas, mas sim sobre as relações entre sujeito-objeto a partir da passagem da condição material para digital, esta colocação foi relevante por informar que as imagens materializadas que seriam encontradas em campo teriam diferenças provenientes da própria tecnologia. Posto isso, procurei por famílias que atendessem aos seguintes critérios:

1. *Tivessem, ao menos, uma pessoa nascida antes de 1980 e uma depois de 1980.* Critério estabelecido como forma de entender os significados das fotografias buscando encontrar condições materiais e digitais por pessoas que viveram momentos diferentes da história.
2. *Tivessem, ao menos, algum registro material armazenado.* Critério estabelecido para visualizar a condição material do consumo de fotografias. Por material, entendo aquilo que é palpável, físico. Exemplo: fotos reveladas soltas, em porta-retratos, em álbuns, etc.
3. *Tivessem, ao menos, algum registro digital armazenado.* Critério estabelecido para visualizar a condição digital do consumo de fotografia. Por digital entendo aquilo que não é palpável, físico. Exemplo: fotos em redes sociais virtuais, armazenamento em nuvem, rolo da câmera do celular, cartão de memória, HD externo...

3.5 Os sujeitos de pesquisa

Apresento nesta seção os sujeitos de pesquisa que fizeram parte da coleta de dados realizada entre 14 de janeiro de 2021 e 05 de março de 2021 na Região Metropolitana de Maringá no Paraná. Contatei 12 famílias via Whatsapp a partir de indicação de pessoas próximas que já haviam previamente aceitado participar da pesquisa. Eu pedia para que me

indicassem famílias que atendessem aos critérios estabelecidos. Todavia, quando eu entrei em contato diretamente, algumas pessoas deixaram de me responder ou tentaram adiar o agendamento que acabou, por fim, não ocorrendo. O total foi de 14 entrevistas com 7 famílias, sendo 10 mulheres e 4 homens. Todas foram realizadas presencialmente na casa das famílias.

Duas entrevistas referentes a uma família tiveram que ser descartadas, pois mesmo explicando que precisaria realizar as entrevistas individualmente, no momento da realização elas não quiseram conceder as entrevistas de forma separada. Uma delas acabou interferindo profundamente na fala da outra, que acabou não me mostrando as fotos. Houve até momento de tensão entre elas, o que tornou a coleta diferente de todas as outras e não permitiu que fosse realizada uma análise fidedigna. Por conta disso, considerei para a análise 12 entrevistas com 6 famílias, sendo 8 mulheres e 4 homens, que foram entrevistados individualmente. A relação entre os pares é consanguínea, em que um é pai ou mãe do(a) outro(a) residindo na mesma casa.

Do ponto de vista demográfico, família é considerada o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco na unidade doméstica (IBGE, 2010a). Na concepção da Antropologia, Silveira (2000) diz que laços de família podem ultrapassar o espaço de moradia e que nem todas as pessoas que residem juntas constituem uma família. De acordo ainda com Silveira (2000), para a Biologia a família se constitui de pai, mãe e filhos(as). Mesmo não limitando a busca pelos sujeitos pela questão biológica, pelo próprio critério de conter uma pessoa nascida antes de 1980 e outra depois de 1980 acabei me deparando com famílias que se aproximam da definição da Biologia, em que a relação é consanguínea. Apesar de a Antropologia trazer que nem todos que moram na mesma casa se consideram família, no caso da minha pesquisa os sujeitos se consideram família.

Seguindo o roteiro de entrevista, questioneei apenas o nome e a idade do sujeito de pesquisa de maneira direta. Contudo, pelo próprio andamento da entrevista eu acabei descobrindo informações relacionadas à profissão, além de características econômicas e sociais de cada uma das famílias. Isto se deu porque falar sobre fotografias é também contar histórias, de modo que acabei adentrando a realidade de cada uma delas. Segundo Santos (2016), essas histórias são fruto tanto do conteúdo das imagens das quais os sujeitos fazem parte, quanto dos laços que fazem a ligação das relações no dia a dia fora das imagens.

Apresento abaixo a Tabela 1 com dados iniciais de identificação e, em seguida, faço uma breve descrição e contextualização sobre cada participante. Para isso atribuo nomes fictícios aos mesmos, de modo a preservar a identidade de cada um.

Quadro 2: Perfil geral dos sujeitos de pesquisa

Família	Parentesco	Nome	Idade	Profissão
1	Mãe	Mariele	67	Professora aposentada
1	Filha	Patricia	39	Terapeuta
2	Mãe	Luisa	62	Aposentada
2	Filho	Lorenzo	25	Psicólogo
3	Mãe	Amanda	51	Empresária
3	Filha	Anita	21	Estudante
4	Mãe	Natalia	61	Empresária
4	Filho	Luan	30	Corretor de Seguros
5	Pai	Vitor	51	Porteiro
5	Filho	Daniel	24	Estudante
6	Mãe	Sara	56	Professora
6	Filha	Helen	26	Advogada concursada

Fonte: coleta de dados

Mariele, de 67 anos, mora em uma casa em um bairro nobre da cidade junto com seu marido, sua filha e seu neto. Ela foi a primeira pessoa que entrevistei. Lembro de ter ficado ansiosa pensando no que encontraria em campo. Me vesti de uma forma que considerei que, por não a conhecer e por não podermos compartilhar sorrisos pela utilização de máscara por conta da pandemia, me apresentaria bem. Além disso, por conta da idade dela também me preocupei ainda mais com a higienização. Ao chegar em sua casa fui recebida pela sua filha Patricia. Logo tirei meus calçados, passei novamente álcool em gel e me sentei no sofá que ficava ao lado de outro sofá em que ela estava fazendo crochê e que me convidou a sentar. Toda a minha tensão foi sumindo gradativamente com a conversa que fomos tendo antes de começar efetivamente a entrevista.

Apesar da diferença de idade, que poderia ser motivo para interesses em assuntos diferentes, nossa apresentação uma à outra foi agradável. Eu, que estava curiosa para saber se seria acolhida por ela, logo me senti à vontade com aqueles olhos que pararam de fazer crochê para me olhar com atenção. Aos poucos, despreziosamente, ela foi contando um pouco de

sua história. Mariele e seu marido eram muito ativos profissionalmente, ela professora e ele piloto de avião. Ambos foram afastados do trabalho por terem tido derrame na última década. Ela tem como sequela dificuldade para andar e uma leve alteração na dicção. Com saudade do trabalho, ela passa grande parte de seu tempo fazendo crochê.

Patricia de 39 anos é filha dela e foi minha segunda entrevistada. Ela voltou a morar no mesmo terreno que os pais para ajudar nos cuidados após terem tido derrame. Se formou em Administração, já trabalhou como comissária de bordo, com venda de produtos de beleza e no momento da entrevista comentou estar atuando como terapeuta. Seu local de trabalho é em uma sala da casa de sua mãe em que atende clientes e disse ter reformado para poder estar perto dos pais. Ela mora em uma edícula no fundo com o filho de 8 anos.

Luisa de 62 anos mora em uma casa própria luxuosa no mesmo bairro nobre que Mariele e Patricia. Ela é bancária aposentada e o marido era representante de grãos. O casal tem dois filhos, uma mulher e um homem. Lorenzo de 25 anos foi o filho que entrevistei. Ele é psicólogo e atua profissionalmente em um colégio particular da cidade de Maringá.

Amanda de 51 anos mora com o marido e uma das duas filhas em casa própria em um bairro próximo ao centro da cidade. Ela é empresária, proprietária de uma loja de roupas. A filha, Anita, de 21 anos, a ajuda na loja e é estudante de direito em uma faculdade particular.

Natalia, de 61 anos, reside no mesmo bairro nobre que Mariele, Patricia, Luisa e Lorenzo. Ela mora junto com o marido e o filho mais novo. Natalia é empresária, também proprietária de loja de roupas. O filho Luan, de 30 anos, trabalha com o pai, que também é empresário e tem uma corretora de seguros.

Vitor, de 51 anos, mora em cidade vizinha a Maringá junto com a esposa e dois filhos. Ele é porteiro de um prédio de luxo. Entrevistei também seu filho, Daniel, de 24 anos, que é estudante do curso de Publicidade e Propaganda e trabalha na faculdade em que estuda.

Por fim, a última família que entrevistei foi a de Sara, de 56 anos, que mora em um apartamento em um bairro próximo ao centro da cidade, junto com o marido e a filha do casamento anterior. Ela é professora universitária. Sua filha Helen de 26 anos, que também entrevistei, é advogada e estuda para concursos na área.

Com relação ao acesso à tecnologia, todos os sujeitos de pesquisa possuem celular com câmera e utilizam redes sociais virtuais, em que alguns atuam mais ativamente que outros. Em todas as famílias existiu também o consumo de câmera analógica e câmera digital enquanto dispositivos de registro. De modo geral, todos os sujeitos têm fotografias em condição material e em condição digital. Retomando o problema de pesquisa, tive então dados colhidos em campo para compreender a passagem do material para o digital.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

Quanto à análise dos dados, utilizei da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1979). Para a autora, há uma sequência de três etapas: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise consistiu na coleta e organização do material, que posteriormente foi sistematizado. Sendo assim, as entrevistas gravadas foram transcritas no Word for Windows e unidas com as fotografias. Em outras palavras, enquanto transcrevia cada áudio ia também inserindo as fotografias no momento da fala em que eram mencionadas. Assim, texto e imagem ficaram salvos no mesmo arquivo para que eu posteriormente realizasse uma análise fidedigna. A partir disso, cada arquivo de entrevista foi inserido no software de análise Atlas TI na versão 8. Houve uma leitura prévia para que eu pudesse prosseguir para as fases posteriores. Foram 13h43 de áudio e 788 fotos clicadas em campo ao todo a partir das 14 pessoas que foram entrevistadas e que são caracterizadas detalhadamente no próximo item desta seção. O corpus de pesquisa, no caso das entrevistas, observações e fotografias coletadas foi submetido a um estudo aprofundado com base no referencial teórico para realizar os processos de codificação e categorização.

A codificação, segundo Bardin (1979), acontece com a transformação dos dados brutos em recortes, agregando informações com base em palavras, temas, objeto, personagem, acontecimento ou documento. No caso, os recortes das unidades de análise foram baseados na concepção heurística a partir de quatro temas que estão inter-relacionados: **objeto**, **dispositivo**, **suporte** e **evento** do registro. Sendo assim, li e reli várias vezes cada entrevista fazendo codificações utilizando o software Atlas TI, o que pode ser visto por meio da Figura 8. Cheguei a 482 citações codificadas como objeto de registro, 52 como dispositivo de registro, 243 como suporte de registro e 570 como evento de registro.

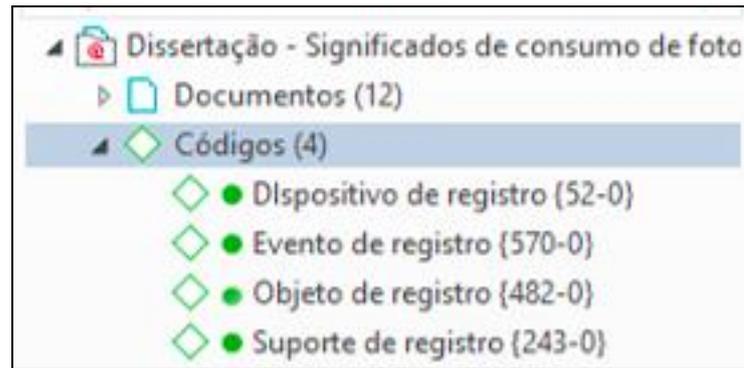


Figura 8: Códigos utilizados para análise

Fonte: Atlas TI, corpus da pesquisa

As categorias, então, emergiram dentro de cada um dos códigos a partir da frequência e homogeneidade e estão descritas detalhadamente na seção seguinte com a apresentação da análise dos dados. Segundo Bardin (1979, p. 117), “classificar elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros, o que vai permitir o seu agrupamento”.

Por fim, a terceira etapa do processo de análise de conteúdo ocorreu na construção das reflexões, com apoio nos materiais empíricos orientados pela base teórica da pesquisa. Com base na cultura material, estabelecida pela relação entre sujeito-objeto, busquei interpretar significados presentes nas fotografias. No Quadro 2 encontra-se a síntese desses caminhos metodológicos, tornando os objetivos operacionalizáveis.

Quadro 3: Resumo dos caminhos metodológicos

Objetivo geral	Compreender como se configuram os significados de consumo de fotografia em famílias a partir da passagem da condição material para digital.	
Objetivos específicos	Descrição	Operacionalização
1	Descrever objeto, dispositivo, suporte e evento do registro das fotografias	Trabalho de campo com olhar direcionado para os quatro pontos descritos e Análise de Conteúdo do material coletado
2	Interpretar significados presentes nas fotografias a partir da passagem da condição material para digital.	Análise de Conteúdo

Fonte: Elaborado pela autora

Em suma, o trabalho de campo foi realizado nas casas das famílias por meio de agendamento antecipado. As entrevistas em profundidade foram guiadas a partir de um roteiro semiestruturado. Fiz observações e gravação das falas e, em paralelo, tirei fotografias com

consentimento dos participantes para captar informações que auxiliassem na interpretação da pesquisa. Em relação a parte oral e de imagens, fiz a transcrição no Word for Windows. Por fim, utilizei do auxílio do software Atlas.TI para realizar a análise de conteúdo.

3.7 Categorias de análise

Para identificar fotografias consumidas pelos familiares, realizei o trabalho de campo na casa das famílias. A partir daquilo que encontrei, tanto de narrativas quanto de fotografias, utilizei como suporte o software Atlas TI para cumprir as etapas da Análise de Conteúdo de Bardin descritas anteriormente e cheguei às categorias que podem ser vistas na Figura 9:

Códigos	Suporte	Dispositivo	Objeto	Evento
Categorias	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de sapato • Álbum • Porta retrato • Quadro • CD • Computador • HD externo • Nuvem • Celular • Redes sociais virtuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Câmera fotográfica para uso profissional • Câmera analógica • Câmera digital • Celular 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas • Refeição • Natureza 	<ul style="list-style-type: none"> • Retrato • Aniversário • Viagem • Estudos • Fim de ano • Eventos religiosos • Foto de si • Refeição • Natureza

Figura 9: Códigos e categorias de análise

Fonte: elaborado pela autora

Cada uma dessas categorias dentro dos códigos foi criada com base em frequência e homogeneidade. Elas são parte de narrativas e fotos que observei em campo mais de uma vez e foram comuns a mais de uma família. Com o quadro acima apresentei um panorama geral dos resultados. Em cada capítulo da seção das análises dos dados essas categorias são definidas e descritas minuciosamente.

3.6 Definições constitutivas e operacionais

Para maior compreensão dos termos deste estudo, descrevo a seguir as Definições Constitutivas (DC), referentes às definições conceituais; e as Definições Operacionais (DO), que correspondem ao modo que operacionalizei os conceitos neste estudo.

Cultura material

D.C.: Cultura material pode ser considerada sinônimo de artefatos, no sentido de englobar o extenso universo de objetos utilizados pelos indivíduos para lidarem com o mundo, se relacionarem socialmente e compreenderem a própria mente (Hicks, 2010).

D.O: Neste estudo, cultura material incluirá as fotografias que as famílias possuem em condição material ou digital.

Significado

D.C: Os significados estão presentes a partir do processo dinâmico que ocorre simultaneamente na relação entre sujeito e objeto (Miller, 2013).

D.O: O significado será entendido a partir da relação entre famílias enquanto sujeito e fotografias enquanto objeto.

Fotografia

D.C: Fotografia é resultado da ação do ser humano que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para o registro, empregou recursos oferecidos pela tecnologia (Kossoy, 2001).

D.O: Neste trabalho, fotografia será entendida como imagens em condições materiais e digitais que envolvem objeto, dispositivo, suporte e evento do registro.

4. Análise dos dados

Nesta seção apresento a análise dos dados da pesquisa, em que separo em cinco principais momentos: (1) suporte de registro; (2) dispositivo de registro; (3) objeto de registro; (4) evento de registro e, por fim, (5) significados. Início a discussão com suporte de registro, pois era o primeiro contato que me deparava em campo quando os sujeitos mostravam a fotografia, já que é onde ela está armazenada. Partindo disso, ao ver a foto os(as) entrevistados(as) me contavam sobre ela e, então, dispositivo, objeto e evento de registro eram identificados a partir da narrativa, que não necessariamente vinham nessa ordem. Em relação à narrativa, faço destaques em negrito em determinadas falas que se relacionam diretamente com o assunto discutido, de modo à evidenciá-las.

4.1 Suporte de registro

A mudança por conta das tecnologias é evidente nas famílias. Amanda, de 51 anos, pontuou que se lembra de ter revelado fotos há mais de 10 anos, o que coincide com o tempo em que a fotografia digital, segundo Targa (2010), conquistou espaço por meio de câmeras compactas e celulares com câmera tornando-se mais acessível e presente no cotidiano das pessoas. Como disse Mariele, fotos antes ficavam no papel, mas com a chegada dos aparelhos digitais essas passaram a estar predominantemente em arquivo digital.

Era difícil tirar foto, era uma ou outra. Aí **passou uma época que tudo você tirava foto e ficava registrado no papel**. Só que agora, com as tecnologias **tira foto, só que fica no computador, no celular**, aí fica cheio e você tem que apagar ou passar para um outro sistema para armazenar, mas eu gosto mais de ficar olhando no papel (Mariele, 67 anos)

A fotografia até o fim do século XX era presente nas famílias apenas em condição material, ou seja, revelada. Observei na casa das famílias fotografias guardadas em caixas de sapato, álbuns, porta-retratos e quadros. Com a passagem da condição apenas material para também a digital, novas formas de armazenamento surgiram, como o computador, CD, HD externo, nuvem, celular e redes sociais virtuais. De forma a apresentar o que constatei sobre suporte de registro, abaixo está o Quadro 3 que cita e descreve os achados em campo:

Quadro 4: Descrição dos suportes de registro

Suporte de registro	Descrição
Caixa de sapato	Caixa em papelão em formato retangular feita inicialmente para armazenar sapatos.
Álbum	Livro que contém espaço para que fotos sejam armazenadas dentro, em que há uma capa que as protege.
Porta- retratos	Objeto formado por uma placa de vidro e um cartão, ou de dois vidros, entre os quais se coloca uma fotografia.
Quadro	Moldura que suporta uma ou várias fotos que vão na parede.
CD	Disco compacto redondo armazenador de dados
Computador	Máquina destinada a processamento e armazenamento de dados
Hd externo	Dispositivo armazenador de dados que tem uma entrada USB que é conectada no computador para que seja lido
Nuvem	Armazenador de dados que pode ser acessado em qualquer dispositivo que tenha Internet, sistema operacional e navegador
Celular	Dispositivo de registro que também é um suporte de registro, atuando como armazenador de fotografias
Redes sociais virtuais	Espaços virtuais em que há relacionamento e troca de fotografias, mensagens e demais conteúdos entre usuários

Fonte: elaborado pela autora

4.1.1 Caixa de sapato

Várias famílias que entrevistei utilizam este artefato como um local para guardar álbuns ou fotos reveladas soltas. Feitas para colocar sapatos, a caixa parece ter uma função melhor e duradoura dentro dos armários das famílias armazenando histórias. Utilizadas como suporte para fotos em condição material, a caixa de sapato feita em papelão e com formato retangular esteve presente em quase todas as famílias entrevistadas, como é possível ver nas Figuras 10 e 11.



Figura 10: Caixa de sapato com fotos reveladas soltas

Fonte: Coleta de dados



Figura 11: Caixa de sapato com álbuns

Fonte: Coleta de dados

A caixa de sapato parece não ter regras. Vai ali dentro o que cabe nela. As famílias quando as pegam não sabem exatamente com o que vão se deparar, pois tem várias delas, de cores e marcas de sapatos diferentes. Não é como um álbum, por exemplo, que pode ter uma capa diferenciada que identifique o que tem ali dentro. Todavia, elas revisitaram muitas emoções assim que entraram em contato com as fotos soltas ou dentro de outros suportes de registro ali armazenados.

4.1.2 Álbum

O álbum é um suporte de registro que contém espaço para que fotos sejam armazenadas dentro, em que há uma capa protegendo as fotografias. Os álbuns que encontrei em campo tem muitas formas e tamanhos diferentes. Alguns foram feitos diretamente por profissionais, como o de formaturas, casamentos e dos ensaios que eram feitos na casa das famílias. As fotos já vêm impressas diretamente na folha ou são coladas, não permitindo que a própria família faça alterações. Mesmo não tendo a possibilidade de comporem o álbum a partir da lógica que quisessem, ainda assim ele representa algo que quis ser registrado, pois até houve a intervenção de outra pessoa, um(a) profissional fotógrafo(a) contratado para tal, como é possível ver um exemplo na Figura 12.



Figura 12: Álbum de fotos dos filhos feitos por um profissional
Fonte: Coleta de dados

Contudo, a maioria dos álbuns tinha vários plásticos para que as fotos reveladas fossem colocadas dentro. Alguns deles eram comprados em tamanhos e com capas diferentes, e outros eram armazenados no próprio álbum que era dado pelo laboratório que fazia a revelação das fotos, também chamado pelos sujeitos de pesquisa de *albinho* (Figura 13), como disse Luisa, de 61 anos, que “a gente tirava, já chegava e ia revelar todas, entendeu? E já vinha aquele *albinho* pequenininho, até separei pra te mostrar”. De tantos *albinhos* guardados no armário da sala, Mariele até deixou que eles caíssem no chão ao abri-lo para me mostrar (Figura 14). Por mais curiosa que eu estivesse, para mim eles ainda eram apenas *albinhos*. Segundo Belk e Yeh (2011), embora fotografia seja uma forma de linguagem, requer uma narrativa para que não fique tão confusa quanto álbuns de uma família desconhecida.



Figura 13: Álbum conhecido como “albinho” pelos entrevistados
Fonte: Coleta de dados



Figura 14: Vários “albinhos” caídos após abertura do armário

Fonte: Coleta de dados

O que será que cada um desses *albinhos* carrega? Como disse Lorenzo “cada uma[foto], uma história”. Respeitando então esses objetos, deixo para contar mais sobre seu conteúdo interno nas seções adiante sobre objeto de registro e evento de registro. Enquanto isso, retorno para a discussão dos álbuns. Amanda disse que, como tinha muitas fotos, gostava também de organizar em álbuns maiores que ela comprava a parte para organizar por tema ou época. Ela tem, por exemplo, um álbum com fotos da filha mais velha em ordem cronológica. Por meio dessa organização a partir do tempo há uma forma de se encontrarem com o ponto de partida da lembrança que permite elencar fatos e emoções (Kossoy, 2001). A cada um deles é designado o cuidadoso papel de armazenar histórias. Assim como elas, encontrei vários álbuns em campo que eram organizados pela própria família, como é possível ver na Figura 15 e 16.

Normalmente eles mandavam as fotos e o albinho pra você colocar, né? É... Eu tenho uma outra caixa, agora lembrando, que é cheia daqueles albinhos. Mas delas [filhas] eu fazia sempre... é... Essa sequência assim por idade, sabe? Tem alguns que eu coloquei... Essa daqui você vai ver que **tem anotado a época**, tipo, nove meses... Preferia fazer álbum desse jeito assim.” (Amanda, 51 anos).

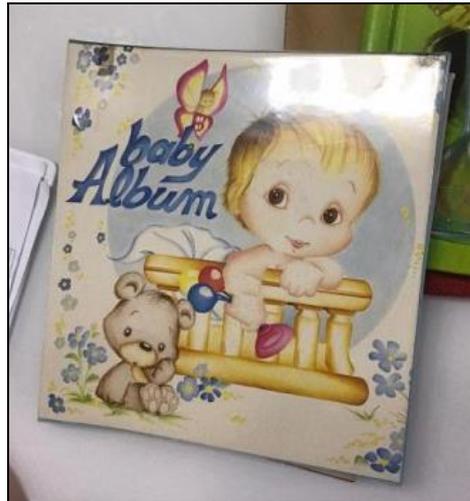


Figura 15: Álbum organizado pela própria família

Fonte: Coleta de dados



Figura 16: Álbum organizado pela própria família

Fonte: Coleta de dados

Os álbuns são como folhas em branco que são rabiscadas e ganham significado a partir daí. As fotos é que contam histórias – ou a falta delas. Patricia chegou a abrir um álbum (Figura 12) que estava sem fotos e disse que era de seu casamento com o ex marido. Mesmo vazio, ela o guardou. Disse que tirou as fotos, mas não chegou a jogar fora, estão em algum outro lugar.

Ah, eu tirei aqui, **é do casamento**. Eu tirei [as fotos] (risos). Sabe o que eu fiz? Eu tirei as dele e deixei na casa da mãe dele. E as minhas nem sei onde fica, tá por aí. Em algum lugar [risos]. (Patricia, 39 anos)



Figura 17: Álbum de casamento vazio

Fonte: Coleta de dados

A partir disso faço duas considerações. A primeira delas é algo que por um instante foi muito importante de ser registrado, em outro momento não fazia mais sentido, pois as relações mudaram. Sontag (2004) diz que não se pode possuir a realidade, contudo, dá para possuir imagens. A fotografia, então, é uma forma de congelar a realidade a partir de um recorte. Pensando nisso, o sentido de querer parar o tempo no momento que os cliques foram realizados certamente não era o mesmo de quando realizei a entrevista.

Em segundo lugar, diferente das fotos em condição digital em que as pessoas relataram várias vezes que tem o costume de ir deletando, as em condição material são mais difíceis de serem descartadas. Patricia tirou do álbum, mas não jogou fora, só mudou de lugar. Guardou o álbum e guardou as fotos, mesmo que separadamente. Ela antes não morava com a mãe, e fez essa limpeza a partir da mudança. Segundo Miller (2013), mudar-se permite uma reflexão crítica das pessoas com as posses, dando a oportunidade de elaborarem como querem lembrar das suas histórias. Relações podem tentar ser eliminadas ao passo que se eliminam fotos que as lembram.

Em outro momento da entrevista, Patricia comentou sobre uma situação parecida. Ela me mostrou o álbum da gestação (Figura 13) de seu filho único que no momento da entrevista tinha 8 anos. Foi um ensaio fotográfico em que ela aparece com o pai dele. Porém, ela não tem mais um relacionamento amoroso com ele, e disse que só guarda o álbum para que seja uma recordação para o filho. Afinal, ambos continuarão exercendo sempre o mesmo papel na vida do filho, o de mãe e pai.

Foi da **gestação**, você fez? Ai... Só que naquela época era mais simples, agora eles fazem um negócio super elaborado. **Só que é com ex, né?** [risos]. Ah, **mas vai ficar**

pro Ronaldo [filho] né? Nossa, minha cara, eu tava horrorosa. Vai ficar de recordação pra ele. É, vai ficar pra ele. **Eu guardo por causa dele, né?** (Patrícia, 39 anos)

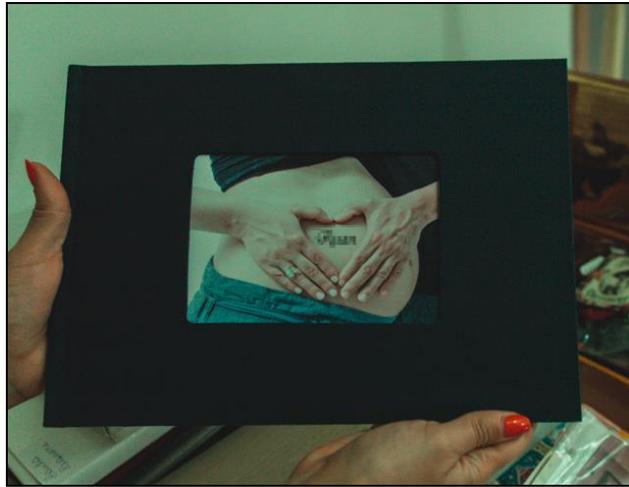


Figura 18: Álbum com fotos de gestação
Fonte: Coleta de dados

O álbum da gestação será passado de uma geração para outra. Ele, de certa forma, ajudará a contar uma história da qual o filho participou, mas não lembra. Ele verá, por exemplo, os pais juntos e felizes registrando o momento de sua espera. Isso foi possível de ser visto com Lorenzo, de 25 anos, que contou que em certo momento ele pediu para guardar as fotos dele de criança que foram tiradas pelos pais no canto dele. Ele e Luan, de 30 anos, não têm costume de revelar fotos, porém, guardam álbuns em que aparecem quando crianças. Mesmo morando com a mãe, ele quis assegurar de que aquelas fotos são posse dele. Elas ajudam a resgatar histórias de quando era criança que possivelmente não lembra conscientemente.

Tem alguns álbuns... **A maioria aqui quem organizou foi minha mãe, porque é foto de criança, né?** Eu juntei, **essas fotos são minhas** e eu guardo numa caixa no meu quarto. Fui eu que quis guardar. Acho que minha mãe guardava em algum outro lugar, e aí... É, **em um dado momento eu falei “mãe, deixa que eu guardo as minhas em um lugar só”**. Eu que pedi pra ela pra ficar no meu lugar. (Lorenzo, 25 anos)

Para estarem ali, as fotografias foram clicadas e/ou selecionadas por algum(a) familiar. Isso significa uma formação de memória para as crianças a partir de recortes criados por outras pessoas, e que, sendo assim, tornam-se importante forma de representar a vida familiar a partir de uma perspectiva específica, como da mãe, pai, avós e assim por diante (Schroeder, 1998). Além disso, os álbuns aparentam ser um artefato transmitido de geração para geração.

Sara de 56 anos, por exemplo, guarda um álbum que foi feito pelo seu pai antes mesmo de ela ter nascido.

Ao abrir os álbuns, prontamente surgiam muitas narrativas. Em cada foto há um aglomerado de informações acerca de algo passado (Kossoy, 2001). Segundo Miller (2013), no ambiente virtual ela consegue por meio das redes navegar em proporções muito maiores, porém a fotografia em condição material dentro da casa de uma família é uma forma de conectar a visita com as fotos dos familiares daquela casa. Patricia mencionou que gosta de foto revelada e que em visita a casa da sogra passou tempo vendo álbuns:

Ah, mas assim... Eu acho que revelada é muito legal, você chega na casa de alguém e ter foto revelada. Que nem a dona Laura [sogra], ela falou outro dia “Patricia, **tem um monte de álbum que eu quero te mostrar**” (Patricia, 39 anos).

Com a chegada da fotografia digital, as pessoas pararam de ter esse costume de armazená-las em condição material. Esses álbuns foram montados enquanto era preciso revelar fotos para vê-las. Com a fotografia digital, sem essa necessidade, entrevistados disseram que revelam uma ou outra para alguma ocasião em especial. Sendo assim, a geração que entrevistei nascida após 1980 tem apenas álbuns que foram feitos pelos pais, exceto Patricia que tem filho, e por isso revelou. A maioria é como Daniel de 21 anos, que quando questionei se tinha alguma foto revelada respondeu “acredito que pode ser que eu tenha um álbum pequeno, só um minuto”. Foi procurar no quarto e depois de alguns minutos encontrou apenas um, esquecido entre as gavetas.

4.1.3 Porta-retratos

O porta-retratos, como o próprio nome diz, é um local em que se coloca um retrato, uma fotografia. É um objeto criado para esta finalidade. Diferentemente de álbuns que são geralmente guardados em caixas ou armários, ficam como um objeto a mostra para os moradores e para quem visita os cômodos da casa. Eles estavam na casa dos entrevistados principalmente na sala de visitas e nos quartos, tendo diversos formatos, cores e tamanhos. Na estante da sala de Mariele (Figura 18) havia vários porta-retratos. Todos eles são fotos de familiares próximos, como pais, filhos e netos. Em um deles, que está na Figura 20, ela disse que fez uma montagem de fotos dos netos: “ali eu fiz misturado. É quando batizou a Fabi e o Ronaldo [netos]. Aqui eles no carnaval. Aqui é do batizado e aqui é de um aninho na praia.”



Figura 19: Estante com porta-retratos de uma das entrevistadas
Fonte: Coleta de dados



Figura 20: Porta-retratos de uma das entrevistadas
Fonte: Coleta de dados

Segundo Money (2007) a sala é um espaço transacional para a família em que abriga significados e identidade para aqueles que nela residem. Os objetos ali presentes são forma de manter e alimentar relacionamentos e conexões sociais importantes. Eles são diferentes de fotos que vão para as redes sociais que as pessoas querem mostrar a melhor versão que consideram de sua imagem e tem até mesmo auxílio de editores que propiciam uma margem de manobra sobre a imagem (Belk, 2014). Para aquilo que está dentro de casa, o que aparenta importar são os momentos retratados. Mariele apareceu falando na fotografia que está no porta-retratos, porém não se importou de revelar, pois ela estava junto no batizado dos netos e aquilo representou um momento importante ao ponto de deixar de estar apenas em condição digital e vir a ser material, dentro de casa.

Quando entrevistei sua filha, Patricia, compreendi que talvez, se fosse por vontade de Mariele, haveria ainda mais fotos em porta-retratos. As duas moram na mesma casa e Patricia ao falar sobre porta-retratos disse considerar “brega”. Diferente da mãe, além de se importar com a sua própria imagem nas fotos, também se preocupa com o suporte do registro:

Minha mãe, por ela, teria porta-retrato espalhado na casa inteira. E hoje vejo que coisa de decoração agora não tem mais isso. E eu já catei tudo. É brega agora [risos]. É que tipo assim, você pega um porta retrato de um jeito, outro do outro, outro do outro. Então tem que fazer um negócio organizado. E a gente às vezes tem preconceito com as nossas fotos antigas. **Eu não quero, pelo amor de Deus. Ela coloca aquela minha de pequena com beijo todo assado [risos] e ela quer ficar com aquilo.** (Patricia, 39 anos)

Quando Patricia me levou até o quarto para mostrar alguns álbuns, me deparei com uma estante com fotos reveladas em porta-retratos. Todas elas aparecem o filho. Luisa também tem alguns espalhados pela casa, tanto na sala quanto em seu quarto. Ela comentou que não revela mais com certa frequência, “só de vez em quando via uma foto ‘ah essa foi legal’, aí pegava e revelava, coloquei em uns porta-retratos”. As fotos que estão nesse tipo de suporte de registro são de sua mãe, de seu marido e seus filhos.

Na sala de Amanda também estão suas filhas em fotografias suportadas por porta-retratos (Figura 21). Um deles é da formatura de sua filha mais velha, fotografia tirada em estúdio, mas que remete a lembrança da graduação para sua mãe. Miller (2013) diz que em um estudo sobre lares, a sala de estar é repleta de fotografias de casamento e diplomas, sinalizando um projeto de respeitabilidade da família. Logo acima está um porta-retratos em que as filhas estão com o pai, e, segundo Amanda, foi um presente que elas deram a ele de dia dos pais.



Figura 21: Porta-retratos de uma das entrevistadas

Fonte: Coleta de dados

Helen também tem um porta-retratos que disse ter ganhado de presente de uma amiga e que utilizou para colocar fotos de uma viagem (Figura 22). O fato de o porta-retratos ser um presente abrilhanta o olhar, pois apresentar é algo que carrega sentimentos e mensagem a partir do presenteador (Pépece, Verdu, Battistelli, Menezes, & Freitas, 2006). No caso do primeiro, a fotografia já veio embutida como presente das filhas junto com o suporte, enquanto no segundo Helen disse que recebeu apenas ele, sem a foto, de presente da amiga. Como é um objeto de decoração, talvez não quisesse arriscar em escolher uma fotografia que pudesse ser indesejada para esta função. Então, permitiu com que a presenteadora escolhesse o que iria ali.

Helen disse que quando revela fotos é apenas para colocar em porta-retratos, e as imagens que ela tem neles são todas de viagens. Diferente das pessoas nascidas antes de 1980 que guardavam fotos neste suporte que envolvem a família, ela registrou momentos sozinha e com amiga em viagens.

Como você pode ver eu revelo a foto de viagem. Agora, percebendo [risos]. Essa foto também é em Cuba, no interior que tem lá, chama Trinidad. A gente foi andando em várias cidades, né? E *tava* no pôr do sol, aí tirei essa foto. **O porta-retrato eu ganhei de aniversário de uma amiga de aniversário, que ela falou que achou minha cara o porta-retrato.** (Helen, 26 anos)

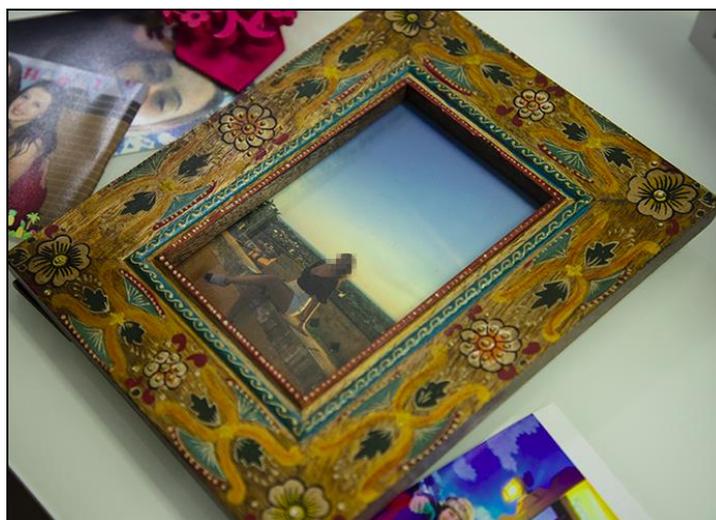


Figura 22: Porta-retratos que entrevistada recebeu sem a foto como presente

Fonte: Coleta de dados

Sua mãe, Sara, também revelou fotos de viagens e deixou na sala de visitas, em cima de um móvel que ela chamou de *malão*. Ela disse ter revelado, pois estava sem foto em casa e que precisava preenchê-la com algumas fotografias. Essa função de completar um ambiente

também é comentada por Lorenzo, que disse não ter costume de revelar, mas que quando fez foi para decorar o quarto com algumas.

Não revelo. Eu acho que nesses últimos tempos, assim, depois que ficou tudo digital, né? Umas três vezes eu acho, que eu fui e fiz uma seleção de algumas, e revelei assim, sabe? Isso muitos anos. **Então não tenho esse hábito de revelar. Uma vez só que quis decorar meu quarto com fotografias, que não tinha nenhuma, aí revelei com essa função.** Mas não tenho o hábito de revelar. (Lorenzo, 25 anos)

Diferente dos álbuns, que ficam geralmente armazenados dentro de outros espaços, porta-retratos ficam à vista dentro dos lares. Sendo assim, o primeiro achado é que as pessoas utilizam este suporte como decoração. Há os que dizem que este objeto precisa combinar com o restante do ambiente, tirando o foco apenas do significado envolvido pela relação entre sujeito e fotografia, assim como fica evidente que outras não se importam com isso. Pelo contrário, dizem até que revelaram fotos para isso pois precisavam delas como parte da casa. Como o contato com a casa costuma ser diário, então as fotos escolhidas para estarem ali envolvem pessoas e eventos de registros que querem ser olhados e lembrados.

Ser olhado e lembrado me parece um segundo achado visto de outro ângulo: o de utilizar este suporte como objeto para presentear alguém. Sabendo que ele ficará diante de cômodos da casa do(a) presenteado(a), aquele que opta por dar a alguém um porta-retrato parece uma forma de estar presente na morada do outro.

4.1.4 Quadro

Ao falar “porta-retratos”, de imediato vem à mente um objeto que suporta uma fotografia. Ao falar quadro, outras imagens, desenhos ou pinturas, por exemplo, também podem ser inseridos, ou seja, ele não é um objeto feito exclusivamente para fotos. Todavia, várias delas nas casas das famílias estão em quadros. A característica do quadro é que ele é colocado na parede, enquanto o porta-retratos necessita de um móvel para que vá em cima.

Os quadros que encontrei em campo também tem diversas formas e tamanhos, alguns comportam apenas uma foto e outros um emaranhado delas. Por estarem em exposição em paredes, acabam fazendo parte da decoração do cômodo ou do corredor. Amanda, por exemplo, deixou quadros das filhas (Figura 23) no corredor que é caminho para a parte privada da casa, os quartos. Segundo ela, as fotos ali presentes têm história, pois ela utilizou a mesma roupa nas duas filhas com a mesma idade. Porém, ela as deixou em um canto que as

visitas não podem ver, já que as filhas consideram que não se usa mais quadros de fotos assim na sala.

Essas aqui **têm uma história dessas fotos**, porque essa é da Liz [filha mais velha], essa daqui [aponta para a foto]. Aí eu peguei e guardei essa roupa. Aí eu fiz as da Anita [filha mais nova] com a mesma idade, as duas tinham sete meses. Aí já foi proposital mesmo. **Elas falam que isso aí é jacu, que não se usa mais foto em parede, aí eu deixo no corredor. É pra ninguém ficar vendo. É. Porque antes ficava lá na sala, né? Na minha outra casa. Mas aí elas falavam “mãe, isso não se usa mais”. Aí a gente mudou de lugar.** (Amanda, 51 anos)



Figura 23: Quadro no corredor com fotos das filhas de uma entrevistada
Fonte: Coleta de dados

Quando Amanda comentou que mudou de casa e tirou do local que estavam os quadros por demanda das filhas, isso demonstrou ser, como Miller (2013) discute, uma forma de a família reorganizar a forma que quer se ver, o que é possível de ser repensado a partir de objetos. As filhas crianças já não são mais crianças e querem poder decidir sobre a forma como querem ser vistas. Então, Amanda que não quer se desfazer dos quadros os realoca para um local que intermedia os cômodos públicos e privados da casa e que seja aceitável para ambas as partes, aquele que a visita não vê: o corredor.

Mariele também deixa quadros com fotos dos dois filhos no corredor que vai em direção aos quartos, porém em uma parte que é visível pela sala de visitas. Sendo assim, ao adentrar em sua casa já vi de imediato esses quadros. Durante a entrevista ela fez questão de apontá-los dizendo “Olha lá ó [risos]. A Patricia e o Luciano”. E, ainda, complementou, comparando essas imagens deles de criança com seus netos:

Você sabe que o Luciano [filho], **ele ali naquela foto parece o Ronaldo** [neto, filho da Patricia]. A gente olha e fala: “Nossa, Ronaldo, parece você”. O Ronaldo parece mais filho do meu filho do que dela. Ele é mais moreninho e minha neta [filha do

Leonardo], mais branquinha. Quando alguém ver, vai falar que Fabi é filha dela [risos].



Figura 24: Quadro no corredor com fotos de filho e filha de uma entrevistada
Fonte: Coleta de dados



Figura 25: Quadro no corredor com fotos de filho e filha de uma entrevistada
Fonte: Coleta de dados

Com essa fala de comparação entre gerações entendo que, assim como Money (2007) discutiu, por meio da relação com alguns objetos é que se torna possível manter viva a memória de indivíduos que, de outra maneira, poderiam ser esquecidos. Não teria como os netos verem as fotos de seus pais caso não existisse as fotos deles quando crianças e talvez a recordação da avó pudesse não ser tão nítida quando ela consegue ao ver os filhos em fotos.

As fotos colocadas em quadros pelos sujeitos de pesquisa nascidos antes de 1980, assim como as da Amanda e Mariele, são exclusivamente de seus filhos e/ou netos. Luisa, por exemplo, narrou sobre a seleção que fez citando os filhos em todas, que eram as pessoas que estavam nas várias fotos que ela colocou em um só quadro (Figura 26). Alguns quadros

reúnem várias fotografias de momentos diferentes em uma só moldura. Luan (Figura 27) e Anita também têm estes, porém as fotografias envolvem não só familiares, mas amigos e eles mesmos sozinhos.



Figura 26: Quadro de entrevistada nascida antes de 1980 com fotos dos filhos
Fonte: Coleta de dados



Figura 27: Quadros de entrevistado nascido depois de 1980 com fotos de familiares, amigos e de si
Fonte: Coleta de dados

Noto que os nascidos depois de 1980 tem poucas fotografias em condição material, mas diferentemente dos nascidos antes 1980, eles armazenam fotos em que estão sozinhos ou com pessoas que não são apenas os familiares. Sendo assim, como diz Schroeder (1998), olhar para a fotografia com os olhos de consumo é pensar que a compreensão não se limita apenas a compra de aparelhos fotográficos, mas também o próprio processo de selecionar imagens para irem para quadros ou porta-retratos e álbuns.

4.1.5 CD

O CD, que é um suporte de registro que é capaz de armazenar fotografias, músicas e outras informações em formato digital apareceu no campo apenas com a Patricia. Ela me mostrou três que armazenam fotografias do filho que foram entregues pelo(a) fotógrafo(a) que fez as fotos de seu filho no nascimento, em um ensaio fotográfico de um ano e em um de seus aniversários. Um deles pode ser visto na Figura 27. Quando questionei se ela costuma visitá-los, ela disse que “muito difícil”.

No capítulo sobre evento de registro, discutirei como fotografias da infância são relevantes para os pais. Porém, há de se considerar que Patricia é a única entrevistada nascida após 1980 que tem filhos. E todos os outros pais entrevistados a que me refiro nesta pesquisa são nascidos antes de 1980 e armazenam as fotos da infância dos filhos em condição material.



Figura 28: CD com fotos do filho de uma das entrevistadas
Fonte: Coleta de dados

O CD como primeiro suporte de registro que armazena fotografias em formato digital que discuto aqui, abre um leque para mostrar que, segundo Felizardo e Samain (2007), ter fotografias armazenadas em CD, computador, cartão de memória e assim por diante estão fadados a terem falhas simplesmente por serem eletrônicos. Assim, as fotografias estão sujeitas a se perderem em meio ao maior volume ou a danificação dos aparelhos.

O CD não é um armazenador por si só, ele depende de um outro dispositivo para ser lido. No caso de alguns computadores e notebooks já há alguns que não tem mais leitor para CD. O que me parece é que as tecnologias vêm e vão e que alguns suportes de registro, mesmo sendo tangíveis, ainda podem perder sua função original de armazenar memórias por obsolescência com o avanço das tecnologias.

De forma sutil, a passagem da condição material para digital provoca essas mudanças. Mesmo com o CD, que aparenta ter sido passageiro como uso de suporte de fotografia, até pelo fato de que o visualizei em campo apenas uma vez, já representa que há outros suportes capazes de substituí-lo, como o celular, nuvem e redes sociais, das quais os participantes mencionaram várias vezes, como discutirei adiante. E não houve preocupação na fala de Patricia sobre migrar as fotos para não as perder.

Patricia os viu apenas como CDs, mas, em seu silêncio, armazenam memórias. Como argumenta Miller (2013), há objetos -que ele chama de trecos- dos quais podemos tropeçar ou nos deparar ao abrir uma caixa. Eles, em sua humildade, acabam alcançando uma condição de familiaridade e tidos como dados. Eles não são objetos individuais, fazem parte de um conjunto de objetos que se inter-relacionam conosco e fazem parte daquilo que somos, assim como nós fazemos das deles. Como humanos, interferimos criando novas tecnologias, e eles, enquanto trecos, são capazes de modificar a nossa relação com a fotografia.

4.1.6 Computador

O computador é um suporte de registro que tem outras inúmeras funções além de armazenar fotos e outros documentos. Ele é um objeto que não depende de outro dispositivo, mas de energia. Até mesmo os notebooks, que são computadores portáteis e não precisam estar a todo tempo conectados a uma fonte, precisam de recarga para serem utilizados. Pelo computador ter uma característica de ser eletrônico, alguns acontecimentos podem fazer com que todas as informações nele contidas possam ser perdidas, como é o caso de Luan e Lorenzo que perderam muitas fotos por terem derrubado o dispositivo.

Infelizmente não vou conseguir te mostrar todas as fotos, porque elas foram corrompidas. O que aconteceu... **eu tinha tudo no HD, e ele deu algum problema, ele caiu no chão, então não tá lendo direito os dados**. Algumas fotos eu consegui trazer de volta pra cá, mas outras não consegui copiar. Por isso essa empresa levou pra tentar recuperar. Tinha muitas fotos no HD e deu problema, então falei pra um rapaz tentar recuperar. (Lorenzo, 25 anos)

Quando Luan disse que as perdeu, falou que ficou triste, como se parte da memória daqueles momentos também tivesse sido perdida. Belk (1988) argumenta que conscientemente ou sem saber, intencionalmente ou não, consideramos nossas posses como partes de nós mesmos. Então, é como se perdendo as fotos tivesse perdido uma parte de si, das experiências vividas. Justamente por isso, algumas pessoas dizem não gostar de apagar

fotos, como é o caso de Mariele, que comentou que para não ocupar toda a memória do celular, pede para a filha descarregar as fotografias no computador.

Apenas um dos entrevistados me mostrou fotos que estavam no computador, o Lorenzo. É como se ele fosse um dispositivo que serve como um baú em que coisas são jogadas ali e é aberto apenas quando a pessoa quer encontrar algo em especial. Como disse Patricia, abre o computador apenas quando lembra de algo específico, como a gravidez, ou para recordar alguma lembrança para compartilhar com outras pessoas ou redes sociais virtuais, em que ela menciona o TBT, que é uma hashtag usada nas redes sociais virtuais que significa *throwback Thursday*, utilizada para compartilhar fotos antigas às quintas-feiras.

Por exemplo da gravidez, às vezes, né? Dá saudade. Ou em dia de tbt, né? De postar tbt [risos]. Ou **quando a gente comenta, lembra de alguma coisa** e fala “ahhhh”. Que nem, pro Paulo [namorado] eu quis mostrar fotos de quando era mais nova, aí entrei lá pra ver, mas é de vez em quando. Mas não tem muito tempo, né? Tipo “ah, vamos olhar foto”. (Patricia, 39 anos)

Existe, então, uma relação entre os suportes de registro. Quando ela quer postar seu TBT nas redes sociais virtuais, recorre ao computador. A fotografia passa de algo a ser usufruído apenas para ela e ao estar nas redes sociais virtuais permite a geração de comunicação, interação e trocas entre as pessoas nas redes das quais circula (Santos, 2016).

Por outro lado, Lorenzo, o único que me mostrou as fotos armazenadas no computador, disse que tem muitas e que costuma revisitar momentos do passado para reviver sentimentos que as memórias ali trazem. Como sugerem Belk e Yeh (2011), uma fotografia pode ser mensagem de um antigo eu para um futuro eu que se destina para recriar a emoção da experiência original.

Tenho muita foto no computador, né? Então volta e meia to lá sem fazer nada ou meio entediado, pego fotos antigas da escola, da faculdade, de eventos que tirei com os amigos e fico vendo, assim. **Várias fotos repetidas, que eu já vi mil vezes, mas eu fico vendo e fica voltando muitos sentimentos, assim.** Então eu acho que minha relação com ela [fotografia] é essa, de reencontro, assim, sabe? De **reencontro com momentos do passado.** (Lorenzo, 25 anos)

Lorenzo me mostrou as pastas em que as fotos estão salvas (Figura 29). Ele as organizou por título do evento (como aniversário de fulano) ou por data do backup (em que descarregou as fotos). Além disso, comentou que deixa armazenado também uma pasta com fotos de sua mãe e uma de seu pai que estavam salvas anteriormente em um computador que era compartilhado pela família (Figura 30).

fotos. Ou seja, diferentemente da fotografia em condição material que ela dedicou quase todo o tempo da entrevista para me mostrar e tinha domínio, no computador ela depende de outra pessoa e tem dificuldade para navegação.

Luisa: Não, eu tenho... Eu sei que esse computador é uma benção... **Onde que entra? Onde que entra aqui? Meu computador? Não é aqui que eu quero...**

Marido de Luisa: Então, não sei... Tá vazia, ó.

Luisa: Deixa eu ver... Pera só um pouquinho Lígia.

Lígia: Tá, tá tranquilo.

Luisa: Onde que é o início, amor?

Marido de Luisa: Han?

Luisa: Onde que é o início? Que vem assim os documentos, tudo...

Marido de Luisa: É que nosso computadorzinho a gente quase não usa, e é Windows 10.

Luisa: **Ah, amor, não é esse computador. É outro computador. Agora que lembrei. É um pequenininho meu.**

Marido de Luisa: O portátil.

Luisa: Sabe aquele computadorzinho meu? É lá que o Lorenzo salvou. Agora que eu lembrei.

Amanda, de 51 anos, e Sara, de 56 anos, também armazenam fotos em pastas no computador. Amanda disse que não revela e que guarda suas fotos no celular ou no computador. Sara disse organizar por locais ou evento e as que tem no computador estão exclusivamente lá, pois quando a questionei se tem também em outro lugar, ela disse que perderia se acontecesse algo com o computador. Isso, novamente, é reflexo da passagem de armazenamentos apenas em condição material para também condição digital. Segundo Oliveira (2005), as fotografias que estão no papel só serão perdidas caso ocorra catástrofe como incêndios, por exemplo. Diferente dos dispositivos eletrônicos, que podem ser deletados com facilidade por vírus ou de forma acidental.

Noto que o computador é um objeto que contém materialidade, então é possível de ser danificado, e as informações, bem como fotografias que estão apenas lá, podem ser perdidas. Com isso, as pessoas nascidas depois de 1980 costumam confiar mais em nuvem do que apenas em dispositivos. Enquanto isso, as pessoas nascidas antes de 1980 deixam as fotografias armazenadas no computador, no HD ou no celular. Porém, caso esses dispositivos sejam danificados por qualquer motivo, as fotos podem se perder.

Isto dá indícios de que, quanto menor a sensação de tangibilidade, menor é a sensação de segurança para as pessoas nascidas antes de 1980. Elas viveram um relacionamento com a fotografia em condição material que permitia tê-las em mãos. Mesmo relatando em vários momentos das entrevistas que preferem fotos reveladas, raramente revelam as que foram

tiradas por dispositivos como câmera digital e celular. Então, armazenando no computador, que é posse delas, permite ter a ideia de que aquilo que está inserido ali, pertence a elas.

4.1.7 Hd externo

O HD externo é um suporte de registro que necessita de outro dispositivo para ser lido. Ele tem uma entrada USB que é conectada no computador para que suas informações sejam visualizadas. É utilizado por Patricia e Amanda que aproveitam da capacidade de memória e portabilidade para armazenarem fotografias. Patricia comentou que, para deixar com mais espaço a memória do celular, descarrega as fotografias no HD externo “é, aí eu vou de vez em quando eu tiro do celular e ponho no HD externo, né?”. Amanda também comentou que utiliza do HD externo para a mesma função.

Agora... às vezes eu faço isso quando eu troco de aparelho, porque tem aquele negócio de deixar em nuvem, mas tem muita coisa que vai ficando no celular, **aí você quer limpar o aparelho, aí é quando eu passo pra esse HD externo**. Normalmente faço isso. (Amanda, 51 anos)

O HD externo atua, então, como uma extensão do computador. Para não ocupar a memória dele, passa a ser um dispositivo que armazena fotos e outros arquivos que são evocados quando conectados por um fio. Apesar de pen drive não ter aparecido em campo, insiro ele e o HD externo em uma mesma reflexão: eles dependem de uma entrada no computador para que se acesse o que tem neles. Assim como os CDS, que já não têm mais espaço para atuar em alguns computadores e notebooks, o HD externo pode também chegar a um momento em que não tenha como ser lido por conta das mudanças tecnológicas.

4.1.8 Nuvem

Segundo Palfrey e Gasser (2011), juntamente com a proliferação de aparelhos fotográficos, alguns marcos se mostram relevantes. Em 1991, a World Wide Web surgiu e alguns anos depois começou a se disseminar. O suporte de registro nuvem é dependente da Internet e tem como princípio acessar os dados nela armazenados em qualquer lugar que esteja conectado, tenha um sistema operacional e um navegador. Sendo assim, o armazenamento não depende de uma estrutura física em particular, apesar de precisar de um dispositivo para que seja acessado. A nuvem é um serviço em que “o computador será apenas

um chip ligado à internet, a "grande nuvem" de computadores" (Ruschel, Zanotto, & Costa, 2010, p. 3).

Patricia comentou sobre duas situações, uma em que não existia a nuvem e outra que já tinha. A primeira, teve seu celular furtado e perdeu todas as fotos. Disse ter ficado mais triste pelas fotos do que pelo celular, pois elas envolviam memórias que não iriam voltar, como as férias que ela citou ter fotografado. Em um segundo momento ela disse que teve problemas com o computador, mas que conseguiu recuperar suas fotos, pois elas estavam salvas na nuvem.

Eu morro de medo de perder. Aaah, aconteceu uma vez. Eu tava com um celular novo, meu S3 na época eu ganhei do meu ex marido que ele ganhou lá na empresa... Lá em São Paulo. Aí eu vim passar as férias aqui, Ronaldo [filho] era pequeno. **Tirei fotos as férias todas, tava tudo no celular.** Daí eu voltei trabalhar, no primeiro ou segundo dia que eu fui trabalhar eu esqueci o celular no banheiro. E era um prédio só da empresa, todo mundo se conhecia praticamente, era fechado. **E sumiu meu celular. E eu fiquei mais triste por causa das fotos.** .Naquela época não tinha esse negócio de nuvem, eu não conhecia. **Agora esses tempos atrás meu notebook queimou o HD, e eu recuperei tudo, porque tava na nuvem, né?** Tinha nuvem já, automática no notebook. A minha sorte. (Patricia, 39 anos)

A maior diferença da escolha do local de armazenamento dessas fotos se dá pela idade dos(as) entrevistados(as), afinal, são pessoas que viveram os dois momentos da fotografia. A nuvem não é um suporte de registro mencionado por sujeitos de pesquisa nascidos antes de 1980, posto que nenhum deles disse utilizá-la como local para armazenamento. Por outro lado, é o mais utilizado e considerado como seguro para não ter perdas pelos nascidos depois de 1980. Como disse Anita, de 21 anos: "deixo tudo no celular. Nem lembro a última vez que passei *pro* computador", pois ela já deixa sincronizado com a nuvem. O mesmo se repete com Helen, Daniel e Lorenzo.

Eu tenho Iphone, então fica todas as fotos no Icloud. **Se acontecer alguma coisa aí eu acesso o login no computador e consigo acessar as fotos. Eu deixo sincronizado...** (Helen, 26 anos)

Como meu outro celular quebrou, então esse aqui não tem memória nenhuma. Eu joga pra nuvem e daí já apago daqui porque tem que liberar memória toda hora nele. **Armazeno tudo na nuvem pra não dar nenhum tipo de problema** (Daniel, 24 anos)

Agora to colocando tudo em nuvem, depois de ter perdido algumas. Agora tá indo tudo pra nuvem, na verdade falta só algumas pastas que eu ainda não coloquei na nuvem que eu vou tentar recuperar, que deu problema no HD. Mas **tudo na nuvem** (Lorenzo, 25 anos)

Por mais segura que a nuvem possa parecer ser, ela é um suporte de registro que depende de uma conta com usuário e senha, sendo uma forma privada de armazenamento. Muitas vezes, com um espaço gratuito limitado, então o(a) usuário(a) tem que pagar por mais espaço. Além disso, ela transpassa menor sensação de tangibilidade para os entrevistados nascidos antes de 1980, pois envolve outra configuração de armazenamento que depende da Internet, o que parece fugir do controle.

4.1.9 Celular

O celular além de ser um dispositivo de registro também é um suporte de registro, pois algumas pessoas o utilizam como local para armazenar as fotografias. Isto é, fotos que são tiradas nele são armazenadas nele. Como é um objeto portátil que as pessoas costumam carregar a quase todo tempo, a vantagem de tê-lo como suporte, segundo Luisa, é que consegue ver imediatamente e de maneira fácil uma fotografia.

Ainda tem muita coisinha no celular que é por conta de... de eu não ter passado pra lá [computador], né? Eu não gosto muito [de passar todas pro computador]. **Gosto de deixar algumas, legal mostrar pra alguém na hora. Então gosto de deixar porque aí tem como mostrar pra alguém.** (Luisa, 61 anos)

Ter a fotografia armazenada em um suporte como o celular para compartilhar com pessoas presencialmente é uma contribuição interessante. Belk (2014) já dizia que os dispositivos permitem que haja um maior compartilhamento do que com as fotos reveladas, pois navegam facilmente na Internet. Weilemann e Hillman (2019) discutiram sobre selfies que são tiradas, mostradas para pessoas que estão próximas no momento e tornam-se assunto. Porém, Mariele abriu a discussão para mais um tipo de interação: o de tornar fotografias suportadas pelo celular como assunto a partir de um encontro presencial. As histórias que envolvem as fotografias podem ser parte de uma conversa e ter a possibilidade de tirar do bolso para mostrar ao outro, em qualquer lugar que esteja, é também uma nova forma de compartilhamento com a chegada do digital.

Natalia, mãe de Luan, utiliza apenas o celular como suporte para armazenar as fotos. Quando a questioneei se ela costuma revelar fotos, já que tem uma grande quantidade de fotografias em condição material, disse que fazia isso apenas quando não existia o celular. Comentou que se parar pra pensar, as memórias vão ter que ficar armazenadas apenas na

memória, que não a do celular. Ela entende, portanto, que corre riscos de perder as fotos caso o dispositivo seja danificado.

O mesmo acontece com Vitor, que deixa suas fotos também apenas dentro do dispositivo, utilizando a memória do celular e um cartão de memória adicional que vai dentro dele. Quando questionei se perderia as fotos caso o celular fosse danificado, ele disse que, infelizmente, sim: “Só deixo no celular mesmo. Tá tudo no cartão de memória, né? Infelizmente a que não tá no cartão de memória eu vou perder, né? Acho que tenho 3000 e pouco no cartão de memória e quase isso na memória do celular”.

Além disso, como o celular tem limite de armazenamento as pessoas selecionam algumas fotos para que possam deletar outras e liberar espaço. Amanda, que tem muitas fotos guardadas em condição material, não comentou em nenhum momento sobre descartá-las. Porém, com as fotos digitais a relação parece ser diferente. É feita uma seleção em que algumas são apagadas e outras continuam armazenadas. Há ainda fotografias no celular que são guardadas com intuito funcional, e estas são facilmente descartáveis, como é perceptível na fala de Luan.

Sabe quando te manda tudo, na família? Postaram tudo, eu baixei e não selecionei depois. **Eu não gosto do meu celular cheio de foto demais.** Às vezes quando eu vou num consultório médico que eu tenho que ficar esperando, **eu paro, começo a limpar, tirar o que tá ali, porque vai acumulando demais, né? Esse trabalho de selecionar, sabe?** É coisa que a gente precisa fazer e acaba não fazendo, né? Vai ficando aqui... Nossa, tá na hora de eu dar uma excluída, tem coisa aqui pra *dedéu*. (Amanda, 51 anos)

Do celular eu apago. **Bastante coisa eu vou apagando, vou olhando, “ah, não gosto”, não são mais nada, não vou usar mais isso aqui...** Vou e apago. Entendeu? Tem coisa assim. Eu tiro bastante coisa de foto de tela de celular, de computador, é... **Ah, de coisa besta, às vezes anotar um número, tem essas coisas. Aí apago isso, mas foto normal, difícil mesmo.** Foto assim de momentos, de dia, tipo assim, de pessoas, é bem difícil. (Luan, 30 anos)

Ao se pensar no celular como suporte de registro, vejo que assim como Junior (2012) disse, essa possibilidade envolve vários fatores: portabilidade, conectividade, simplicidade de utilização, edição e publicação de fotografias. São praticamente duas décadas que o celular está presente como um objeto carregado no bolso durante o dia e que deita ao lado da cama durante a noite. Os primeiros modelos não tinham câmera, hoje já permitem que haja até mais de uma no mesmo celular com altíssima qualidade, o que move o olhar atento para entender todas as transformações que transbordam uma questão tecnológica. Se tratando de um

universo digital, Belk (2014) me ajuda compreender que é necessário um trabalho em andamento, pois este universo altera o comportamento do consumidor.

4.1.10 Redes sociais virtuais

Com celulares contendo câmeras e acesso à Internet, qualquer pessoa pode tirar e compartilhar fotos em plataformas de redes sociais (Iqani & Schroeder, 2016). Elas são espaços virtuais em que há relacionamento e troca de fotografias, mensagens e demais conteúdos entre usuários. Nesta pesquisa, apesar de alguns utilizarem com mais frequência e outros com menos, todos os sujeitos de pesquisa disseram ter perfis em redes sociais virtuais. Enquanto suporte de registro, elas acabam sendo uma forma de armazenar as fotos.

Segundo Luan, quando precisa buscar alguma foto, olha pelo próprio armazenamento do celular, pois o que vai para as redes sociais é a seleção das consideradas ‘melhores’. Mas, o que são consideradas as melhores fotos? Me ajudando a responder esta inquietação, Lorenzo comentou “acho que o feed ali tradicional é uma **vitrine**, né? Aquilo que você quer mostrar mesmo”.

Eu olho no celular mesmo, não no Instagram. Eu olho no meu celular. Porque no Instagram a gente escolhe até a melhor foto, às vezes a gente quer ver tudo. Normal, **você vai postar a foto e quer que a foto esteja mais bonita. Mas às vezes pra chegar na mais bonita você tirou 5, 6 fotos atrás.** (Luan, 30 anos)

A rede social virtual serve como um suporte de registro que parte de uma seleção, por ser o único que é exposto diretamente à outras pessoas. Os demais são individuais ou compartilhados em famílias. Assim como as tecnologias, percebo que as redes sociais virtuais também se alteram durante o tempo. Há redes sociais que foram muito utilizadas, como Orkut e MSN, e que não existem mais. Porém, há sujeitos de pesquisa que armazenam algumas fotos apenas nas redes sociais Facebook e Instagram. Como disse Daniel ao visualizar algumas fotos no Facebook: “se perder aqui é só agradecer a Deus e já era. [risos]. Não tem nem o que fazer”. O mesmo também ocorre com Lorenzo, que guarda algumas fotos de seu último dia de graduação apenas no Instagram (Figura 31). Anita que tem fotos com amigas na escola que estão somente no Facebook. Natalia fotografou fotos reveladas e criou um álbum no Facebook para armazená-las, considerando um lugar seguro (Figura 32).

Eu lembro que esse dia tava só eu e meu amigo, a gente tinha ido embora mais tarde, e falei, ah vamos tirar umas fotos pra gente lembrar. **Foi uma postagem pro Instagram. Fora nem tenho elas salvas.** (Lorenzo, 25 anos)

Na realidade eu fiz aqui, deixa eu achar. Ó... **Eu coloquei num álbum assim, ó.** Não tem título, mas é só pela época... Minha formatura, quando eu fui... No banco, ó. **Essas aqui são tudo fotos que *tavam* reveladas. Porque vamos supor que eu perco, eu tenho elas salvas** (Natalia, 62 anos)



Figura 31: Fotos que entrevistado armazena no Instagram

Fonte: Coleta de dados

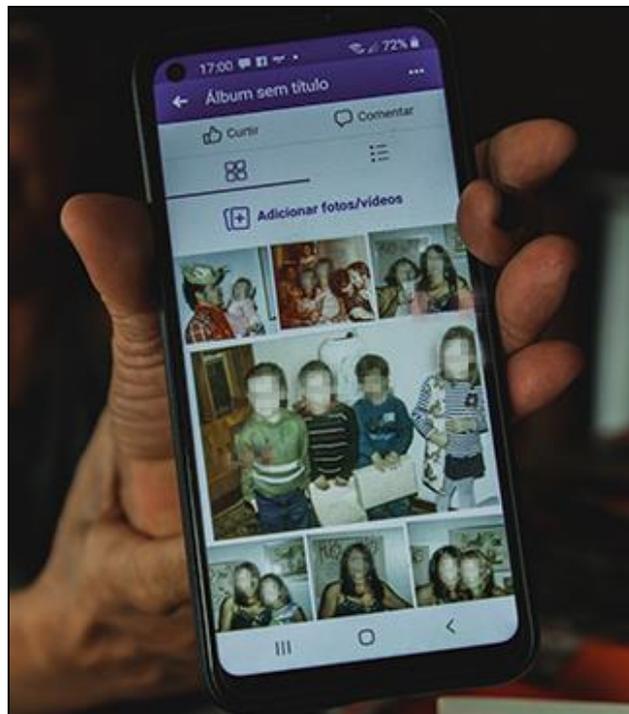


Figura 32: Fotos que entrevistada armazena no Facebook

Fonte: Coleta de dados

Em relação às redes sociais virtuais os nascidos antes de 1980 preferem o Facebook e os nascidos depois de 1980 usam o Instagram como principal. Sobre o que postam no Instagram, relatam depender entre feed e story. Em feed¹, dizem serem fotos pontuais de momentos que fogem do cotidiano, enquanto no story², que aparece para os seguidores durante 24 horas, o motivo principal é compartilhar o que está acontecendo naquele momento. Porém, o que surge em comum é que são fotos selecionadas para estarem ali. Em outras palavras, o maior objetivo da postagem de fotos nas redes sociais parece ser a interação por meio de compartilhamento, mostrar para o outro aquilo que se deseja, assim como disse Lorenzo:

São mais situações extraordinárias, que eu uso pelo menos, na publicação do Instagram, né? Um lugar legal, uma paisagem diferente, acho que é muito do sentimento, né? Se eu to empolgado, quero mostrar pras pessoas aquilo, o que eu tô vendo, o que eu tô fazendo, aí eu uso pra isso. (Lorenzo, T, 25 anos).

Vendo essa questão de compartilhamento pelo lado do receptor, ou melhor, dos receptores, é perceptível que situações conflituosas podem ocorrer, como é o caso de Patricia que disse que postar fotos em redes sociais virtuais já gerou brigas em seus relacionamentos. De acordo com Belk (2014), mesmo se restringirmos determinado conteúdo a um círculo designado de amigos virtuais, não há garantia de que as informações não serão republicadas. Compartilhar confidências com amigos não é novo, mas o público potencial agora é muito mais amplo. Talvez, por isso, as fotografias causem também desconforto.

Ah, uma vez eu tive um... Um rolo meu. **Aí eu postei a minha perna e eu tomando café**, assim, pegando daqui pra lá [mostra as pernas]. Eu *tava* de vestido. **Na verdade eu queria falar do café, eu não queria aparecer.** Coloquei o café assim e tirei uma foto, pra pegar o café e minhas pernas. **Nossa, mas deu um rolo.** Aí não quero saber mais disso não. **Muita briga por causa de foto.** Teve um cara que quis sair comigo, mandou flores pra mim, tudo, me admirava. É, conhecia assim... Tinha pessoas em comum conhecidas, saímos... Um cara famosinho aí. E... Adorava, falava que era modelo... Depois o cara ficou esquisito, era doido. **E pra terminar falou que eu tirava foto demais!** Desculpa, né? Porque eu nem tive nada escandaloso, e... **E eu via que ele curtia um monte de foto de muié de biquíni lá e deu a desculpa que eu tirava foto demais.** Perguntei pra um monte de gente, falei “gente, vocês acham que eu exagero na postagem das fotos?” “Claro que não!”. (Patricia, 39 anos)

Uma diferença entre o momento pré-digital é que, como diz Belk (2014), agora há uma apresentação mais pública de si, como se fosse uma revelação ou confissão. Com isso,

¹ O feed do Instagram reúne todas as publicações do perfil a partir de uma linha do tempo.

² Fotos e vídeos rápidos que só podem ser visualizados por um período curto de tempo, pois saem do ar em 24 horas.

fica evidente que essa visão do eu é co-construída com um feedback quase instantâneo que permite afirmar ou mudar o que se quer mostrar. Afinal, além de atingir um público visualizador maior das imagens, as redes sociais também permitem que os usuários interajam com elas. Como Patricia mencionou, o homem que ela se relacionou curtia fotos de mulheres que ela disse estarem de biquini. Do outro lado, a pessoa com a qual ela se relacionava também se incomodava com fotografias que ela postava. São questões que não eram presentes enquanto a fotografia estava apenas em um universo material. Entrando para o digital – imagem em formato informática- e para o virtual -navegar pela Internet com pessoas interconectadas-, ela ocasionou muitas mudanças.

Em outro momento da fala de Patricia mais uma mudança fica perceptível. A preocupação com a visão e reação do outro. Segundo o estudo de Brito e Freitas (2019) sobre compartilhamento de fotografias em redes sociais virtuais, o ato da postagem gera expectativa de retorno em formato de curtidas e comentários, causando sentimentos opostos nos usuários, como felicidade quando a expectativa de repercussão é atendida, e tristeza quando isto não ocorre. Patricia estava comentando que tenta fazer postagens sempre que possível porque hoje em dia considera importante estar presente nas redes sociais por conta de sua profissão, mas fica ansiosa sobre como isso será repercutido:

Fico muito ansiosa se eu posto e fico querendo ver quem olhou e não consigo fazer outras coisas, sabe? Aí fico toda hora no celular, o tempo todo. Fico “ai meu Deus, isso tá tirando o foco de outras coisas”. Tô aprendendo a lidar com isso. Tem as que ficam colocando o dia inteiro coisa, parece que não faz mais nada, como que dá conta, né? Como que dá conta? (Patricia, 39 anos)

Apesar de ela mesma mencionar em seguida que estando na Internet opiniões divergentes podem aparecer, ela demonstrou não conseguir lidar com todas essas mudanças e demandas. Patricia comentou sobre sua observação a respeito de uma mulher que ela segue nas redes sociais, que representa aquilo que se afasta do que ela quer construir de sua imagem.

Tem uma moça que eu sigo, não conheço ela pessoalmente... **Ela é massagista**, ela faz massagem. **Ela tira muita foto dela sensual**. E ela atende muitos homens. **Aí ela achou ruim que o cara achou que ela era prostituta...** então... É... Eu não posso julgar, não achei que ela era prostituta por causa disso, mas a gente sabe que tem gente que vai achar. Por que? Porque tem muitas massagistas que eu sigo que não tem esse perfil. Que não postam esse tipo de coisa, porque já existe preconceito. Elas postam coisa da saúde pra entender que é trabalho sério. **Só que ela coloca muita foto dela, decotão, barriga, perna... Jaleco aberto e mostrando muito. Então leva a entender que ela faz uma massagem mais sensual [risos]**. Eu tô julgando? Eu não quero julgar, mas eu to entendendo o que o outro ta entendendo. Uma mensagem, né? Ela talvez não tá prestando atenção que tá transmitindo isso. Deu vontade de mandar

mensagem pra ela, mas eu nem conheço a pessoa, vou falar? Deixa quieto [risos]. Mas deu vontade “olha, não é por mal, mas é a mensagem que você tá passando”. **E eu já errei muito nisso, eu acho.** Quando eu tava solteira, carente... **E aí você fica se mostrando muito.** Você vê, tinha muita foto minha, o pessoal [falava] “você tá necessitada”. Falo pras minhas amigas que quando eu parei “não, não quero mais isso”, aí que as coisas foram mudando. E a imagem que eu passo também mudou, né? Porque primeiro eu fui olhar pra mim, pra dentro de mim. Que que eu to transmitindo? Aí eu fui mudando minha postura e isso foi mudando minha vida toda. (Patricia, 39 anos)

Ela disse não conhecer a massagista, mas o universo digital permite esse tipo de navegação, em que não se há controle do alcance. Ela discorre sobre a sua visão perante o posicionamento da mulher nas redes sociais virtuais e depois disse que errou na mesma coisa. Sendo assim, é ao mesmo tempo a visualização de um eu passado, negando as características que ela não quer mais a partir de uma mudança que ela considera que partem do interior para o exterior.

Contudo, a relação traçada entre sujeitos e objetos é de dualidade, em que um afeta o outro. Não há total controle sobre a outra parte, pois ambos têm agência (Miller, 2013). Por mais que ela considere que tem controle sobre aquilo que transmite, pois ela justificou que isso é quem ela é, ao mesmo tempo se mostrou vulnerável com a outra parte da relação, tanto com medo da crítica quanto do descontrole sobre o tempo que permanece no celular por conta das fotografias.

Segundo Levy (2010, p.4) “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Isso reflete a importância de entender a construção de histórias neste novo espaço que é parte da resposta de como compreender como se configura o consumo de fotografias de famílias a partir da passagem do material para digital. E, portanto, suas consequências.

De acordo com Belk (2014), compartilhar em si não é novo e, sem dúvida, existe há tanto tempo quanto a humanidade. Porém, os dispositivos digitais ajudam a compartilhar mais, e de forma mais ampla do que nunca. Para os ativos nas redes é provável que os usuários seguidores saibam mais do que seus familiares próximos sobre suas atividades diárias, conexões e pensamentos. Como é o caso de Daniel, ele mora com os pais e o irmão na mesma casa, mas as declarações como em aniversários acontecem nas redes sociais (Figura 33). Sendo assim, talvez os usuários saibam mais do sentimento que ele descreve quanto posta e insere legenda do que o próprio irmão. Ele comentou que não são próximos, mas quando tira foto com ele é um dos momentos que ele considera mais importantes.

Esse aqui é o amor da minha vida, meu irmão que passou aqui... Nossa! Esse é brabo. Sou o maior fã dele, ele é formado em moda... Ele é trans, então, meu, moleque domina! Muito inteligente. E tipo.... **Ele acaba criando uma barreira, tá ligado? A gente se cumprimenta assim, igual aqui “e aí, beleza?”**. Mas não por mim, tá ligado? Por mim eu estaria com ele 24h, sou do tipo que tenho ciúmes dos amigos dele, tá ligado? Eu queria muito, 100%. Só que eu acho que tipo assim, tem coisa que deve ser muito complicado... Preto, homossexual... então você acaba criando uma casca que é muito *foda* (...) Tipo, eu, nossa, **eu amo mais que meu pai, que minha mãe. Ele é a pessoa mais importante da minha vida. Sempre que tenho alguma oportunidade eu posto, só que *nois* não tem muita foto, sabe? Sempre que tiro um rolê, chama pra tirar uma foto dele, sinto que tenho que dar a vida, sabe? De fazer a melhor foto que já fiz na minha vida. Tipo, ele pra mim é *o mais pá*. Essa foto aqui, tipo, eu gostei pra caramba, tanto que eu sempre reposto no story, em alguma data comemorativas e tal.** (Daniel, 24 anos).

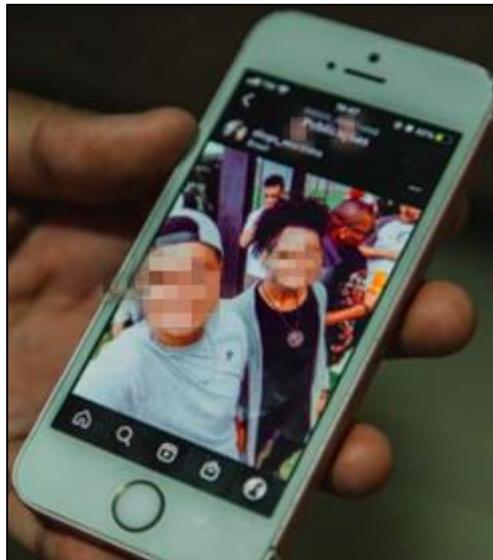


Figura 33: Declaração de aniversário para irmão por meio de foto no Instagram

Fonte: Coleta de dados

O suporte de registro redes sociais virtuais é o que, de longe, mais ocasionou mudanças na relação com a fotografia. De certo modo, ele é o único dentre todos os suportes de registro que não é privado. Ele insere as fotografias em um álbum muito mais incontrollável do que o álbum de família guardado dentro casa. Ao permitir que o outro, do qual não se tem controle de quem possa ser, veja o nosso universo íntimo, as relações traçadas entre sujeito e objeto se transformam.

Olhando para todos os suportes de registros discutidos, entendo que assim que a fotografia passou a ser predominantemente usada pelas famílias por meio do celular, novos suportes de registro surgiram, que antes não eram necessários quando havia apenas a câmera analógica. De um espaço restrito à casa das famílias, passaram a navegar por ambientes até

então inexistentes (Mauad, 1996). Quando a fotografia existia apenas em condição material, caixa de sapato, álbum, porta retrato e quadro eram os suportes que tinham o privilégio de armazenar histórias. Com o passar do tempo, CD, computador, HD externo, nuvem, celular e redes sociais foram tomando espaço para armazenarem registros em condição digital.

Quanto maior a sensação de tangibilidade, maior a chance das pessoas nascidas antes de 1980 escolherem o suporte. Elas se apresentam como amantes da fotografia impressa, mas deixaram de revelar com a chegada do digital. Com a tentativa de terem de alguma forma a posse, elas preferem ter as fotografias em dispositivos que possam pegar em mãos, como o celular e o computador. Por outro lado, os nascidos depois de 1980 não tiveram tempo de ter um relacionamento sério com a fotografia em condição material e já foram flechados pela fotografia em condição digital. Por isso, a nuvem aparenta ser a forma mais segura, já que a relação que tem com este universo é mais familiar.

De qualquer maneira, todos os suportes de registro têm chances de serem perdidos. Alguns menos, como as fotografias em condição material, que só sumiriam se houvesse alguma catástrofe da natureza ou acidental; enquanto os em condição digital podem ser danificados de diversas maneiras. A grande consideração é que não estando em condição material, torna-se difícil utilizá-la como algo a ser compartilhado com outras gerações. Marshall e Davis (2019) dizem que a fotografia atua como auxiliar de memória. Elas contam histórias, que são intensas, cheias de afeto, nostalgia e sentimentos diversos. Porém, podem acabar esquecidas, perdidas no tempo.

4.2 Dispositivo de registro

Dispositivo de registro aqui é definido como um bem de consumo, sendo esse a câmera fotográfica de qualquer tipo. Durante o trabalho de campo os sujeitos de pesquisa não me mostraram os dispositivos em si, mas citaram com qual deles as fotos tinham sido fotografadas, então cheguei a quatro grandes categorias que podem ser vistas no Quadro 4: câmera fotográfica profissional, câmera analógica, câmera digital e celular.

Quadro 5: Descrição dos dispositivos de registro

Dispositivo de registro	Descrição
Câmera fotográfica profissional	Dispositivo utilizado exclusivamente por profissionais contratados para fotografar

Câmera analógica	Dispositivo que necessita de filme fotográfico para captura e de revelação para visualização
Câmera digital	Dispositivo que utiliza de sensor para digitalizar a imagem e depende de um computador para descarregar as fotografias
Celular	Dispositivo que tem várias funções, sendo, uma delas, fotografar

Fonte: autora

4.2.1. Câmera fotográfica para uso profissional

Em uma linha do tempo, as fotografias mais antigas que encontrei em campo foram produzidas a partir de uma câmera que tinha uso profissional, pois as pessoas que entrevistei relatam que havia um(a) fotógrafo(a) que clicava. Não há uma especificação de como eram esses dispositivos de registro, pois os(as) entrevistados(as) citam apenas a presença dos profissionais, sem mencionar detalhes sobre a câmera em si. Sendo assim, diferente das outras categorias, essa é a única que é posse de terceiro, não sendo possível saber o modelo, se analógico ou digital, com exatidão.

Leite (1993), em seu estudo sobre retratos de família entre 1890 e 1930 em São Paulo, diz que apenas em 1936 surgiram inovações de iluminação e câmeras móveis menores em que a própria família poderia fotografar, pois até então havia dependência de fotógrafos profissionais. Todavia, aqui nesta pesquisa vejo que desde a década de 40, em que surgem as fotografias mais antigas que coletei em campo, até a década de 1960, todas foram tiradas por profissionais. Apenas na década de 1970 é que algumas fotografias começaram a ser tiradas por meio de câmera própria. Por exemplo, quando questionei Sara sobre ter fotos dela quando era criança, correspondendo ao fim da década de 60, ela me respondeu que:

Quem tirava sempre era o fotógrafo. Era a Tais fotógrafa e o Pedro fotógrafo. Eles tinham foto, os dois japoneses, os filhos seguiram a profissão, e eles faziam essas fotos, né? Iam na casa. (Sara, 56 anos)

Ainda na década de 70 havia a presença desses profissionais, mostrando que dispositivos de registro tinham começado a se tornar um objeto de consumo das próprias famílias, mas que isso se restringia a apenas uma parcela de pessoas que tinham condições financeiras para comprá-las. Isto se torna visível não diretamente na fala dos entrevistados, mas nas próprias fotos, quando eles mencionam a idade que tinham ou o ano em que a imagem foi tirada. Enquanto isso, o consumo de fotografias tiradas por profissionais era presente, como no caso da fotografia da Luisa com 15 anos, que ela relata que:

“Aqui eu tinha 15 anos [1974]. Essa é legal. (...) **Fotografo passava em casa.** Passava em casa e marcava, combinava o dia, tudo, aí a gente se arrumava, tudo. Isso aí eu lembro muito bem que era assim. (...) era esporádico. Não tinha esse negócio de ir sempre lá.” (Luisa, 62 anos)

Quando houve a possibilidade de as pessoas terem o próprio dispositivo de registro para fotografarem, comecei a visualizar em campo este uso de contratação de profissionais apenas em eventos de registro que não fazem parte do cotidiano, mas que representam momentos especiais para os sujeitos de pesquisa, tais como aniversários, batizados, primeira comunhão, crisma, casamento e formaturas.

Sendo assim, vejo que em um primeiro momento da história da fotografia ela só era possível por meio de um profissional. Com o passar do tempo, como pontua Libério (2013), ao olharmos as modificações nos equipamentos no século XX notamos que foram priorizadas três questões: redução do tempo para clicar, refinamento a partir de demandas e facilidade para aumento da circulação. Acontece que não foram as câmeras profissionais que se tornaram acessíveis, mas novos modelos que foram desenvolvidos para o público em geral. Fotógrafos(as) que eram fonte necessária para clicar uma foto hoje são apenas opção de serviços para ocasiões pontuais.

4.2.2 Câmera analógica

Na década de 1970 algumas poucas fotos que constatei em campo já eram nitidamente fotografadas pelas próprias famílias. O dispositivo de registro neste momento era a câmera analógica, que permaneceu como o único meio de fotografar até o fim do século XX, pois dispositivos digitais surgiram apenas na década de 2000 em campo. Na década de 1980 a câmera analógica já fazia parte do cotidiano de algumas famílias, como é o caso da Mariele, que mostra que quando era criança no fim da década de 50 era difícil de ter fotografias, mas que quando teve seus filhos na década de 80 isso era um hábito no cotidiano:

A minha época de pequena era mais difícil, mas na época deles [filhos] tirava. Tirava até deles peladinhos tomando banho, brincando. **Ah, tirava bastante.** Eu gostava! Tinha filme, *punha* lá, *tic tic*. (Mariele, 67 anos).

Mariele também me contou que ela teve várias câmeras, uma delas, a Polaroid, em que era possível ver a fotografia no mesmo instante que ela era clicada. As outras necessitavam serem reveladas, pois não dava para visualizar instantaneamente. Havia um intervalo temporal entre o momento fotografado e o de visualizar a imagem. O fato de não poder ver fazia com

que não tivesse como fazer uma seleção daquilo que seria revelado, pois fotografia naquele momento era sinônimo de fotografia em condição material, revelada.

Além da característica das fotografias dependerem da revelação para serem vistas, o próprio dispositivo de registro da época poderia ter algum problema ocasionando na perda das fotos, porque ele dependia de filmes que eram embutidos. Quando era realizada a revelação, as pessoas podiam se deparar com erros que faziam com que as imagens fossem perdidas. Patricia me contou um caso que aconteceu com ela quando foi fazer uma viagem na década de 90 e que teve companhia da câmera analógica. Ela disse que ficou muito triste e chateada por ter perdido as fotos, como se tivesse perdido também uma parte da experiência naquele lugar.

A gente não ficava tendo aquele mooonte de fotos, né? E também aconteceram algumas coisas que às vezes eu me decepçionava. Uma vez eu fui pro Chile (...) e aí eu levei aquela máquina que a gente tinha, antiga, e **tinha um filme inteirinho que ele enrolou, sabe? Dentro da câmera. E eu perdi todas daquele.** É, as fotos de um dos rolos, porque eu levei mais de um filme. **Nossa, aquilo me chateou muito, fiquei muito triste, porque eu perdi as fotos, né?** Então sempre acontecia isso também, às vezes a gente ia revelar e tinha revelação surpresa que tinha dado algum erro. (Patricia, 39 anos)

Outra questão importante sobre o filme da câmera analógica era o custo. Quanto mais fotografias clicadas, mais se gastava para revelar. Patricia contou sobre mais uma experiência que teve no seu intercâmbio em 1998, que parte do dinheiro que ela tinha ia para a revelação de fotos. Ela até se questionou sobre o sentido de ter tirado tantas fotos repetidas, o que é curioso, pois com o celular ela faz a mesma coisa, com a diferença de que se tirar uma ou cinquenta fotos tem-se o mesmo custo. Sara disse sobre gastar para ter uma quantia limitada e se deparar com fotos que não ficavam boas depois.

Tudo mal tirada, porque mandava o filme revelar. Às vezes gastava uma nota... Tinha filme de 12, filme de 24 e filme de 36. **Pagava uma fortuna, aí mandava revelar, metade não prestava.** Porque você nunca sabia (Sara, 56 anos).

Lorenzo, de 25 anos, comentou sobre ter que fazer um planejamento para usar a analógica e que não podia tirar foto de qualquer coisa, como se pode hoje. Quando questionei ao Luan, de 30 anos, se ele teve câmera analógica, ele me respondeu que também só utilizou quando estava viajando com os pais, pois era preciso ter um certo conhecimento de como usar esse dispositivo de registro para não desperdiçar os filmes que eram necessários e que custavam. Dessa maneira, a câmera era uma posse dos pais. Os filhos, que na década de 90

eram crianças, lembram de terem visto e utilizado em momentos muito pontuais, mas não era algo que eles mesmos consumiam. Por outro lado, a câmera parecia ser um dispositivo de registro utilizado com frequência na década de 90 como parte do cotidiano das pessoas que entrevistei nascidas antes de 1980.

A câmera analógica, que foi um dispositivo muito utilizado por todas as famílias que encontrei em campo, foi abandonado assim que houve a chegada do digital. As fotos que eram exclusivamente presentes em um meio material por meio das fotos reveladas, passaram a estar predominantemente em condição digital através da câmera digital e principalmente dos celulares. A analógica tinha temporalidade e formas de circulação mais devagar e centralizadas, enquanto a foto digital atua de forma mais rápida, muitas vezes até instantâneas (Lemos & Pastor, 2018).

4.2.3 Câmera digital

Na primeira década do século XXI, as câmeras digitais conquistaram espaço (Targa, 2010). Todas as famílias que entrevistei contaram que tiveram acesso à câmera analógica, câmera digital e celular. Todos os sujeitos de pesquisa tiveram contato com a câmera digital, exceto a Anita, que é a entrevistada mais nova e relata não ter utilizado, pois o seu consumo próprio em relação à fotografia já começou diretamente com o celular: “então em... 2008, 2009 tinha celular tipo smart que já tirava foto. Então sempre foi no celular. Nunca usei câmera”.

Ao mesmo tempo que na década de 2000 o celular já estava sendo utilizado, a câmera digital, também chamada de câmera compacta, fazia parte de um objeto de consumo das famílias que era utilizado para fotografar. Lorenzo me contou que lembra que em 2005 a câmera digital era mais acessível e que, portanto, a família tinha uma que compartilhava.

Da mesma maneira que a câmera analógica necessitava do filme para poder ser revelada e visualizada, a câmera digital também dependia de um computador para poder ser salva e compartilhada. Lorenzo contou que as pessoas levavam para os lugares e “descarregavam no PC” para mandar para outras. A diferença aqui é que já era possível ver a foto tirada pelo próprio dispositivo.

Na época era MSN, quase todos usavam MSN e cada um mandava foto que tirou no dia, sabe? Na época tinha as duas coisas, **as pessoas usavam muito câmera digital, mais do que celular ainda. Não era tão bom as câmeras do celular.** Aqui tem até uma com

celular, mas eu lembro que era mais comum câmera fotográfica. **Todo mundo levava pro rolê, sempre alguém levava, descarregava no PC e mandava pra todos.** Acho que mandava pelo MSN, não lembro do melhor jeito de compartilhar. Acho que era o MSN que mandava mesmo. (Lorenzo, 25 anos)

Com este dispositivo de registro é nítido que o compartilhamento começou a se expandir, pois a partir do momento que a foto estava digitalizada em um computador era possível enviar para quem quisesse. Todavia, a temporalidade ainda não era tão imediatista quanto a do celular, pois era necessário o intermédio do computador para isso.

Com a câmera analógica aconteciam perdas por conta de situações com os filmes que enrolavam ou queimavam, e as pessoas se deparavam com isso no momento da revelação. Por outro lado, as que ficavam boas eram armazenadas e ninguém me relatou que perdeu alguma. Já com a câmera digital, as perdas se davam em um outro momento. Por ficarem guardadas em um dispositivo eletrônico havia o risco de perda caso ele parasse de funcionar por algum motivo, como foi o caso do Luan que derrubou o notebook e perdeu tudo que tinha armazenado ali.

Depois que caiu o meu notebook que eu perdi tudo essas coisas... E a câmera e a última que eu fui ter foi câmera digital, Sony Cyber Shot (...) Eu guardava tudo no meu notebook, meu notebook caiu bem na quina do HD, e o HD queimou, riscou todos os discos. Consegui salvar algumas fotos de uma viagem da Amazônia, que eu fui. É, foi *foda*, eu **fiquei bem triste**. Tudo da minha época do colégio, **tudo que eu tinha eu perdi tudo**. Tudo, tudo, tudo, tudo. (Luan, 30 anos)

Curioso é que, por mais que os entrevistados tenham citado que tiveram câmeras digitais, quase não vi fotos que foram tiradas com esse dispositivo. As fotografias que me mostraram eram basicamente provindas de câmera analógica ou de celular, o que me leva a refletir que as da câmera digital ficaram “perdidas” em algum suporte de registro digital. Sendo assim, me questiono sobre onde será que ficarão as fotos que são tiradas hoje quando novas tecnologias surgirem.

4.2.4 Celular

Os celulares começaram a ser popularizados como um dispositivo de registro a partir do início da década de 2000. Diferente das câmeras profissionais, analógicas e digitais, eles não tinham a fotografia como principal função. A sua principal função era o de possibilitar a comunicação entre pessoas. No início a qualidade da fotografia tirada pelos primeiros celulares nesta década era ruim, segundo Patricia e Anita:

Aí depois foi começando esse negócio de celular, né? Eu lembro que eu *tava* em São Paulo [2002], *tava* na aviação na época que começou o negócio de celular que tirava foto, era bem ruim a imagem. Eu ainda tenho umas coisas dessa época aí, dessas fotos. **Qualidade bem ruim.** E aí esse negócio de pixels. Aí depois foi melhorando, né. (Patricia, 39 anos)

Desde os primeiros celulares que eu tinha quando eu era maiorzinha já tinha uma câmera. **Ruim**, mas tinha, sabe? Então em... 2008, 2009 tinha celular tipo smart que já tirava foto. Então sempre foi no celular. Nunca usei câmera (Anita, 21 anos)

Por mais que a tecnologia tenha avançado em relação à qualidade da fotografia nos celulares como relatou Patricia, ainda há uma diferença perceptível entre a fotografia tirada com câmera de acordo com a Luisa, que foi uma pessoa que disse ter utilizado muito a câmera antes do aparecimento do celular. Todavia, ela deu exemplo de uma foto que tirou da mãe com o filho que não tem qualidade, mas que ela iria revelar, tornando a imagem especial, porque ela remete um momento que ela não gostaria de esquecer.

Então eu dou muito valor a fotografia e a ter essas coisas de memória, aí **depois com essas mudanças da tecnologia pra falar a verdade eu dei uma boa parada de tirar foto, porque hoje você tira com o celular, de repente não gosta já apaga, né? Mas naquele tempo que eu tirava era mais pra revelar**, e tal. Mas eu gosto muito, e sempre tirei muitas fotografias de família, assim... (...) Essa é da minha mãe que o Lorenzo tirou em casa com ela. Essa daqui foi assim, foi eu que tirei, ela tava sentada no sofá junto com o Lorenzo e eu na frente. Aí os dois ficaram brincando, rindo. Aí achei que ela ficou bonitinha. **Pode ver que não tem qualidade, tirei do celular pra revelar. Problema de tirar foto sem ser com câmera é isso, né** (Luisa, 62 anos)

Por outro lado, a questão da qualidade da imagem foi pouco mencionada pelos outros sujeitos de pesquisa, em que todos, sem exceção, utilizam hoje apenas o celular para fotografar. De acordo com Belk (2014), embora os telefones celulares possam ser cada vez menos usados para ligações e e-mails, eles são cada vez mais usados para enviar mensagens de texto, tirar, postar fotos e compartilhar localização para se conectar com outras pessoas. Um dispositivo de registro que tem outras funções além de fotografar passou a ser o mais utilizado, e único, para exercer essa função. Como disse Vitor:

Ah, hoje não tem um outro meio a dizer a não ser no celular, né? Porque até que antes a gente até exagerava em revelação de fotos, tem muitos álbuns de fotos das crianças desde pequeninhos. **De certos anos pra cá, o único meio é no celular.** (Vitor, 51 anos)

A câmera analógica e a câmera digital tiveram um período com ápice de consumo e em seguida um declínio gradual. Como a tecnologia tem se apresentado em constante transformação, é questionável pensar se acontecerá o mesmo com os celulares. Por englobarem tantas funções em um único dispositivo, creio que, por um longo período ainda continuará sendo utilizado. O que ocorrerá, possivelmente, são modificações e avanços tecnológicos, assim como as próprias câmeras embutidas neles vêm sendo melhoradas e refinadas cada vez mais.

Como considerações importantes sobre dispositivo de registro, entendo que eles foram fundamentais para a passagem da condição material da fotografia para também digital. Apenas com as transformações da tecnologia é que foi possível tornar o ato de fotografar algo popular e comum. Isto envolveu também uma questão de temporalidade: a câmera fotográfica profissional depende do modelo e do tempo do profissional, já que exige a presença deste; câmera analógica é mais lenta, condicionada a revelação para ser vista; a câmera digital tem temporalidade média, pois necessita de computador para ser descarregada; e o celular é o mais rápido, possibilitando a visualização e compartilhamento instantâneo.

Fotos por câmera fotográfica profissional, analógica ou digital tinham predominantemente como consumidores os nascidos antes de 1980. O celular é o único comum a ambos, nascidos antes e depois de 1980. Ele passa a ser, inclusive, o único dispositivo utilizado para registrar fotografias na última década.

4.3 Objeto de registro

Objeto de registro refere-se à imagem registrada pelo dispositivo de registro. Esta, por sua vez, tem sempre um objeto principal, que é o motivo e foco principal do registro. Ela pode ter também um objeto secundário, que ajuda a compor a narrativa da fotografia e que age como um plano de fundo. Como a mudança de tecnologia têm influência no objeto, dividi esta seção em décadas, partindo de 1940 em que estão as primeiras fotografias que encontrei em campo, até a década de 2010 que se estende até o momento da realização da pesquisa no ano de 2021 (Quadro 6).

Quadro 6: Descrição dos objetos de registro

Objeto de registro	Descrição	Década
Pessoas	Indivíduos, casais e famílias enquanto bebês, crianças, adultos e idosos	1940 a 2010
Refeição	Comidas e bebidas	2010

Natureza	Paisagens, plantas e animais	2010
----------	------------------------------	------

Fonte: autora

4.3.1 Década de 40

Coletei quatro fotos em campo que foram tiradas na década de 40. Todas elas são imagens que foram reveladas em preto e branco e que tem como objeto de registro familiares das pessoas entrevistadas. Não há eventos de registro especiais que possam ser detectados pelas próprias imagens, pois elas são basicamente retratos individuais ou com familiares próximos, que evidentemente foram tirados por um profissional. São imagens posadas, em que noto que as pessoas se prepararam para estarem ali naquele instante, até pelo fato de estarem trajadas com roupa social. Apenas uma delas tem uma mulher sorrindo, nas demais a feição é de seriedade. Isto também se dá porque havia um tempo longo de exposição na hora do clique em que as pessoas tinham que ficar paradas para não tremer a imagem, o que justifica o semblante.

A fotografia em que está a mulher sorrindo (Figura 34) é da sogra da Mariele, já falecida, que tinha uma mensagem no verso escrito por ela (Figura 35), pois ela presenteou o marido, que na época era noivo, com um retrato seu: “Ofereço-te minha fotografia ao meu noivo Orpheu como prova de meu... noivo. Carmem”. Essa fotografia estava solta junto com centenas de outras dentro de uma caixa de sapatos, onde estão armazenadas memórias desta família. Essa em específico, mesmo não sendo uma familiar consanguínea da entrevistada, representa parte da família que ela construiu a partir de seu matrimônio e chamou atenção por ter sido um presente.



Figura 34: Fotografia de sogra de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

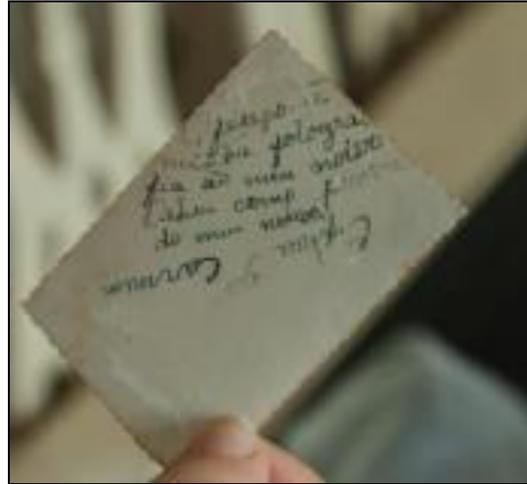


Figura 35: Verso de fotografia de sogra de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

A segunda foto é da mãe da Luisa junto com outras duas mulheres e um bebê, que pode ser vista na Figura 36. A entrevistada relatou essa foto como sendo especial, pois ela chegou a restaurá-la, já que estava rasgada, e deu uma cópia para cada um de seus irmãos. Para ela, as outras pessoas da imagem não têm importância, pois nem me disse quem são- e talvez nem saiba. O importante era ter a mãe dela ali, sendo um registro raro por ser quando a mãe era nova, antes mesmo de se casar. Essa informação a Luisa só sabe, pois alguém contou para ela, já que nem nascida ela era. Sendo assim, a fotografia aqui já parece como uma forma de ver momentos que não foram vividos pela própria pessoa, mas que permite que ela entre em contato com o fragmento de uma história vivida de alguém que muito importa.



Figura 36: Verso de fotografia de sogra de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

A terceira foto (Figura 37) é dos bisavós da Amanda. É um retrato de casal em preto e branco com o fundo pintado em azul, já que não existia impressão fotográfica colorida na época. A entrevistada disse que quem tinha essa foto era a mãe dela, o que mostra que a fotografia passou por gerações e ainda é importante por representar antepassados que tornaram o presente possível. Segundo Marshall e Davis (2019), as fotos são fonte poderosa de reunir membros da família de diferentes gerações.



Figura 37: Fotos dos bisavós de entrevistada
Fonte: Coleta de dados

Essas características comuns das imagens refletiam o momento em que foram tiradas. Em seu estudo, Leite (1993) averiguou que havia uma aparente padronização das fotografias em que nenhuma era colorida. Apesar do primeiro filme colorido ter surgido em 1907, até em 1970 houve resistência para a mudança, principalmente porque o custo era alto (Zanini, 2014).

4.3.2 Década de 50

Coletei três fotos da década de 50, que são de familiares, como já havia aparecido na década de 40, porém aqui já há uma fotografia de uma das pessoas entrevistadas quando era criança. Segundo Sontag (2004), até os ricos tinham geralmente apenas um retrato de si e de seus antepassados quando crianças, enquanto hoje é comum muitas fotos em todas as idades, pois os dispositivos de registro permitem isso, diferentemente da realidade ainda nesta década.

Mariele me contou que é a única fotografia (Figura 38) que ela tem nessa fase, pois foi um registro a vinda dela de Portugal para o Brasil utilizado como documento em seu passaporte. Ela comentou várias vezes sobre essa imagem de quando tinha quatro anos até

encontrá-la durante nossa conversa, e quando achou, me disse com muita empolgação: “Olha eu, que bonitinha! Essa [foto] que eu queria te mostrar!”. Em meio a tantas fotografias que ela tem guardadas, essa se destaca por ser um registro raro daquela fase.



Figura 38: Foto de entrevistada quando criança no documento de passaporte
Fonte: Coleta de dados

A fotografia presente na Figura 39 é dos avós da Amanda, que foram armazenados pela mãe dela. Noto que é uma posse que passou de geração para geração. Ainda, ela mostra a forma que a fotografia se dispunha naquele tempo, que segundo a entrevistada “era engraçado que eles guardavam, minha tia mesmo tinha uma foto na parede, não sei se você já viu esse tipo de foto, que era meio arredondada assim, bem coisa das antigas.”



Figura 39: Fotos dos avós de entrevistada
Fonte: Coleta de dados

A fotografia da Figura 40 é um retrato dos pais da entrevistada Natalia utilizando vestimentas como roupa branca e véu para noiva; e terno para o noivo. Para a Natalia esse

registro é tão significativo que é a capa do perfil do Facebook, imagem que qualquer usuário vê assim que entra na página dela.

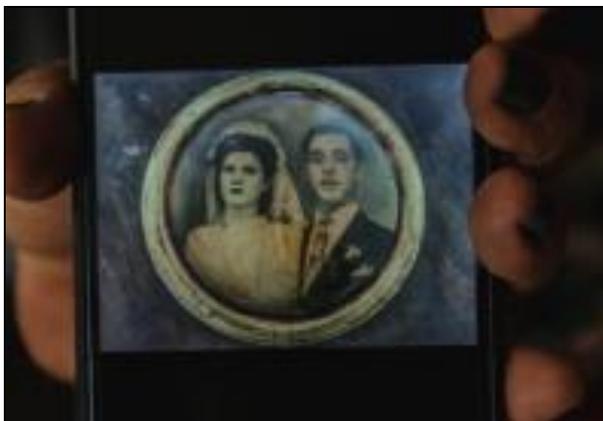


Figura 40: Fotos dos pais de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

A imagem que antes transitava apenas fisicamente por meio da foto revelada aparece aqui com um novo suporte de registro, o das redes sociais virtuais, sendo então a foto de uma foto, já que a revelada está com a irmã que morava junto com os pais, antes de eles falecerem.

4.3.3 Década de 60

As fotografias coletadas da década de 60 têm a mesma característica visual das décadas anteriores de serem em preto e branco e fotografadas por algum(a) profissional. Constatei que ter fotos nesta década era uma raridade pelas falas das entrevistadas como tendo a fotografia como um acontecimento especial, não fazendo parte do cotidiano. O objeto de registro continua sendo pessoas, passando a abranger com mais frequência crianças e bebês.

A fotografia da Figura 41 é da Luisa quando tinha 7 ou 8 anos. Ela disse que “tirava na escola com fotógrafo. Todo ano ele ia na escola e aí começo do ano comprava foto. Tinha um painel atrás, colavam um quadro. Tinha um mapa, tá vendo?”, mostrando que havia um cenário com livros como objeto secundário para que as crianças fossem fotografadas e as fotos vendidas aos pais ou responsáveis. O mesmo tipo de foto apareceu em várias outras famílias entrevistadas.



Figura 41: Foto de entrevistada na escola quando criança

Fonte: Coleta de dados

Amanda mostrou uma única foto que tem dela quando tinha 9 meses, em que me contou que “de criança mesmo eu lembro dessa porque minha mãe fez de todas [filhas]. Minha mãe morava em sítio, não tinha o hábito. Era aquelas fotografias bem antiga mesmo, então não tenho muito”. Na fotografia da Figura 42 está o marido da Amanda quando bebê, em que ela diz que “era um hábito esse tipo de foto, né? Da época (...) Eu acredito, não sei, mas acredito que seja uma vez na vida, era a única foto [risos]”. São várias imagens em que aparece só o rosto do bebê de maneira espontânea com várias expressões e segurando alguns objetos como chupeta e óculos.



Figura 42: Foto de marido de entrevistada quando bebê

Fonte: Coleta de dados

A fotografia da Figura 43 é parte de um álbum montado pelo pai da entrevistada Sara. Segundo ela “era difícil tirar foto naquela época e ainda revelar tanta foto assim”. Na fotografia ela pontuou que era o retrato de uma irmã do pai dela. O objeto de registro é uma familiar da entrevistada que foi armazenada por outra pessoa, no caso o pai dela, e hoje é posse dela.



Figura 43: Foto de uma tia da entrevistada

Fonte: Coleta de dados

Por mais que tenham surgido novas formas de registro nesta época, ainda assim visualizo que ter fotografias era raro, inacessível ao público amplo. Vitor, por exemplo, disse que morava em sítio e se lamenta por não ter nenhuma foto de sua infância. Os entrevistados mostraram poucas fotografias em termos de quantidade e que se resumiam basicamente em retratos individuais, de casais ou de crianças.

4.3.4 Década de 70

Na década de 70 visualizei algumas fotografias coloridas, apesar de a grande maioria ainda ser em preto e branco. As fotografias começaram a ser clicadas predominantemente pela câmera analógica. O objeto de registro continua sendo pessoas enquanto indivíduos, casais e famílias, mas surgem novos objetos secundários que caracterizam eventos como formatura ou relacionados à religião, e lugares que fazem parte do cotidiano, sem grandes produções, como a varanda de casa.

Luisa tem um álbum em que guarda várias fotos. Segundo ela: “Olha o tanto de foto antiga, essa aqui eu tinha 18 anos... essa aqui na minha primeira eucaristia na Igreja, no colégio Santa Cruz...” Depois, mostrou uma foto dela utilizando beca (Figura 44), para fotos de formatura do colégio “Aqui é em 77, do terceiro ano quando eu terminei o terceiro ano”.



Figura 44: Foto de entrevistada em formatura do colégio

Fonte: Coleta de dados

As fotografias abaixo (Figura 45) foram mostradas por Amanda, sendo um tipo de fotografia específico, com um cenário montado nas escolas com livro e bandeira, e que já estava presente desde a década de 60. Amanda mostrou que tinha tanto dela quanto do marido: “aqui é o meu marido. Aqui é ele, aqui sou eu. Todo ano ia o fotógrafo lá e fazia uma foto pra gente comprar. É... Ó, ele *tava* no 4º ano e eu no 3º”.



Figura 45:: Fotos de entrevistada na escola quando criança

Fonte: Coleta de dados

Um novo objeto secundário às imagens foram cenários que fazem parte do cotidiano, como a varanda de casa na foto dos avós de Amanda (Figura 46) que está em um álbum de família, por exemplo. Há também fotografias de familiares que estão no celular, pois ela disse que não tem algumas delas impressas, pois foi uma vizinha que mandou para ela (Figura 47). Neste contexto, a fotografia aparece como uma forma de compartilhamento com intuito de interação, em que as pessoas tiram foto da foto e enviam para outras.



Figura 46: Fotos de entrevistada na escola quando criança
Fonte: Coleta de dados



Figura 47: Fotos de entrevistada na escola quando criança
Fonte: Coleta de dados

No mesmo sentido de interação está a fotografia da Natalia (Figura 48), em que ela aparece como objeto principal de registro na foto com três irmãs, uma delas sendo a noiva, com a vestimenta característica. A fotografia está nas redes sociais dela acompanhada de uma legenda “Voltando ao passado!! As 4 irmãs kkk Araruna 08/03/1975”. Aqui ela surgiu também como uma forma de compartilhamento em um sentido mais amplo, pois a imagem que antes era só revelada e vista por um grupo seleto de pessoas, agora é vista na rede, onde o alcance é muito maior. É possível ver que ela recebeu várias curtidas pela postagem, então aparece como uma forma de interação.



Figura 48: Foto de entrevistada no casamento de irmã postada nas redes sociais virtuais
Fonte: Coleta de dados

As fotografias 49 e 50 são da Sara e trazem ela e os dois irmãos como objeto principal de registro, que segundo ela eram feitas por um fotógrafo da cidade. O que se destaca para ela são os objetos secundários, tal como o telefone: “era aquele telefone de parede. Você nunca deve ter visto isso. A casa era de madeira e o telefone era fixado na parede, então quando ele tocava a gente atendia ele na parede (risos). Quase pré-histórico, né?” e o chiqueirinho: “eu usava chiqueirinho nessa época, ó. As crianças ficavam presas no chiqueirinho [risos]”.



Figura 49: Foto de entrevistada feita por fotógrafo quando criança com um telefone
Fonte: Coleta de dados



Figura 50: Foto de irmão de entrevistada feita por fotógrafo quando criança com um chiqueirinho

Fonte: Coleta de dados

Cada imagem carrega em si um aglomerado de informações, como aparências, posses, roupas e lugares, que estão prontos para receberem interpretações (Kossoy, 2001). Artefatos utilizados pela família de Sara são visíveis nessas fotos. Por meio deles é até possível de enxergar objetos utilizados naquela época, dos quais ela até se refere que são diferentes dos que existem hoje. Além disso, ela posiciona sua visão sobre um objeto utilizado, o chiqueirinho, referindo-se a ele como se fosse uma prisão para o(a) bebê, algo já superado. Para interpretar imagens existe uma dependência do contexto histórico em que foram produzidas (Mauad, 1996). Partindo desse ponto, vejo que ver fotografias das pessoas em diferentes épocas também é uma forma de compreender sobre cultura material.

4.3.5 Década de 80

Uma mudança é evidente na década de 80, tanto em relação às imagens que começaram a ser em sua maioria coloridas, quanto ao acesso à tecnologia, pois encontrei fotografias tiradas pelas próprias famílias com suas câmeras, não dependendo apenas de um profissional para realização. Consequentemente, permitindo que mais momentos fossem registrados. Aqui o que mais se destaca são as fotografias tendo como objeto principal as pessoas e como objeto secundário cenas do dia a dia.

As crianças enquanto objeto principal passam a ser mais frequentes. Iniciando pela gravidez, há o registro mês a mês, como é o caso da Mariele, que tem as fotos durante a

espera da filha mais velha. As fotos são em locais diferentes e, caso ela não tivesse comentado, seria difícil saber que era foto de gestação, pois a barriga não está em evidência. Ao narrar sobre uma imagem, o discurso permite descongelar conteúdos que podem ser contatos para si ou para outros, englobando lembranças e emoções (Kossoy, 2001). Sendo assim, a imagem por si só não diz sobre essa fase da vida dela, mas depende da narrativa para que eu pudesse entender a importância. Além disso, como forma de reforçar a memória, as fotos vieram acompanhadas de comentários no álbum em que ela colou, escrito 6º mês e 7º mês (Figura 51).



Figura 51: Fotos da gestação de entrevistada mês a mês

Fonte: Coleta de dados

Fotos dos filhos e com os filhos em momentos do dia a dia eram comuns. Cada uma delas traz memórias que são materializadas por meio das imagens. Apenas por olhar a imagem do filho, Mariele recordou sobre onde ela morava “Aqui é o Leonardo em Cuiabá... É, em Cuiabá. Porque eu morei lá um tempo”. O local traz memórias, mesmo ele sendo reconhecido só para a entrevistada. É por isso que o significado está na relação que ela tem com a foto, pois eu não saberia que a foto foi tirada em Cuiabá, já que isso é algo que importa só para ela, faz parte da história dela.

Uma particularidade da fotografia é que as histórias contadas a partir dela se constituem tanto pelo conteúdo do momento registrado quanto dos laços fortes que estão por trás no dia a dia (Santos, 2016). Mariele também mostrou a foto (Figura 52) da outra filha, identificando-a para mim dizendo que “essa aqui é a Paulinha no berço”. Ao falar sobre o filho e a filha durante a entrevista ela dizia em um tom com muito carinho envolvido. Natalia também me mostrou várias fotos dos filhos quando eram pequenos. Na década de 80 ela já

tinha os dois filhos mais velhos, e disse que tirava muitas fotos dos bebês sozinhos e dela e marido com eles, como é possível ver uma delas na Figura 53.



Figura 52: Foto de filha da entrevistada no berço

Fonte: Coleta de dados



Figura 53: Foto de filho e marido de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

Além disso, as crianças também apareciam com objetos secundários que me fizeram identificar eventos como aniversário, Natal e batizado, mesmo sem as narrativas, que vieram só para contextualizá-los. Em aniversários, bexigas e bolos (Figura 54); no Natal, Papai Noel (Figura 55); no batizado, a roupa branca e o momento da água sendo jogada na testa (Figura 56).



Figura 54: Foto de festa de aniversário com bexigas e bolo

Fonte: Coleta de dados



Figura 55: Foto de Natal com Papai Noel

Fonte: Coleta de dados



Figura 56: Foto de batizado com roupas brancas e bênção

Fonte: Coleta de dados

A câmera também passou a ser companheira tanto de grupo de pessoas de família ou amigos, quanto sozinhas, em que são clicadas por alguém tendo como objeto secundário locais como praia ou pontos turísticos durante eventos como viagens. Segundo Sontag (2004), turistas fotografam aquilo de notável que veem, e isto materializa a experiência, como se sentissem que após pararem e tirarem a foto, podem seguir em frente. Natalia mostrou uma fotografia dela sozinha com as Sete Quedas e Sara contou sobre uma viagem que fez na adolescência, em que tem tanto fotos dela sozinha quanto com as amigas na praia. Luisa na

década de 80 já tinha vários registros de viagens feitas com a família, como é o caso da Figura 57 em que ela estava com o marido.

Isso aqui é quando eu viajei pro **Pelourinho**, eu não tinha a Lorena ainda, eu *tava* grávida da Lorena aqui ó (1989). Esse aqui eu fui para **Salvador**, eu *tava* no primeiro mês, iniciando minha gravidez da Lorena. (Luisa, 62 anos)



Figura 57: Foto de entrevistada na praia

Fonte: Coleta de dados

Em suma, o objeto de registro principal nesta década continua sendo pessoas enquanto indivíduo, casal, filhos, família ou amigos e surgem novos objetos secundários que ajudam a identificar eventos que são comuns a uma cultura, como por exemplo, Papai Noel identificando Natal e bolo com bexigas identificando aniversário. Sem eles, o objeto de registro fica sem contextualização, caso não haja a narrativa, como é o caso da foto da gravidez de Luisa que a tem como objeto principal e como objeto secundário está a natureza.

4.3.6 Década de 90

A década de 90 se mostrou como uma continuidade daquilo que estava sendo fotografado já na década de 80, mas com maior frequência, tendo como consequência um maior volume de fotografias. Fotos dos filhos(a), com filhos(as) e com outros membros da família são a grande maioria dos registros aqui. As fotos de momentos em reunião com a família são mais espontâneas do que posadas, diferentemente das décadas em que precisava de um profissional e de um longo tempo de exposição para clicar, em que não se permitia ter movimento. Na foto de Luisa (Figura 58) vejo a imagem como se eu estivesse no local e o evento estivesse acontecendo. Porém, ela não faz sentido para mim, pois não conheço as

pessoas envolvidas, o que torna a narrativa da Luisa relevante para compreender o significado, já que o objeto secundário não contém algo característico de algum evento.

Aqui também é na minha mãe, esse aqui é meu pai. Esse aqui meu pai teve câncer né e o Lorenzo era pequenininho. Tá vendo aqui? Eu mudei para essa casa, Lorenzo tinha um pouco mais que isso daqui, daí meu pai faleceu naquele outro ano a gente veio mudar pra para cá. Então quer dizer que essa foto tem 22 ou 23 anos. **Essa foto era na casa da minha mãe, tudo na casa da minha mãe, ó. Essas fotos tudo em família, ó...** (Luisa, 62 anos)



Figura 58: Foto de entrevistada reunida com familiares

Fonte: Coleta de dados

Verifiquei que chegada dos bebês enquanto recém-nascidos(as) representam um momento especial na narrativa dos entrevistados. As fotos têm flores como objeto secundário, que simbolizam um presente para a chegada da família em casa após o hospital. Como diz Luisa, narrando sobre a Figura 59: “essa daqui quando eu ganhei o Lorenzo [filho], ó. Do dia que eu cheguei do hospital. Essa foi o Osvaldo[marido] que tirou, porque ele não tá na foto”. Esse comentário sobre o marido não estar na foto também diz respeito a própria tecnologia da época, pois ela faz questão de citar que ele quem tirou, mas não participou da foto. Se fosse em décadas posteriores ele poderia aparecer em selfie, por exemplo. Como disse Belk (2014), em álbuns de família mais antigos, o fotógrafo não era frequentemente representado no álbum ao passo que nas fotos com o braço esticado eles podem ser incluídos.



Figura 59: Foto de entrevistada em casa após nascimento do filho
 Fonte: Coleta de dados

Além das fotos da chegada em casa, Sara também registrou todo o processo, desde o ultrassom até as visitas após nascimento da filha, como ela relatou: “aqui já é um outro ultrassom, eu com a gravidez mais adiantada... A gente no hospital, ó... essa debaixo do hospital é a tia dela que veio visitar ela”. Junto com as fotos (Figura 60) ela foi adicionando anotações, como forma de alimentar a história construída e enriquecer ainda mais a narrativa: “Mamãe e papai e a vovó já sabem, sou uma menina”, “Nossa, que barrigão! Já estou quase chegando”, “Já cheguei, o tio Nelson ajudou, ele foi um amigão!!!”, “Que família bonita!”, “A tia Rô foi minha primeira visita”, “Estou no meu quartinho”. Os bilhetes e mensagens juntamente com as fotos também estabelecem uma espécie de narrativa que antecede e prepara os relatos que estão presentes nas redes sociais virtuais. Em outras palavras, a construção de narrativas em torno das fotos já existia antes das chamadas redes sociais virtuais.

As fotos (Figura 61) também têm objetos secundários que representam este momento: porta maternidade, carrinho de bebê, berço e trocador. Esses objetos fazem parte da construção da maternidade para Sara. Com fotos, objetos e comentários escritos foi possível de certa forma, dar materialidade a essa fase. Miller (2013) argumenta que olhar para artefatos a partir da cultura material nos afasta da noção de que objetos nos representam, e que na verdade eles também nos moldam, se permitem fazer parte do processo pelo qual nos constituímos.



Figura 60: Fotos da gestação de entrevistada acompanhadas de bilhetes e anotações
 Fonte: Coleta de dados

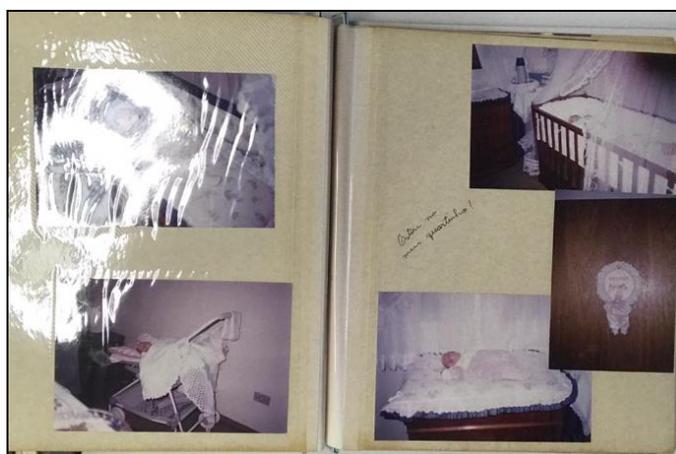


Figura 61: Foto da filha de entrevistada com objetos como porta maternidade, carrinho de bebê, trocador e berço
 Fonte: Coleta de dados

As fotos com objetos secundários caracterizando eventos continuaram presentes nesta década em que as pessoas fotografavam com a câmera analógica. Patricia mostrou foto no Natal (Figura 62), com a árvore de Natal. Luisa mostrou foto (Figura 63) do aniversário da filha com bexigas em que disse “aqui é aniversário de 2 anos da Lorena, ó.. Essa foto foi em casa. Na casa da minha mãe essa”.



Figura 62: Foto de Natal com árvore de Natal

Fonte: Coleta de dados



Figura 63: Foto de aniversário com bexigas e bolo

Fonte: Coleta de dados

Outros objetos secundários, incluindo os símbolos religiosos, como cruz, altar e roupas como vestido de noiva, já me fariam identificar o evento casamento na Figura 64, sem Amanda ela ter me falado. Porém, ela fez a narrativa “aqui já são fotos do casamento. Meu pai entrou cantando... A família dele é evangélica e a minha é católica, então a gente fez o casamento ecumênico” e adicionou logo em seguida “As histórias por trás de cada foto que é interessante, né?”. Sendo assim, o que torna a fotografia ainda mais significativa são as histórias que a compuseram e que, ao visualizar a foto, ela consegue resgatar, já que como objeto principal estão as pessoas que fizeram parte deste momento.



Figura 64: Foto de casamento na Igreja com os símbolos religiosos, como cruz, altar e roupas como vestido de noiva

Fonte: Coleta de dados

As fotografias da fase escolar que estavam presentes nas décadas anteriores referente a registros das pessoas nascidas antes de 1980, aqui passaram a surgir em um novo formato, tendo como objeto de registro os seus filhos nascidos após 1980 individualmente e/ou com a turma. Mariele se recorda ao falar da Figura 65 que “esse aqui, ó é de antigamente da escola, olha [risos]. Lembrança, ó. Luciano no colégio Marista”.



Figura 65: Foto de filho de entrevistada na escola

Fonte: Coleta de dados

As pessoas continuaram sendo, na década de 1990, objeto de registro principal nas fotografias. Há diversos objetos secundários que ajudam a construir a narrativa. Alguns possibilitam que um desconhecido facilmente identifique, outros fazem sentido apenas dentro do contexto apresentado.

4.3.7 Década de 2000

A menor quantidade de fotos que coletei em campo é nesta década. Isto se justifica por dois motivos: primeiro, o celular que era usado por essas pessoas na década de 2000 não é o que elas estão utilizando hoje. Por mais que as fotos pudessem ficar armazenadas apenas nele, a partir do momento que houve a troca por outro, tiveram que buscar um outro suporte de registro digital, caso quisessem armazenar. Segundo, as fotos com câmera digital dependiam de um outro dispositivo para serem descarregadas e salvas, o computador. Então, para que eu pudesse vê-las elas teriam que acessar o computador, o que aconteceu com apenas um de todos os entrevistados, que me mostrou que as fotos dessa década (Figura 66). Mesmo mostrando poucas fotos, por meio delas foi possível verificar que o objeto de registro eram pessoas: sozinhas, com amigos ou com a família, em diversas ocasiões.

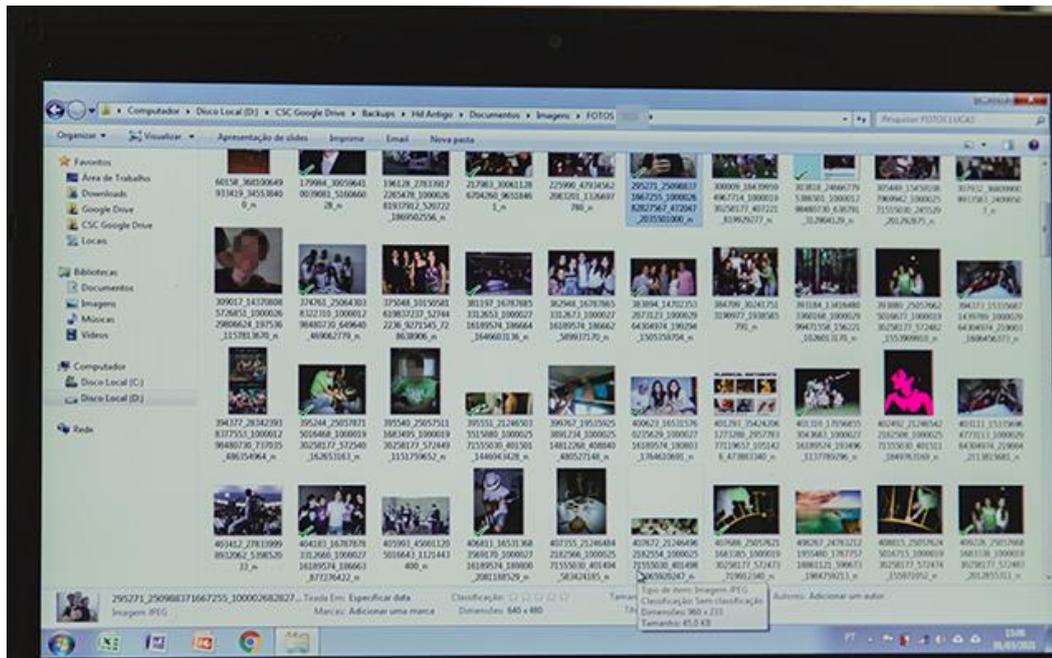


Figura 66: Fotos da década de 2000 de entrevistado em que objeto de registro eram pessoas
Fonte: Coleta de dados

A única foto que vi em campo que foi tirada de um celular desta década foi a da Patricia, que acabou me mostrando quando estava passando pelas fotos do seu Facebook, e então se deparou com uma que tirou no espelho com o celular da época (Figura 67). Ela até se questiona do porquê essa foto estar ali, o que mostra que nem ela se lembrava da imagem. Esta é primeira vez em campo que me deparei com uma foto em que o objeto de registro é a

pessoa e que foi clicado por ela mesma. Neste caso, usando como recurso o espelho e tendo como objeto secundário banheiro de onde morava.

“Eu lembro que eu *tava* em São Paulo, *tava* na aviação na época que começou o negócio de celular que tirava foto, era bem ruim a imagem. Eu ainda tenho umas coisas dessa época aí, dessas fotos. Qualidade bem ruim. Isso em São Paulo, é. Morava lá, no apartamento que eu morava. Me arrumei, coloquei uniforme. **Eu não sei porque eu coloquei essas antigas aí no meio.**” (Patricia, 39 anos)

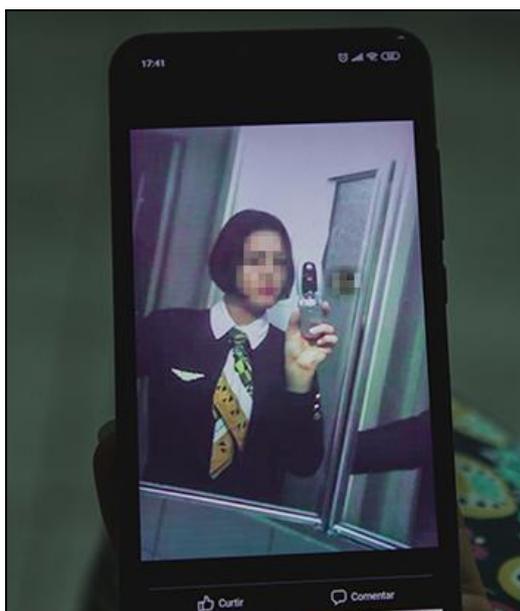


Figura 67: Foto de entrevistada no espelho

Fonte: Coleta de dados

Como são poucas as fotos que me mostraram desta década que foram tiradas por dispositivos próprios, há ainda o prevaecimento das fotografias que tem como objeto de registro os entrevistados e seus filhos que foram clicadas por profissionais em eventos especiais. Como exemplo, a foto da primeira comunhão (Figura 68) que Lorenzo disse: “esse aqui é foto da minha primeira eucaristia, né? Eu frequentava igreja católica, então teve esse momento ali”. Porém, vale ressaltar que ambas foram pagas pelos pais. Os registros relacionados à Igreja são, de certa forma, maneira de reforçar a religiosidade, que se mostra como um importante pilar na constituição das famílias.



Figura 68: Foto de entrevistado em sua Primeira Comunhão da Igreja Católica
Fonte: Coleta de dados

Quando as crianças aparecem como objeto principal de registro, acompanhadas ou não de outras pessoas como família ou colegas de escola, as fotografias ficam como uma lembrança para verem um fragmento da infância, da qual muitas vezes não se lembram, como é o caso do Lorenzo, que conseguiu até encontrar alguns colegas de turma por meio de foto (Figura 69) quando os procurou anos depois, já na vida adulta, por meio do Facebook:

Essa é a turminha do pré. Uma coisa legal é que essa foto eu repostei um dia no Facebook e eu falei assim ‘ah, procura as pessoas da época’. E o engraçado é que quase todos eu encontrei, assim. Eu tinha alguns adicionados. Aí quem tinha ‘eu sei dessa pessoa’, foi lá e marcou. Aí todo mundo se marcou. Aí foi indo, fiquei sabendo de quase todos. Pelo menos o perfil, né? (Lorenzo, 25 anos)



Figura 69: Foto de entrevistado na escola com outros colegas de turma
Fonte: Coleta de dados

As fotos que tinham como objeto secundário espaços que fazem parte do dia a dia, como a própria casa das famílias, que estavam muito presentes nas décadas anteriores, visualizei em campo aqui com um volume significativamente menor. Isso não significa que não existiram registros, mas que, como comentei no início da discussão dessa década, por terem sido clicadas com câmera digital ou celular anterior ao que estavam utilizando no momento da pesquisa, não estavam de prontidão para os sujeitos de pesquisa me mostrarem.

Nesta década as pessoas ainda continuam sendo o objeto de registro principal das fotografias, mesmo, talvez, estando perdidas em meio ao maior volume já presente. Isso se dá por conta da disponibilidade de clicar inúmeras vezes sem um custo maior por isso, diferentemente da câmera analógica que necessitava de filmes e de revelação, em que quanto maior a quantidade de cliques, maior o valor gasto.

4.3.8 Década de 2010

Até aqui, todos os registros tinham pessoas como objeto principal. Nesta década surgiram também fotografias de refeições e natureza como foco, além de uma intensificação nas fotos de si. As fotos que foram tiradas nesta década e que se estendem até o momento atual em que escrevo essa dissertação no ano de 2021 foram, predominantemente, mostradas para mim pelos participantes por meio do celular. As reveladas foram de eventos especiais, como viagens e gestação. Os entrevistados e entrevistadas só utilizam como dispositivo de registro o celular para fotografar. Além disso, as redes sociais virtuais encontram-se de maneira muito mais intensa, tanto na própria narrativa em que as mencionam repetidas vezes quanto como suporte de registro das imagens que coletei.

Fotografias tendo como objeto principal de registro pessoas e como objetos secundários que remetem à aniversários, Natal e viagens continuam presentes clicadas com dispositivo de registro próprio. A diferença é que aqui elas também podem ser compartilhadas nas redes sociais ou nos aplicativos de mensagens, como é o caso da Figura 70 do Natal de Helen que foi compartilhado em sua rede social virtual.

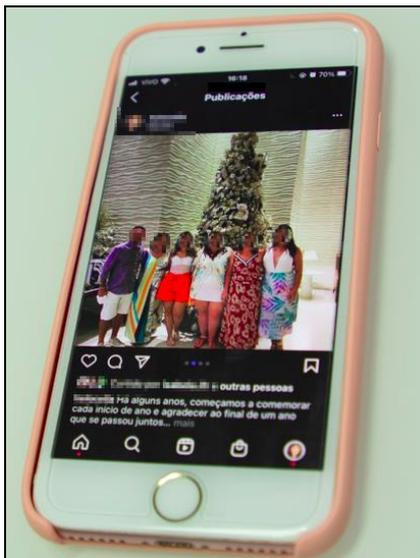


Figura 70: Foto de Natal em rede social virtual de entrevistada
Fonte: Coleta de dados

Outra questão é a repetição de imagens muito semelhantes. Este número de fotos parecidas se relaciona com as próprias redes sociais virtuais, pois as pessoas fazem uma seleção das que elas consideram melhores. Como disse Helen quando me mostrou a galeria do celular (Figura 71) com várias fotos das quais ela estava arrumada para sair: “essa eu postei e essa, também. De todas aquelas, porque no dia eu tinha feito essa maquiagem rosa, e eu achei que ela mostrava mais minha maquiagem rosa, então foi esse o critério de escolha (risos)”.

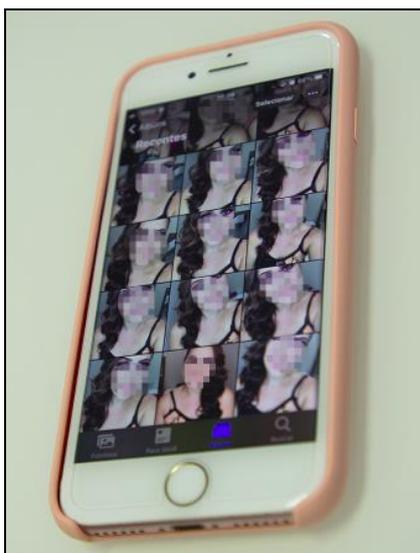


Figura 71: Fotos da galeria do celular de entrevistada
Fonte: Coleta de dados

A questão de seleção para que as imagens possam ir às redes sociais virtuais tem relação com a preocupação com as pessoas que verão aquela imagem. De acordo com Belk (2014), a Internet constantemente nos pergunta: “Quem é você?” “O que você tem para compartilhar?” E isso faz com que a abertura do que as pessoas querem mostrar que são seja muito visto do que em um mundo pré-digital. Outra diferença em relação à idade pré-digital está na transformação do que antes era semiprivado em uma apresentação mais pública de si mesmo. Isso também é evidente na natureza mais compartilhada do eu, que agora é co-construída com um feedback muito mais instantâneo que pode ajudar a afirmar ou modificar nosso senso de identidade (Belk, 2014).

Nas relações sociais do mundo físico, isto também ocorre. Também existe uma ansiedade para conhecer aquilo que o outro pensa sobre nós, como por exemplo no modo de se vestir, dos lugares frequentados, dos produtos consumidos. Belk (1988) observou que algumas poses servem como pistas para que outros formem impressões sobre nós. Por isso a fotografia também trata de uma questão de identidade, pois tentamos mostrar aquilo que somos, ou então aquilo que queremos que as pessoas pensem que nós somos.

Daniel comentou apontando para uma foto dele sozinho que: “essa foto uma amiga minha tirou, fui dar uma volta no parque, daí eu postei, hoje eu nem sei se eu postaria [risos]”. Jovens tem uma questão de identidade envolvida, como estão em um processo de mudança, olham para as fotos e não se reconhecem. Anita contou sobre algumas fotos que apagou, e de outras que certamente vai apagar, pois não se enxerga mais nelas.

Há um tempo atrás eu fiz uma limpa no meu Instagram, até que a foto mais velha é de 2017. Eu acho que... **Eu já não me identificava mais com o meu estilo naquelas fotos, fui mudando minha cabeça, amadurecendo. E daí eu já não me identificava mais com quem eu era naquelas fotos**, e não fazia mais sentido, sabe? Aí eu apaguei. Até tem umas mais antigas que eu tenho essa mesma sensação, às vezes. Mas como tem pouquinha eu acabo deixando. Mas provavelmente é uma coisa que pode acontecer de novo daqui um tempinho. Essas duas últimas mesmo são fotos que eu *to*, que eu me vejo tão diferente do que eu sou hoje, sabe? (Anita, 21 anos)

Enquanto a fotografia dependia de um profissional ou era presente apenas em condição material, não havia esta preocupação. Em nenhum momento das entrevistas alguém comentou sobre questões estéticas da foto, porque elas representavam um momento. Por outro lado, com a passagem para essa condição também digital alguns trechos surgiram, como o da Patricia, que mostra uma inquietação em relação à imagem, tanto por pensar como é a melhor forma de ver e ser vista, quanto por gerar também conflitos em seu relacionamento, que

possivelmente não aconteceriam se a fotografia postada com o filho na cama estivesse apenas em condição material:

Então, assim, eu *to* aprendendo a lidar com isso, né? Essa questão da imagem da rede social. É, uma coisa... **Eu pus eu e o Ronaldo [filho] na cama, assim, de pijama, aí o Paulo [namorado] falou “ah, não achei legal”**. Então... Mas também tem o perfil de cada um né? Tem gente, igual minha cunhada, que acha que tem que estar impecável. E tem gente que gosta de gerar identificação com as pessoas, de falar “ai, ela é igual a mim”. Então... vai muito de quem a pessoa segue, né? Eu sigo variado, assim, as pessoas. **Eu gosto também um pouco de verdadeiro, real. Se não fica muito fora da realidade** (risos). (Patricia, 39 anos)

As fotografias até aqui sempre tiveram como objeto de registro principal pessoas em momentos bons. Mesmo com as fotografias em condição material elas já não representavam o mundo real, mas recortes dele que serviam para que pudessem ser lembrados depois, dentro de um universo familiar. Porém, com a possibilidade maior de clicar, de selecionar e de postar para um vasto universo virtual, muitas vezes o que é postado tem mais um sentido de interação e de relacionar-se do que de recordar. Anteriormente o que importava era o conteúdo, independente se a foto estava nítida ou se as pessoas estavam perfeitamente arrumadas. Agora, outras questões importam, como disse Patricia em outra fala:

Esse filtro é *mara*! Eu de olho verde [risos]. (...) Outro dia até brinquei que coloquei um filtro e o cílios ficava saindo. Mas foi muito engraçado, que o pessoal comentava mais do *meu cílios* do que sobre o que eu *tava* falando. A gente vê que **as pessoas realmente reparam, né? Mais na forma do que no conteúdo**. Mas pelo menos chamou atenção, deu ibope, sabe? (risos). (Patricia, 39 anos)

Um filtro do Instagram é capaz de modificar instantaneamente a cor do olho, como Patricia comentou. Ao mesmo tempo, disse que gosta de “um pouco de verdadeiro, real”, mas em dado momento se apresentou com características que ela fisicamente não tem. Pontuou que pelo menos “deu ibope”, o que me fez refletir que, pelo Instagram ser um aplicativo baseado em imagens, chamar a atenção e diferenciar-se da enxurrada de imagens que são atualizadas a todo tempo é, realmente, desafiador. Isso dá aos usuários a responsabilidade e o controle sobre as imagens que capturam e escolhem compartilhar, oferecendo assim sua própria perspectiva (Marshall & Davis, 2019)

Apesar de existir algo em comum nas fotografias de si, que é serem tiradas em momentos que os entrevistados consideram oportunos para que possam postar nas redes sociais, neste aspecto da própria imagem identifiquei uma diferença entre faixas etárias. Luisa,

Amanda, Sara e Mariele não costumam postar fotos nas redes sociais virtuais para um grande número de pessoas, apenas para os mais íntimos no aplicativo de mensagens Whatsapp.

“Eu não acho legal ficar postando assim, as coisas... Assim, um evento ou outro, como o aniversário da minha mãe, vou postar uma foto eu com ela ou a família, mas esporadicamente. Mas assim, ficar postando foto nas redes sociais eu não faço isso. Eu não sou muito a favor. Ah, hoje em dia é muito comum os jovens fazem, às vezes vai em algum evento, aí tem uma todo mundo junto, acho natural. Mas no dia a dia ficar botando foto que eu tenho do celular, assim, não. Só se for uma ocasião especial mesmo (...). Eu não tenho, não tenho muito assim esse jeito de fazer isso. Não me sinto muito bem. Acho que os jovens até que é legal, mas assim mesmo eu não sou muito a favor, porque tem pessoas que se expõem muito nas redes sociais. Qualquer coisinha põe foto, assim, põe até demais, né?” (Luisa, 62 anos)

“Ah, eu mando assim, não pra divulgar no face, mais direcionada pro meu pai, pras minhas irmã. Algumas. Tem muita gente que põe foto só pra se exibir, eu não gosto. Só coloco o que interessa pra outra pessoa também.” (Mariele, 67 anos)

A idade está envolvida na relação com as redes sociais virtuais, pois essas pessoas viveram outro momento da fotografia. Por não terem sido acostumadas a terem fotos sozinhas assim, tratam dela apenas como forma de manutenção de relações já existentes entre um pequeno círculo de pessoas. Por outro lado, as pessoas nascidas após 1980 tem uma relação de maior naturalidade em estarem nas imagens e compartilharem fotografias, como é o caso das selfies e imagens de si, que os sujeitos muito me mostraram a partir desta década e que podem ser vistas nas Figuras 72 e 73.

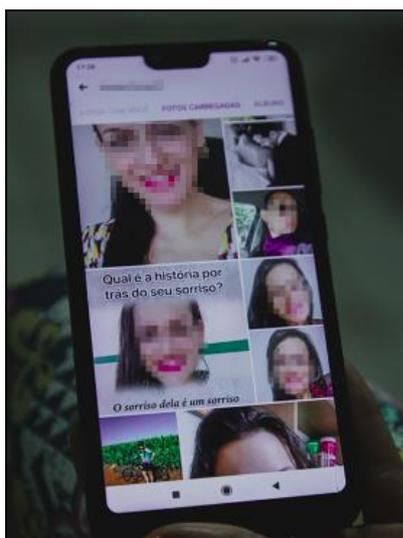


Figura 72: Fotos das redes sociais de uma entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 73: Fotos das redes sociais de um entrevistado

Fonte: Coleta de dados

Se tratando também da questão de interação estão as fotografias de refeição e natureza. Iqani e Schroeder (2016) dizem que fotos tornaram-se meio de comunicação para muitos indivíduos em redes sociais virtuais, em que pessoas postam fotos de comidas e bebidas. Luan mostrou algumas de hambúrguer, que podem ser vistas na Figura 74. Natalia mostrou uma de uma bebida que postou nas redes sociais acompanhada de sua perna e da piscina (Figura 75). Além disso, na Figura 76 está um vaso de flor de Luisa, que também serviu como interação.

Ó, foto de comida tem bastante. É que eu gosto de fazer bastante churrasco, sabe? Gosto demais! Foto de comida tem bastante, de bebida... **Eu mandei no grupo... Eu mandei pros meus amigos, eu devo ter postado no Instagram no dia, com certeza.** (...) Olha, um copo de bebida. Deixa eu ver aqui de bebida, ó. Tem, ó. Povo manda, isso aqui tem, muito! Tipo assim, bastante mesmo. (Luan, 30 anos)

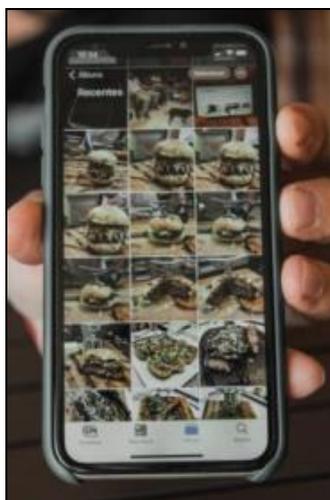


Figura 74: Fotos de comida

Fonte: Coleta de dados

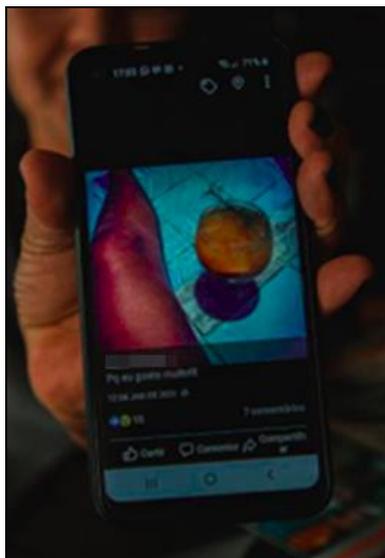


Figura 75: Foto de bebida

Fonte: Coleta de dados



Figura 76: Foto de vaso de flor de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

A intensificação do uso das redes sociais é marcante nesta década, que se vincula com a utilização exclusiva de celular como dispositivo de registro. Diferente das décadas anteriores, surgiram objetos de registro que não tiveram as pessoas como principal. Além disso, selfies e fotos de si, não comuns anteriormente, também estiveram em grande volume, incluindo fotos parecidas, principalmente pelo fato de depois dos cliques existir uma seleção para ir -ou não- para as redes sociais virtuais.

4.4 Evento de registro

O evento de registro é o momento em que o objeto de registro foi registrado. O momento refere-se ao ~~lugar e/ou~~ ao motivo pelo qual a fotografia foi clicada. Ao decorrer da pesquisa, alguns momentos foram recorrentes, então os agrupei em categorias das quais primeiro defino no Quadro 6 e, depois, descrevo e discuto: retrato, cotidiano, viagem, aniversário, estudos, eventos religiosos, fim de ano, foto de si, refeição e natureza.

Quadro 7: Descrição dos eventos de registro

Evento de registro	Descrição
Retrato	Quando o motivo da fotografia é retratar alguém
Cotidiano	Instantes do dia a dia
Viagem	Deslocamento para outras cidades, estados ou países por tempo limitado
Aniversário	Dia em que se comemora mais um ano de vida
Estudos	Pessoas enquanto estudantes, em qualquer fase da vida estudantil
Eventos religiosos	Batizado, primeira eucaristia, crisma e casamento
Fim de ano	Natal ou celebrações de fim de ano
Foto de si	Selfie ou foto de si tirada por outra pessoa
Refeição	Momento de alimentação com comidas e/ou bebidas
Natureza	Contemplação de paisagens, plantas e animais

Fonte: autora

4.4.1 Retrato

O retrato foi um registro presente nas primeiras décadas encontradas aqui em campo. A maioria deles são fotografias de pessoas já falecidas e que são guardadas pelos familiares, ou das pessoas nascidas antes de 1980 enquanto crianças. São retratos individuais ou com familiares próximos (Figuras 77 e 78), que foram clicados por um profissional. As imagens são como uma recordação que foi passada de geração em geração. E, graças a elas é possível verificar, além do significado de armazenar as fotos de familiares já falecidos, de também identificar a forma com que a fotografia era consumida em dado momento. De acordo com Soilo (2012), fotografias representam modos de viver, ritos, memórias e permitem o entendimento da cultura material e suas transformações durante o tempo.



Figura 77: Retrato de bisavós de entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 78: Retrato de entrevistada com irmão

Fonte: Coleta de dados

Segundo Sontag (2004), antes da invenção da câmera fotográfica os registros das pessoas eram feitos por meio de pintura, que tinham o objetivo de reforçar a posição social da família, já que não era algo acessível para todos. Da mesma maneira, as primeiras fotografias também não eram acessíveis à todos, eram um registro pontual e que muito se assemelhava com a ideia da pintura. Retrato era a forma de inserir o rosto das pessoas como foco. A fotografia nesse sentido, então, era também uma forma de status para a família.

Mesmo na década de 70 em que não havia o acesso a câmera própria que facilitava o registro, a infância já era algo que os pais queriam retratar. A maneira de retratar naquela época era buscando algum profissional, que geralmente ia até a casa da família em um dia combinado para fotografar as crianças da casa. Nesse momento os retratos além de permitirem que os adultos hoje vejam como eram na época, mostram os objetos que eram posse das famílias, como a televisão e o telefone, que representavam uma posição social.

4.4.2 Cotidiano

Cotidiano refere-se a imagens tiradas no dia-a-dia. Com a chegada da câmera analógica, momentos do dia a dia sem um evento em especial começaram a fazer parte das fotos tiradas pelas famílias. Um exemplo é de Natalia, que recorda dos domingos na casa dos pais, que no momento da entrevista já não estavam mais vivos, mas que pelo olhar e tom de voz ao falar, a imagem (Figura 79) trouxe o sentimento de saudade. Uma foto que é espontânea, sem preocupação estética é capaz de ser muito valiosa.



Figura 79: Foto de entrevistada com familiares em um encontro de domingo

Fonte: Coleta de dados

Uma das principais formas de registrar o cotidiano é a infância, que inclui desde a fase da gestação até o acompanhamento do crescimento dos bebês e crianças. Com a possibilidade de fotografar com dispositivo próprio, todas as pessoas nascidas antes de 1980 tem fotos dos filhos em diversas fases. Vitor falou com muita emoção sobre os dois filhos, mostrando diversas fotos (Figura 80 e 81) em que eles enquanto crianças estavam juntos. Ele armazena fotos deles desde bebê, e é o tipo de foto que importa muito, por isso ele diz que não tem como apagar nunca - e quando ele diz isso não se refere só a foto, mas as memórias.



Figura 80: Foto de filhos de entrevistado enquanto crianças

Fonte: Coleta de dados



Figura 81: Foto de filhos de entrevistado enquanto crianças

Fonte: Coleta de dados

Por outro lado, Daniel, seu filho, apontou que não é próximo do irmão, e quando falou das fotos de quando era criança, mencionou que “têm uma da gente pequeno, que ele postou inclusive uma vez, aí essa foto pra mim, nossa, extremamente importante, porque igual eu disse pra você, hoje *nois* não é [próximos]...”. Na continuidade desta fala que é extensa, ele relembrou momentos pontuais agora adulto em que esteve com o irmão comendo um lanche, por exemplo, que foi uma ocasião muito importante. E, mesmo não tendo a relação que almeja com ele, resgata por meio das fotos o envolvimento ideal que gostaria de ter, a partir da construção da fotografia feita pelos seus pais.

As fotografias de infância fazem parte da vida dos sujeitos há décadas. Pelas crianças não terem opção de decisão de serem fotografadas, ninguém as pede autorização para isso. Segundo Schroeder (1998) é por meio dessas fotos é que é possível criar representantes da vida familiar de uma perspectiva específica (mãe, avô, pai, entre outros).

Como forma de demonstrar a importância das fotos tiradas na infância dos filhos, Natalia fez uma postagem em seu Instagram (Figura 82) com uma foto da década de 90 em que os três eram crianças, acompanhada da legenda “Nossa, que saudade de *vcs* [vocês] pequenos!!!”. Uma foto que foi tirada sem um evento de registro especial, mas que resuscitou memórias. Como a fotografia é capaz de congelar um recorte de uma história em imagem, quanto mais o tempo passa, mais histórias e fenômenos vão acontecendo na vida das pessoas, o que faz com que elas olhem para as fotografias com sentimentos diferentes ao decorrer do tempo.



Figura 82: Postagem de foto dos filhos de entrevistada em rede social virtual

Fonte: Coleta de dados

Em campo encontrei fotografias dos participantes nascidos antes de 1980 quando crianças, que eram anteriormente posse dos pais deles, passando depois para eles. Além disso, alguns desse(s) filho(as) tiveram filhos, então há participantes que já são avós. O que quero dizer é que a importância dada ao registro da infância continua, mesmo com os netos, como é o caso de Natalia, que disse ao olhar foto com seu neto em seu perfil na rede social virtual (Figura 83):

Olha, eu tirei. Na verdade essa foi o Luan [filho] que tirou. Bem linda, né? Ele [neto] é muito expressivo, né? **Eu mimo muito! Primeiro neto.** Os outros [filhos]... aqui, minha filha, tudo sossegado, viu? Tudo tranquilo. (Natalia, 61 anos)



Figura 83: Postagem de foto de entrevistada com seu neto em rede social virtual

Fonte: Coleta de dados

Quando a fotografia era presente apenas em condição material, havia muitos registros de fotos em família. Todavia, ainda há alguns registros do cotidiano com o celular que envolvem a família, como é o caso de Luisa que gosta de fotografar sua mãe (Figura 84), e Sara que mostrou foto com marido em passeio de bicicleta (Figura 85).

Tem uma foto que é legal de eu te mostrar que tá toda a família. **Tem essas da minha mãe, dos momentinhos assim, quando ela ri, conversando...** eu procuro tirar bastante foto dela quando eu tô lá, sabe? (Luisa, 62 anos)

Tem as fotos da gente praticando esporte, que a gente pedala, eu e o Osmar [marido], né? Acho assim, **tenho várias fotos assim. A gente passeia, né? De bicicleta,** e de vez em quando a gente para pra tirar foto. (Sara, 56 anos)



Figura 84: Foto de mãe de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

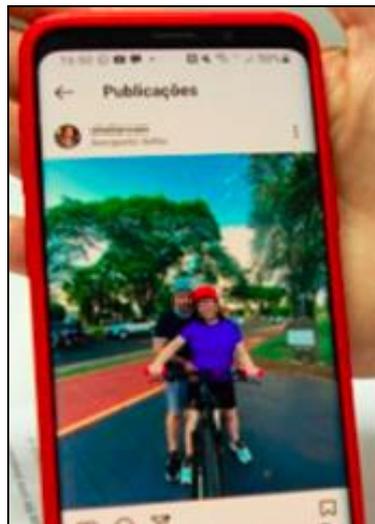


Figura 85: Postagem de foto de entrevistada com seu marido em rede social virtual

Fonte: Coleta de dados

Segundo Fernandes e Torquato (2008), a fotografia aos poucos foi deixando de ter importância apenas em rituais e surgiu em outras formas por meio de câmeras utilizadas pelas próprias famílias. Ainda, se potencializou como forma de registrar o dia a dia a partir das câmeras em celular.

4.4.3 Aniversário

Um dos eventos mais retratados é o aniversário, que é o dia em que se comemora mais um ano de vida, sendo então um registro que é muito presente na infância, mas também aparece em outras fases. Costuma ser um momento em que o(a) aniversariante se reúne com pessoas que são importantes para ele(a) celebrar. Como a exceção confirma a regra, Helen foi a única que teve uma fotografia tirada dela sozinha no seu aniversário (Figura 86), mas ela mesma disse que “esse é dos 26 anos. Foi no meio da pandemia, né? Aí a gente fez **só uma comemoraçãozinha** aqui em casa porque estava na pandemia”, caso contrário não teria sido desta forma, assim como ela mostrou do ano anterior em que falou “essa foto aqui são com as minhas amigas no meu aniversário de 25 anos”.

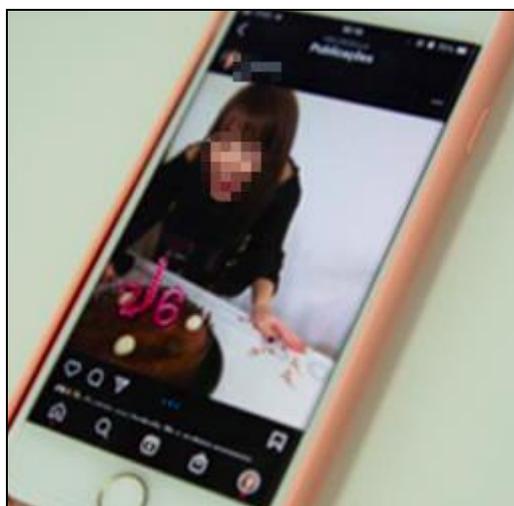


Figura 86: Postagem de foto de entrevistada comemorando aniversário em rede social virtual
Fonte: Coleta de dados

As pessoas guardam fotos não só de seus próprios aniversários, mas do de pessoas queridas. Helen mostrou uma foto em que disse que “essas são com meu grupo de amigas, né? A gente foi comemorar aniversário de uma delas, eu também postei [no Instagram]”, assim como Daniel que foi almoçar fora com seus pais e irmão, pediu para uma pessoa clicar e

postou a foto. Natalia compartilhou uma foto (Figura 87) do aniversário de seu filho juntamente com a comemoração de aniversário de seu neto “você viu essa também deles também, né? De 2 meses. Foi bem perto do aniversário do Pietro, dia 21, e o Pietro é dia 22.”



Figura 87: Postagem de foto de entrevistada comemorando aniversário em rede social virtual
Fonte: Coleta de dados

A celebração de aniversário geralmente tem objetos secundários, em que até quem não conhece a história das pessoas fotografadas consegue identificá-lo, como bolo, vela e pessoas reunidas atrás de uma mesa para cantar parabéns, como é possível ver nas Figuras 88 e 89. De modo geral, as fotografias de aniversário costumam ser feitas por dispositivo de registro próprio, sendo câmera analógica presente nas fotos reveladas, ou celular, nas fotos digitais.



Figura 88: Foto de entrevistada comemorando aniversário de seu filho
Fonte: Coleta de dados



Figura 89: Foto de entrevistada comemorando aniversário de sua mãe
 Fonte: Coleta de dados

Depois da chegada da fotografia digital, as fotos de aniversário clicadas pelo celular permaneceram somente no celular, não foram mais reveladas, com exceção de Patricia de 39 anos fez parte da transição da fotografia analógica para digital. É por isso, talvez, que ela tenha a preocupação de revelar fotos de cada aniversário de seu filho, que no momento da entrevista tinha 8 anos. Ela fala como se tivesse uma tarefa a ser cumprida para armazenar em condição material as fotos do filho, tanto que me mostrou uma lista dos eventos que ela quer revelar.

4.4.4 Viagem

Viagens aqui são quando há deslocamento das pessoas para outras cidades, estados ou países por tempo limitado. São eventos de registro presentes em todas as famílias, embora haja diferença de destino entre elas. Segundo Schroeder (2002), tirar fotos se tornou um importante item das férias, a ponto de muitos turistas experimentarem boa parte de sua viagem pelas lentes.

Há famílias que viajam todo ano para a praia com os filhos, as que já fizeram viagens internacionais, as que passaram um período maior em intercâmbio e as que tem fotografias apenas em cidades próximas. De qualquer forma, são registros que representam momentos que fogem daquilo que é rotina, do dia a dia. Como diz o quadro (Figura 90) no quarto de Helen acompanhado de fotos dela em Londres, Dublin, Deserto do Atacama e na Praia do Forte na Bahia, “viajar faz bem pra alma”.

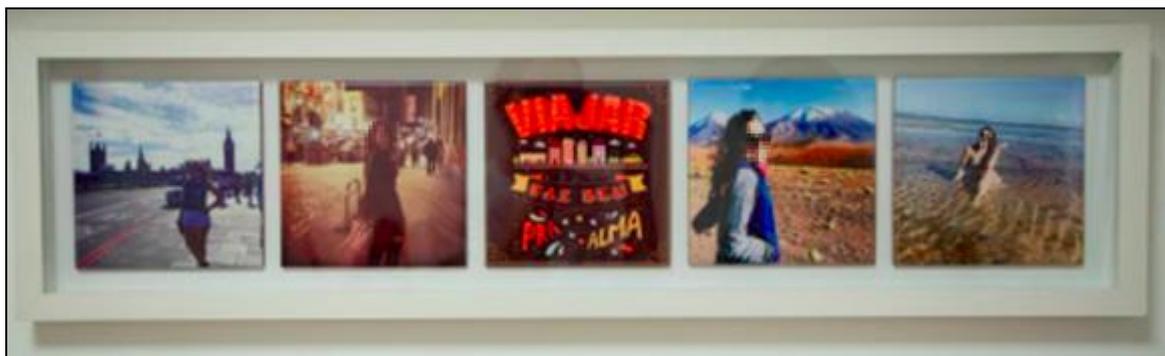


Figura 90: Foto de entrevistada comemorando aniversário de sua mãe

Fonte: Coleta de dados

A entrevistada Helen, que tem 26 anos, fez várias viagens internacionais e nacionais. Ela citou Irlanda, Inglaterra, Chile e Cuba. Além disso, também falou sobre ter ido à Bahia para visitar a praia, Rio de Janeiro para passar o réveillon, Rio Grande do Sul para visitar Gramado, no próprio Paraná, para ir até a Ilha do Mel e para Curitiba em show da dupla Sandy e Junior. Ela apareceu nas fotos tanto sozinha quanto acompanhada de pessoas que foram com ela, sendo família ou amigas, como é o caso da Figura 91.



Figura 91: Foto de entrevistada acompanhada em viagem

Fonte: Coleta de dados

Crianças que estudaram em colégio particular relatam terem viajado de excursão com a escola; Luan disse olhando para uma foto: “aqui foi pra Brocos e Barra Bonita, foi uma excursão do colégio”. Lorenzo falou alguns destinos como “Foz, Itaipu, Parque das Aves, que foi viagem da escola” na 5ª série, em que sua mãe revelou e colocou em um álbum, assim como outra viagem que ele relato, olhando para a Figura 95:

Aqui já era no Santa Cruz, uma viagem. **O colégio oferecia viagem todos os anos.** Aqui era pra Curitiba, eu acho. A gente tava aprendendo a fazer pão. Esse sou eu, em destaque aqui (risos)



Figura 92: Foto de entrevistado em viagem com o colégio

Fonte: Coleta de dados

Se tratando ainda da mesma família, percebo que viajar não é algo excepcional, mas faz parte do modo de viver dentro da realidade deles. Lorenzo disse apontando para uma foto que “aqui viagem de família, todo ano a gente ia pra praia, como várias famílias fazem”. De maneira complementar, Luisa, mãe dele, comentou que “colocava o filme lá e levava pra revelar. Fiz muito quando viajava, quando tinha criança pequena eu levava, quando ia pra praia”. Além dessas viagens para praia, ela também comentou sobre uma internacional que fez com ele, em que uma das fotografias pode ser vista na Figura 93:

Eu e o Lorenzo fomos fazer uma viagem, **eu tenho uma irmã que mora na Suíça, né? E daí a gente foi fazer um passeio lá, né?** Daí ela sabe também que eu adoro foto, aí nós tiramos muuuita foto. Muita mesmo (Luisa, 62 anos)



Figura 93: Foto internacional de entrevistada com seu filho

Fonte: Coleta de dados

A praia (Figura 94) apareceu como um destino recorrente para a maioria das famílias. Encontrei diversos registros em campo como Sara, Amanda, Luisa e Mariele. Por outro lado, há uma família que mostrou fotos de viagens, mas dizendo que eram algo muito pontual. Eles foram de excursão (Figura 95), e segundo Daniel, foi algo diferente, pois ele não era um costume, como é para outras famílias aqui entrevistadas.

Tem foto de uma vez que eu fui pro Beto Carreiro, então tipo, **nunca saí pra lugar nenhum**, então era, nossa, fantástico! Tudo eu que tirei. Essas aqui tudo eu que tirava. Esse aqui eu tirei no ônibus. Tudo meus familiares. (...) Aqui a gente tava indo pra Aparecida do Norte, uma viagem de família, foi uma galera de excursão. (Daniel, 24 anos)



Figura 94: Foto de família em viagem para praia

Fonte: Coleta de dados



Figura 95: Foto de família em viagem de excursão

Fonte: Coleta de dados

Pela possibilidade de tirar quantas fotos quiser, a fotografia de viagens é algo que na era digital apareceu em grande volume. Os cliques são quase ilimitados, e alguns acabam até sendo descartáveis, como disse Helen “aqui tem bastante foto daquela viagem pra Gramado

que eu não apaguei ainda. Às vezes eu faço uma limpa, né?”. Como são fotos semelhantes (Figura 96), é questionável o tempo em que se passa mais fotografando do que observando o local.

Como forma de interação nas redes sociais, fotografia de viagem também é recorrente. As pessoas gostam de compartilhar tanto o local visitado quanto elas durante a viagem, mostrando que além de terem visto as belezas do lugar, também estiveram lá. Dentre as inúmeras fotos tiradas, algumas são selecionadas e postadas. Helen me mostrou algumas fotos de uma viagem para o Rio de Janeiro (Figura 97) e apontou, entre elas, uma que postou dela sozinha com o mar. Além dessa, também disse sobre uma viagem que havia feito recentemente para outra praia, que foi postada no Instagram e acompanhada da legenda “céu, sol, mar e vários ângulos da leonina indecisa”.

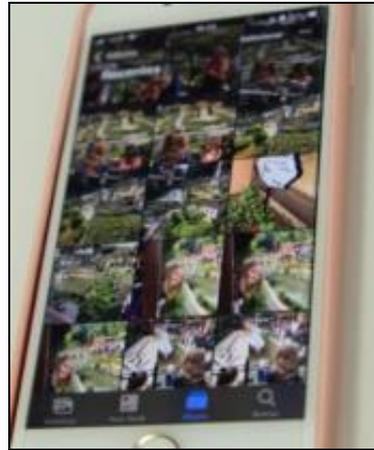


Figura 96: Fotos repetidas de entrevistada em viagem

Fonte: Coleta de dados

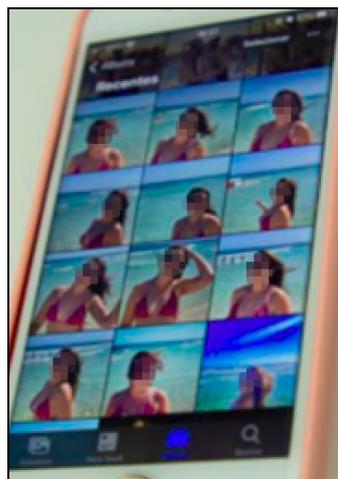


Figura 97: Fotos repetidas de entrevistada em viagem

Fonte: Coleta de dados

O mesmo se repetiu com Anita, que também acumula várias imagens semelhantes de viagens, que ficam salvas apenas para ela na galeria do celular. Outras foram selecionadas para irem para o Instagram, como é o caso das paisagens e copo de café, que permaneceram disponíveis para os seguidores dela durante 24 horas e, posteriormente, ficaram salvas em um destaque³ que ela escreveu como “Vacay”, um termo reduzido de *vacation* que significa férias. Uma dessas imagens tem a marcação do local em que ela estava, como forma da rede de contatos conseguir identificar.

Com o aparecimento das redes sociais, noto que as fotografias postadas de viagens são em sua maioria das pessoas sozinhas, diferentemente das fotos em praia, por exemplo, que eram um registro de família. São geralmente fotos clicadas por alguma outra pessoa, pois o objetivo é que apareça tanto elas quanto o local, como é o caso de Patricia em cruzeiro (Figura 98) e Luan em pescaria (Figura 99).

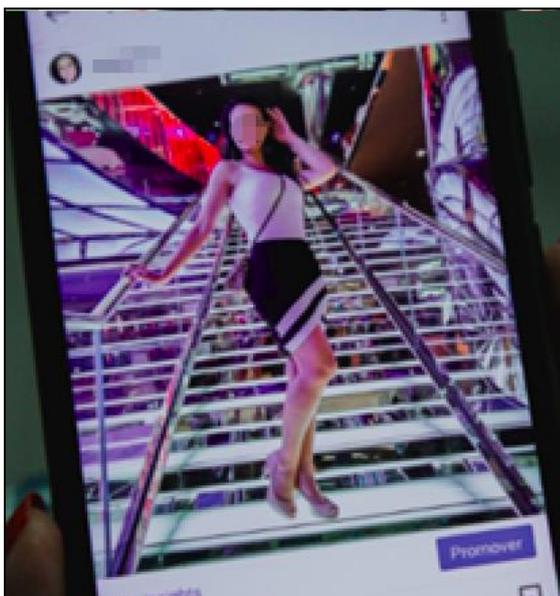


Figura 98: Foto de entrevistada em viagem em cruzeiro
Fonte: Coleta de dados

³ A rede social virtual Instagram permite que o(a) usuário(a) destaque fotos e vídeos publicados nos *stories*, que são aqueles que usualmente aparecem no perfil por apenas 24 horas. O recurso chamado de “destaques” mantém determinados *stories* no topo do perfil do(a) usuário(a) que os escolhem para estarem lá.



Figura 99: Foto de entrevistado em viagem de pesca

Fonte: Coleta de dados

Hoje, me parece que um tempo para tirar fotografias já é parte do roteiro de uma viagem. Cada fotografia parece ser única, mesmo que milhares de outros turistas tenham estado no mesmo local tirando o que é essencialmente a mesma fotografia. No entanto, a foto continua mais ligada ao fotógrafo-turista porque ele a fez. Segundo Sontag (2004), parece incomum viajar sem levar uma câmera, já que as fotografias servem como prova de que a viagem aconteceu e de que houve diversão.

4.4.5 Estudos

A categoria estudos reúne fotos das pessoas enquanto estudantes, em qualquer fase da vida estudantil. As fotos durante os estudos se mostram presentes, assim como as do fim desses ciclos. Aparecem registros desde crianças na escola até adultos na pós-graduação. As primeiras fotografias são da década de 60 e 70 que reúnem fotos muito parecidas, mesmo que pessoa, escola e local sejam diferentes. São fotos dos entrevistados nascidos antes de 1980 que foram tiradas por um(a) fotógrafo(a) e compradas pelos pais deles. É uma das únicas fotos da infância que essas pessoas relataram ter, sendo então um tipo de foto que aparenta ter sido comum naquela época e sumido nas décadas posteriores, como é o caso de Natalia (Figura 100).

Essa todo mundo tem, né? Em [19]69, eu tinha 9 anos. Na escola, Princesa Isabel lá em Araruna. Eu tinha 9 anos. Assim, dos 5 anos eu lembro tudo que aconteceu comigo, assim, tenho na memória tudo, tudo. Detalhes, muitos detalhes. Aí a foto é um complemento mesmo. (Natalia, 62 anos)

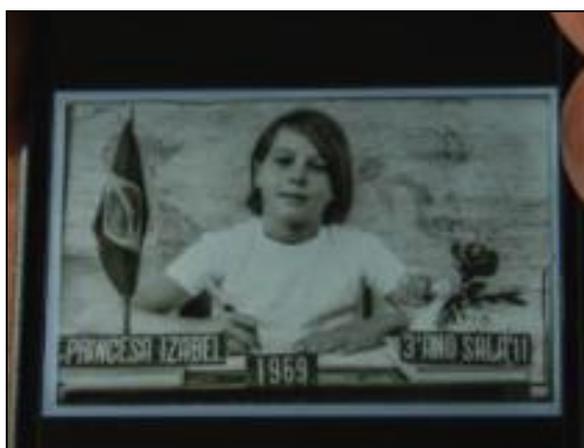


Figura 100: Foto de infância de entrevistada na escola

Fonte: Coleta de dados

Com o passar das décadas, as fotos escolares que surgiram em campo foram dos filhos dos nascidos antes de 1980. A maioria delas são em grupos, fotos tiradas na escola em que aparece toda a turma. Lorenzo, por exemplo, apontou uma delas (Figura 101) e disse, se lembrando exatamente de quando a foto foi tirada ao comentar “aqui é turma da 6ª série, lembro dessa foto, gosto dela”.

O registro no baile de formatura do ensino médio também esteve presente na década de 2010, não só apenas na formatura de faculdade, mas do ensino médio. Lorenzo tem um álbum com fotos espontâneas e posadas durante a festa. Curioso foi ele ter comentado que, de muitas fotos que ele já havia me mostrado durante a entrevista, neste momento surgiu a primeira com seus pais e sua irmã, sua família nuclear (Figura 102). O registro com a família por profissionais nesses eventos parece ser algo comum. É o momento de tirar fotos com a família. A formatura do Lorenzo, por exemplo, foi uma recordação paga pela mãe, mas que tinha o objetivo de ser uma lembrança para ele no futuro.



Figura 101: Foto de turma da escola

Fonte: Coleta de dados

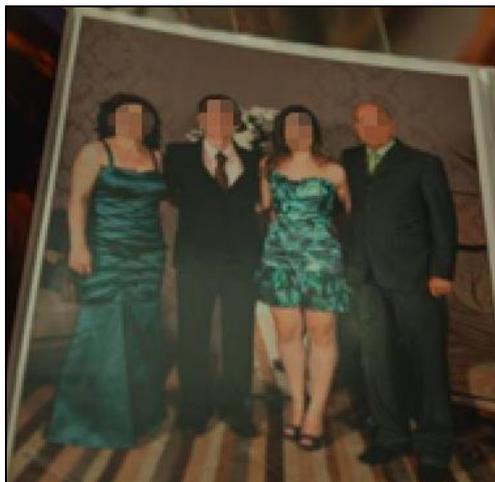


Figura 102: Foto de formatura de Ensino Médio

Fonte: Coleta de dados

Depois, passando para outra fase escolar, a da graduação, já há outros registros. Fotografias do fim de um ciclo acadêmico são registros que encontrei em campo desde a década de 70. Elas são clicadas principalmente por profissionais em vários momentos: em retratos com beca, foto de turma e baile. A filha de Amanda, que fez um ensaio para celebrar a formatura, utilizando uma roupa comum preta e também a beca, tem a foto (Figura 103) estampada na sala de visitas, onde eu fiquei durante a entrevista. Qualquer pessoa que entre na casa deles, logo de primeira se depara com essas imagens. Segundo Schroeder (1998) uma câmera capta eventos e rituais significativos na vida das pessoas que são expostos com orgulho.

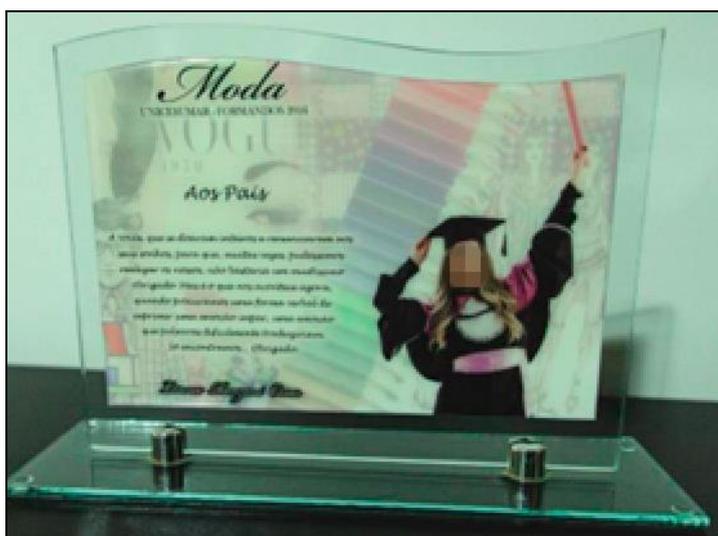


Figura 103: Foto de formatura de Ensino Médio

Fonte: Coleta de dados

Amanda também armazena fotos de sua formatura da década de 90. Ela tem registros com a turma, que foram tiradas na própria universidade (Figura 104) e na colação de grau. Além disso, fotografias do baile de formatura. Todas elas foram clicadas por um profissional, que segundo Amanda, tinha um custo alto: “formatura minha naquele esquema, você quase cai dura, né? Com o preço das fotos”. Porém, mesmo assim ela comprou o álbum, considerando este um registro importante de guardar.



Figura 104: Foto de formatura com a turma na Universidade

Fonte: Coleta de dados

Também encontrei duas pessoas que tiveram registros diferentes neste evento com outros dispositivos de registro, que não a câmera profissional. Sara guardou registros de câmera analógica de comemoração com colegas de formatura da faculdade, de sua defesa de mestrado e doutorado (Figura 105). Helen tirou foto no baile de formatura de um amigo com seu celular e compartilhou nas redes sociais virtuais (Figura 106).



Figura 105: Foto de defesa de mestrado de entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 106:. Foto no baile de formatura de amigo de entrevistada
Fonte: Coleta de dados

A educação, que por tempo não foi algo acessível, sobretudo o ensino superior, acaba sendo um momento de celebração. As fotos, nesse sentido, representam a respeitabilidade da família. Os eventos ligados à educação são forma de demonstrar a distinção da família. Festas que antes aconteciam com um simples jantar acabaram tornando-se uma possibilidade de existência de um evento luxuoso. Surgiu um mercado em que as pessoas consomem com sentido mais amplo do que parecia ser no início. De fotos pontuais apenas na escola, passou-se a ter um dia em que as pessoas vestem roupas sociais e que tiram várias fotos para reforçar essa passagem que torna a pessoa apta para prosseguir para outra na sequência lógica da vida estudantil ou para iniciar no mercado de trabalho.

4.4.6 Fim de ano

Natal e festividades de fim de ano são eventos em que as pessoas costumam se reunir, principalmente a família. As fotografias, portanto, refletem esta união. Todas as que encontrei em campo são de comemorações ou de momentos em que pessoas especiais celebram juntas. Natalia me mostrou uma fotografia (Figura 107) de um Natal que fizeram um mural de fotos, a família se reuniu e ficou relembando acontecimentos. Então, além de ser um momento de registro, também foi de relembrar outros registros.

Ó, essa aqui é super legal, **foi num Natal** que a gente fez, que meu tio que era irmão do meu pai, que **a gente fez um mural de fotografia**, foi bem legal. Que legal. Final

de ano foi na chácara. A gente falou pras pessoas, falou de nós, dos acontecimentos, fez um mural, ó. Foi bem legal. É. Colocava as fotos e **ficava lembrando**. (Natalia, 62 anos)



Figura 107: Foto de família de entrevistada reunida no Natal
Fonte: Coleta de dados

O Natal carrega símbolos que são facilmente identificados, como o Papai Noel e a árvore de natal. Eles facilitam a lembrança das pessoas, que acabam resgatando outros detalhes que rondavam aquele instante ou fase da vida. Helen comentou sobre uma foto em viagem que tem uma árvore de natal no fundo, e a partir dela resumidamente contou um pouco sobre o envolvimento das pessoas que estavam naquele clique. Natalia mostrou uma foto em que aparece seu filho mais velho com um Papai Noel, e se recorda que estava grávida de seu filho do meio.

Não apenas no sentido do dia de Natal e do dia de Ano novo está presente a ideia de se reunir em família. Para Natalia, que não morava na mesma cidade que a mãe, era período de visita-la com seus filhos e encontrar outros parentes, como os sobrinhos. Diferente dos outros registros, essa é uma fotografia (Figura 108) de difícil identificação para quem não sabe a história por trás. A lembrança de estar na casa da mãe, as plantas que remetem ao jardim e as crianças, discretamente aparecendo no fundo, fizeram Natalia comentar sobre a imagem com um tom de empolgação.

Ó, esse aqui são meus filhos com meus sobrinhos na casa da minha mãe. Esse aqui é o jardim dela que eles brincavam na terra. **Era muito, muito [tom de empolgação] legal, todo final de ano a gente tava lá,** e eles [filhos] viviam assim, intensamente! (Natalia, 61 anos).



Figura 108: Foto de quintal de mãe de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

Com uma história muito parecida, Amanda também não morava na mesma cidade em que a mãe quando as crianças eram pequenas. Então, ao ver uma foto da mãe com o marido e as filhas em uma piscina de plástico (Figura 109), logo se recordou de ter sido em um fim de ano. Da mesma forma, Luisa também guarda fotografias reveladas de reuniões com a família, em que relembra acontecimentos da época apenas por vê-las. São fotos que não são posadas, mas que carregam muitas histórias, como a da Figura 110. Novamente, não são fotos com elementos que ajudam a identificar que é um fim de ano. Todavia é a relação entre sujeito-objeto que traça o significado.



Figura 109: Foto de marido, filhas e mãe de entrevistada em férias de fim de ano

Fonte: Coleta de dados



Figura 110: Foto de reunião de fim de ano de família de entrevistada
 Fonte: Coleta de dados

Amanda também guarda fotos de fim de ano em que disse estar reunida com a família para fazer amigo secreto. Em virtude da pandemia, comentou que os registros foram de 2019, pois em 2020 não se juntaram. Apenas passaram os dias de festa com a família nuclear. Ela disse que dentro das possibilidades de isolamento por conta da pandemia de Covid-19, ainda assim o fim de ano se mostrou como um momento de compartilhar afetos com a família.

4.4.7 Eventos religiosos

Alguns eventos religiosos além do Natal surgiram em campo, em especial o batizado, a primeira comunhão, também conhecida como primeira eucaristia, a crisma e o casamento. Algumas delas foram fotografadas por um profissional, outras pelos próprios familiares com câmera analógica. As fotografias do momento da “benção” são características e facilmente identificadas, pois trazem símbolos da igreja, como cruz, cálice, vestimenta do padre ou bispo e a própria igreja, como é possível ver na Figura 111.

Nas imagens aparece a criança ou o adolescente que está a receber a benção em retrato sozinho, com a família ou com o responsável religioso pela benção, e na grande maioria, está utilizando uma roupa branca. Os eventos aqui presentes são da Igreja Católica e representam uma benção recebida.



Figura 111: Foto de criança no dia de seu batizado em frente à Igreja

Fonte: Coleta de dados

Assim como Mariele, que tem registros tirados pela câmera analógica que foram colados em um álbum, Sara também fotografou e armazenou da mesma forma. As fotografias dela são de vários momentos, como o instante da benção e fotos com familiares (Figura 112) que foram assistir ao evento que ocorreu há 25 anos. Sara, ao olhar as fotos e comentar sobre elas, teve a reflexão de quanto tempo passou, no fim desta fala:

Essas são nossas câmeras mesmo. Essas fotos aqui não têm nada de... não tem nada de, é, fotógrafo profissional não. Alguém *tava* tirando, tá vendo? O padre, o vô, a vô, os primos, os tios, né? Todo mundo *tava* lá no dia do batizado da criança. Aí depois tinha um almoço, né? A gente saía pra almoçar. Aqui tem meu irmão, que é quase da minha idade, e a mulher dela. Aqui ela ainda era namorada dele. Nossa, isso aqui tem muitos anos, né? (Sara, 56 anos)

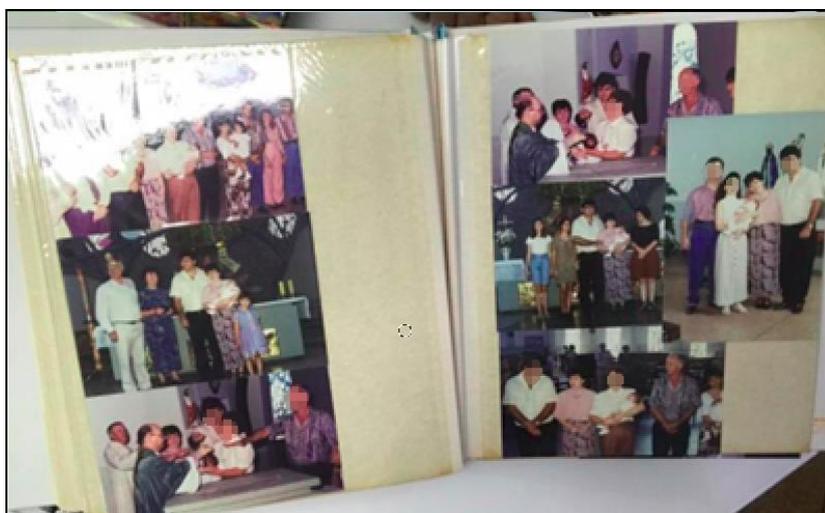


Figura 112: Fotografias de batizado de filha de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

Também de câmera analógica, mas não na igreja, Luisa registrou o dia do batizado de sua filha e me disse ao mostrar a foto (Figura 113) em que está ela, o marido e a filha: “Esse aqui foi no batizado da Liz, olha que bonitinha”. Depois, durante a nossa entrevista enquanto folheava um álbum ela se deparou com outra foto da filha (Figura 114), mas na primeira comunhão, tirada por um profissional. Ela novamente fez questão de comentar sobre qual era o evento. Interessante é que mesmo não entrando no assunto religião com as famílias, pude saber apenas olhando fotos.



Figura 113: Foto de filha de entrevistada no dia de seu batizado
Fonte: Coleta de dados



Figura 114: Foto de filha de entrevistada no dia de sua primeira comunhão na Igreja Católica
Fonte: Coleta de dados

Após esta filha que no momento da entrevista tinha 31 anos, Luisa teve outro filho, o Lorenzo, que eu entrevistei, e ele mesmo me mostrou as dele nos eventos religiosos. Apesar de não se lembrar ele sabe que aquilo foi seu batismo, pois em algum momento alguém lhe mostrou e contou sobre. Isso significa que a fotografia auxilia na construção de histórias. São memórias construídas das quais em certa idade não conseguimos resgatar na memória, mas por meio da imagem é possível saber que aquilo ocorreu e que se esteve presente. Me questiono se, caso não houvesse fotografias do momento da benção, como a Figura 115, se ele construiria tão bem esta memória que é, de alguma forma, resgatada.



Figura 115: Foto de filho de entrevistado no momento da benção do batizado na Igreja Católica

Fonte: Coleta de dados

Assim como Lorenzo, os filhos de Vitor também têm fotografias do momento da benção do batizado, Primeira Comunhão e Crisma. Um deles que entrevistei, Daniel, me mostrou uma desse momento do qual ele pediu para o fotógrafo revelar para ele guardar de sua Primeira Comunhão (Figura 116). Em outro instante da entrevista, comentou que não frequenta mais a igreja. É como se houvesse uma mudança de significado, pois em dado momento teve importância para que ele, adolescente, pedisse para ter uma foto revelada, sendo que, ao todo, ele me mostrou três fotos reveladas. Porém, depois a religião católica deixou de fazer parte da vida dele como fazia naquele momento.



Figura 116: Foto de entrevistado em sua Primeira Comunhão da Igreja Católica
Fonte: Coleta de dados

Pai de Daniel, Vitor, também fez questão de encontrar as fotos dos dois filhos nesses eventos religiosos. Reparei que em vários momentos da entrevista Vitor se lembrava desses registros e dizia que queria encontrar para me mostrar. Ele perdeu alguns minutos até encontrar, e quando encontrou, me mostrou de cada um dos filhos, primeira eucaristia e crisma, como é o caso da Figura 117. Após me mostrar as fotos, Vitor me questionou: “que religião você é?”. Isso me mostra que ao adentrar no universo do outro, este outro também quer, de alguma forma, entrar no meu. Quer saber sobre quem está ali, vendo tantos fragmentos de sua história.

Não mostrei pra você da crisma deles, bem legal (...) deixa eu ver se pego aqui, rapidinho [entra pegar e volta com álbuns]... Aqui, deixa eu ver se acho da crisma [abre álbum e fica procurando essas fotos que queria me mostrar]... Eu queria achar da crisma deles, que é mais recente [fica mais uns minutos procurando]. (Vitor, 51 anos)



Figura 117: Foto de filho de entrevistado em sua Crisma da Igreja Católica
Fonte: Coleta de dados

Casamento, celebração de união matrimonial de duas pessoas, também é um dos eventos religiosos que aparece desde a primeira década que encontrei em campo, que é a de 1940, até hoje. Já era um registro antes disso, como foi levantado pelo estudo feito por Leite (1993) sobre retratos de família de São Paulo clicados entre 1890 e 1930, foram identificados neste período imagens de casamento. Fotografias em casamentos, segundo ela, pareciam superar barreiras de classe.

Alguns elementos como vestido de noiva, terno, trajes sociais, bíblia e cruz fazem este evento de registro ser facilmente identificado. Há registros de pessoas já falecidas, mas que foram passados para as gerações seguintes. Sara armazenou a foto de sua tia quando se casou em 1940 (Figura 11) e Natalia a de seus pais, da década de 1950 (Figura 11). Ela também me mostrou uma fotografia que disse ser especial, a do casamento de seu filho em 2017, em que ela o acompanhou na entrada na Igreja. Mariele também mostrou foto do casamento do filho em que ele estava com a noiva.



Figura 118: Foto de casamento de tia de entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 119: Foto de casamento de filho da entrevistada

Fonte: Coleta de dados

Como até a década de 2000 não havia um dispositivo que as pessoas carregavam em qualquer lugar, como é o celular, não encontrei nenhum registro dos próprios convidados em casamentos. Todavia, isso mudou com a chegada desses dispositivos, pois permitiram que as pessoas aproveitassem que estavam arrumadas para terem registros de si. Como disse Anita, apontando para seu celular na Figura 120: “aqui foi casamento: **Aproveitando a maquiagem pra tirar muitas fotos** (risos).” Além disso, postou foto (Figura 121) com o namorado no Instagram acompanhada da legenda “dia de festinha com o menino que eu gosto”.

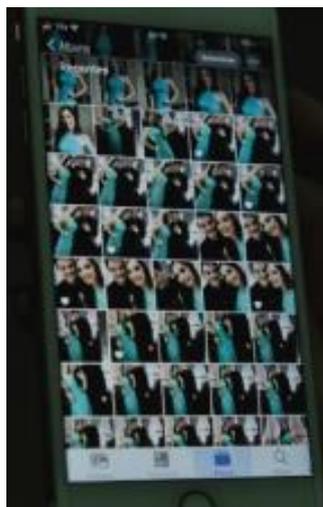


Figura 120: Fotos repetidas de entrevistada em dia de ir a um casamento
Fonte: Coleta de dados

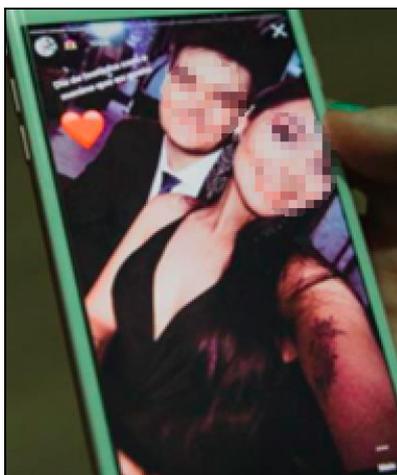


Figura 121: Foto de entrevistada com namorado em um casamento
Fonte: Coleta de dados

Olhando para a passagem da condição material para também condição digital, o casamento, que é uma celebração registrada há décadas, passa a ter também outras formas de registro que não tem o foco os noivos, ou o casamento em si. Como é visível no caso de

Anita, foi uma oportunidade para tirar fotos dela mesma e com o namorado, que eram apenas convidados.

4.4.8 Foto de si

A categoria foto de si envolve mais que a selfie, pois há fotos dos sujeitos sozinhos que foram tiradas por outras pessoas, por meio do temporizador ou até mesmo no espelho. Ela é uma categoria nova, que surgiu em campo com a chegada dos celulares. Em uma linha temporal, a primeira que apareceu foi a de Patricia na década de 2000 em que tirou uma foto sua no espelho enquanto se arrumava para ir trabalhar. A selfie até então não existia, pois a câmera do celular era traseira, e com a chegada da câmera frontal é que este tipo de registro se popularizou.

Em outros momentos, Patricia comentou ao mostrar as imagens de seu álbum no Facebook (Figura 122) que gosta de tirar fotos sozinhas. Aqui, em outra modalidade, pois para tirar foto sozinha ela precisou utilizar do temporizador, em que posicionou o celular em um local, aguardou os segundos que ele mesmo programa e se posicionou para a foto. Ela comentou que o evento foi um passeio ao teatro sozinha, e que costuma fazer isso quando não tem ninguém que quer acompanhá-la. Todavia, apesar de o passeio ter sido só fisicamente, ela não esteve sozinha virtualmente, já que ela além de fotografar, publicou.

Fui no teatro sozinha assistir. Fui sozinha. Eu fui sozinha, sou assim mesmo. Se não quer me acompanhar, tchau, fui. **Fiquei tão feliz, tirei um monte de foto sozinha eu aqui em casa**, ó. Eu sozinha tirei e adorei essas fotos. Eu gosto de foto. (Patricia, 39 anos)

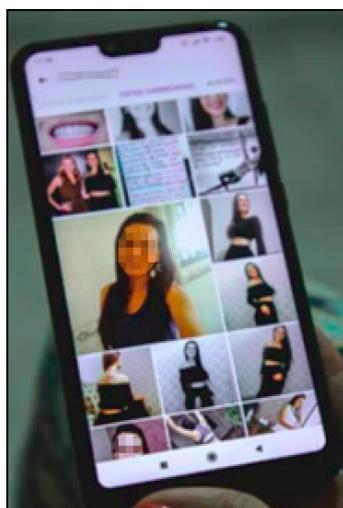


Figura 122: Foto de entrevistada sozinha em seu perfil de rede social virtual
Fonte: Coleta de dados

As fotos que transitam nas redes sociais passam por uma seleção, em que várias são clicadas e armazenadas na galeria do celular e só algumas vão realmente para as redes sociais. Segundo Helen, o critério é “acho que... as fotos que eu gosto mais, se eu to sozinha, a que eu tô mais bonita, né?”. Como ela mesmo mostrou, há várias tiradas e a que vai para a rede social Instagram geralmente é acompanhada de filtro ou efeito “feed você escolhe mais, edita, né? Coloca efeito.”

De acordo com Schroeder (1998), um comportamento humano básico é representar a si mesmo através de ação, palavra e imagem; a fotografia como imagem é uma poderosa forma de representação. Porém, segundo Sontag (2004) não é qualquer fotografia que vai para as redes sociais virtuais. As pessoas querem a que tenha a melhor aparência possível, ficando insatisfeitas quando a câmera não retorna uma imagem mais bela do que elas são na realidade. Com a possibilidade de filtros e efeitos de maneira rápida e fácil, torna-se mais simples ter uma margem de manobra em nossas apresentações visuais online (Belk, 2014).

São várias formas de ter foto de si. Anita, por exemplo, me mostrou o seu perfil na rede social Instagram, e de doze imagens que apareceram na tela, nove eram dela sozinhas (Figura 123), essas incluem tanto fotos dela tiradas por outra pessoa quanto selfie. Segundo Marshall e Davis (2019), selfie significa que fotógrafo(a) e sujeito fotografado são o mesmo. Sendo assim, consegue visualizar e enquadrar como quer ao compor a imagem. Com os recursos do próprio celular, ainda há a oportunidade para edição durante e após a captura.

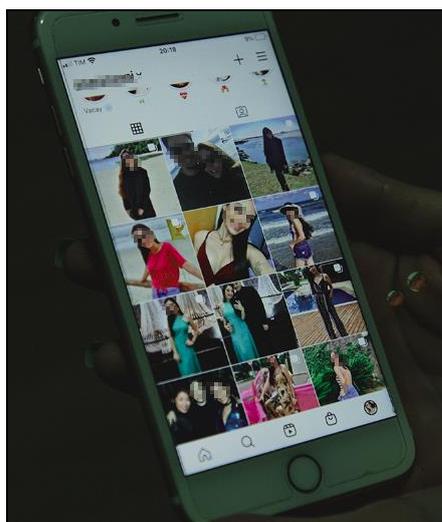


Figura 123:: Fotos postadas por entrevistada em sua rede social virtual
Fonte: Coleta de dados

Em outra fala de Anita, ela afirma essa questão dizendo: “Pro feed eu gosto de colocar... Eu gosto de postar fotos minhas, raramente eu posto outras pessoas [risos]”. Segundo Belk (2014), o álbum de família de uma era anterior tornou-se mais uma galeria de fotos individuais na era digital.

4.4.9 Refeição

Refeição incluindo comida e bebida são temas que não estiveram presentes nenhuma vez em campo antes da chegada dos celulares com câmera. Elas surgiram na fala dos entrevistados principalmente como uma forma de interação com outra pessoa ao compartilhar aquilo que está fazendo no momento. Natalia, por exemplo, comentou que gosta de drinks e de postá-los. Como disse Luan, há um volume grande de compartilhamento desse tipo de registro em grupos de amigos e redes sociais como o Instagram. São fotos de hambúrguer, churrasco, drink e cerveja como foco da imagem, não há pessoas, como as Figuras 124 e 125.

Fotos pra compartilhar, pra registrar... Que nem, aqui tem um **monte de foto de hambúrguer** (...) Ó, foto de comida tem bastante. É que eu gosto de fazer bastante churrasco, sabe? Gosto demais! **Foto de comida tem bastante, de bebida**. Eu mandei no grupo... Eu mandei pros meus amigos, eu devo ter postado no Instagram no dia, com certeza. Eu lembro que esse dia eu fui antes fazer, cheguei lá umas 4h da tarde na casa do amigo nosso. (...) Olha, um copo de bebida. É, tipo assim, momento de casamento, cadê. Deixa eu ver aqui de bebida, ó. Tem, ó. **Povo manda, isso aqui tem, muito! Tipo assim, bastante mesmo.** (Luan, 30 anos)

Essa eu acho que **mandei pra uma amiga minha**, que foi a que me recomendou esse lanche, eu nunca tinha pedido (Anita, 21 anos)

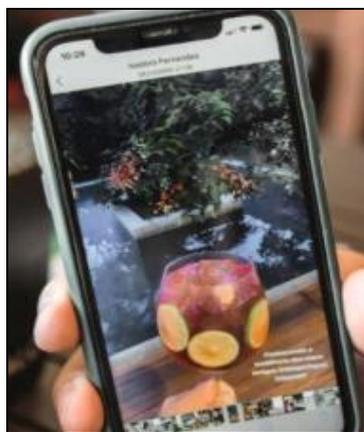


Figura 124: Foto de copo de bebida

Fonte: Coleta de dados



Figura 125: Foto de hamburguer

Fonte: Coleta de dados

Essas fotos não são de refeições, comidas ou bebidas, que fazem parte do dia a dia, mas das que são esteticamente interessantes de serem divulgadas. Geralmente são acompanhadas de legenda ou de marcação de localização, narrativas que permitem contextualizar a relevância daquele registro para determinado grupo de pessoas que o recebem.

4.4.10 Natureza

As fotos de natureza que estavam presentes em campo foram clicadas por meio de celulares. Possibilitando tirar fotos sem ter um custo individual por cada uma delas, como era com a câmera analógica, fotografias de natureza, que incluem paisagem e animais, foram registros que entrevistados me mostraram. Não são paisagens e animais aleatórios, mas aqueles que são posse, como cachorros e vasos de flores; ou que estão ao redor das posses da família temporariamente, como as árvores que ficam na calçada em frente às casas em que residem ou pássaros que visitam os fundos.

Helen, de 26 anos, tem várias fotos (Figura 126) parecidas de sua cadela “aqui várias fotos da Cindy. Porque ela *tava* de páscoa, olha que fofa”. Vitor, de 51 anos, em seu perfil das redes sociais virtuais Instagram e Facebook costuma postar fotos de sua cadela (Figura 127), assim como Anita, de 21 anos, que tem um destaque no Instagram exclusivo para fotos de seus cachorros.

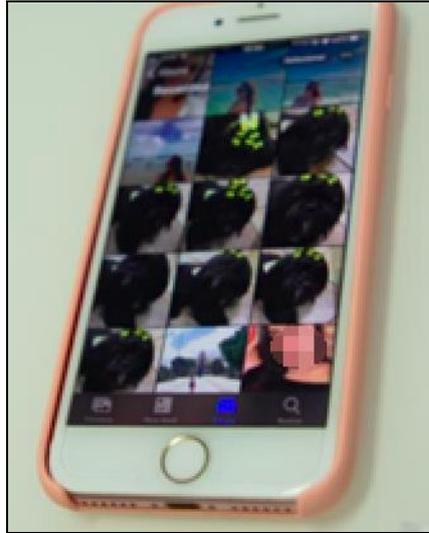


Figura 126: Fotos da cadela de entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 127: Perfil de rede social de entrevistado com fotos de sua cadela

Fonte: Coleta de dados

Noto que as duas cadelas, de Cindy e Vitor, estavam utilizando laços no pelo, o que demonstra um cuidado estético por parte dos donos. Segundo Hirschman (1994), há diversos papéis que os animais domésticos podem exercer na vida das pessoas, mas há dois fenômenos principais que auxiliam no entendimento dessa relação: antropomorfismo, que é a tendência de atribuir características humanas em seres não humanos; e neotenia, que é tentar manter uma aparência jovem na vida adulta, levando humanos a tentarem fazer com que os animais sejam cativantes, que necessitem de cuidados para manter a aparência como se fossem bebês humanos. Nas fotografias isso fica evidente, trazendo a propensão a enfeitar, mimar e mostrar para outras pessoas como existe o cuidado com esses animais.

Hirschman (1994) argumenta que cachorro é um dos animais mais domesticados e a relação dos humanos com esse pet é culturalmente aceita, o que é reforçado perante dados da ABINPET (2021) trazendo que o Brasil é o terceiro maior país em população de animais de estimação do mundo, tendo cachorros como maior volume.

Além do pet, também há outros registros que envolvem natureza. Amanda, de 51 anos, disse que: “assim, eu gosto muito de rosa, aí eu... As coisas que eu gosto de registrar: flor, cachorro, essas coisas assim”. As fotografias de flores foram mostradas várias vezes pelas mulheres nascidas antes de 1980, sendo registros daquelas que fazem parte das suas casas que estão no jardim na área externa, em vasos ou como extensão da casa na calçada (Figuras 128 e 129).

Ah, essa foto aqui é da janela do meu quarto, que **tinha pé de manacá aqui**, era a coisa mais linda do mundo, eu amava esse pé de manacá. De repente ele foi caindo as flores, caindo as flores e secou. Depois de 3, 4 anos. Gente, que coisa! Falava “gente, **olha a visão que tenho da minha janela**” (Amanda, 51 anos)

Eu gosto também de fotografia não só necessariamente de pessoas, **eu gosto de tirar de uma flor, que eu gosto muito de flor, de árvore**. Eu gosto disso. **Eu tenho fotos no celular que eu tirei de um vaso que eu plantei**, sabe? Desse tipo de coisa. Até eu tenho mais do que fotos assim, minha mesmo (...) Essa aqui eu te falei que **gosto de tirar fotos da casa, de flores**. Linda, né? Eu fico tirando foto. Olha, que coisa linda! Toda florida. Olha! (Luisa, 62 anos)

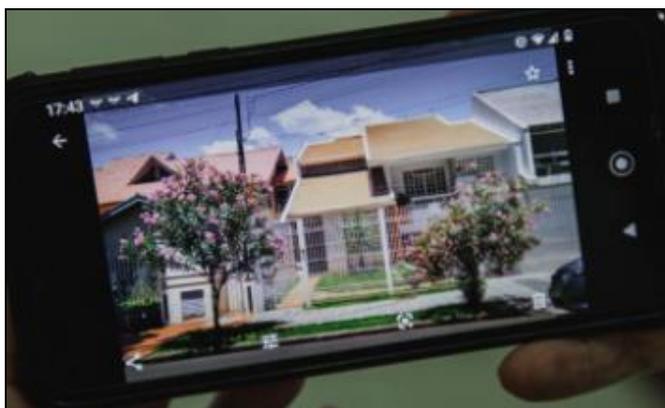


Figura 128: Foto de árvores em frente à casa de entrevistada

Fonte: Coleta de dados



Figura 129: Foto de vaso de flor de entrevistada

Fonte: Coleta de dados

As fotos de natureza são mantidas no celular ou enviadas por aplicativos de mensagens, como disse Luisa: “foto da vó, dos netos, dos vasos, do que plantou, do que achou interessante... aí põe no grupo da família, todo mundo vê, ou manda *pras* irmãs, né?”. As fotos de natureza, então, atuam também como forma de interação com outras pessoas, assim como as que ficam apenas no próprio celular servem como apreciação das próprias posses, já que as flores e árvores são parte temporária da casa das famílias.

4.5 Significados

Enxergando significados a partir da lente da cultura material, Sassatelli (2007) argumenta que os objetos são parte de sistema de significados que necessitam de atores para se tornarem significativos. Miller (2013), por outro lado, adiciona que pensamos que somos pessoas livres que podemos fazer o que quisermos com a cultura material, mas não podemos, pois ela também tem agência.

Miller (2013) ainda traz uma reflexão dando como exemplo sua casa, que foi construída no início do século XX, que já teve habitantes antes dele e que, certamente, terá outros após ele. Portanto, a partir dela ele se considera transitório. Ainda falando da casa, mas da relação que ele traça com ela, argumenta que ela não é apenas uma coisa -palavra que ele considera sinônimo de treco, objeto ou artefato-, mas um processo. Com isso, mostra que a relação entre sujeito e objeto não é estática, mas está em movimento.

Da mesma forma, para compreender os significados do consumo de fotografias em famílias, há de se considerar que a relação das pessoas com as fotos também está em movimento, em que uma afeta a outra. As mudanças tecnológicas vêm sendo parte dessa transformação, ao mesmo tempo que são transformadas pelos próprios indivíduos. Diante disso, depois da análise a partir de suporte, dispositivo, objeto e evento de registro envolvendo fotografias coletadas, narrativas dos sujeitos e discussão teórica, os significados presentes a partir da passagem da condição material para digital encontrados foram: materialização de momentos, construção de histórias, interação e descartabilidade.

4.5.1 Materialização de momentos

A dimensão tempo é uma das principais para a discussão da materialização enquanto significado, pois é a partir do entendimento de que o tempo não é estático que as pessoas tendem a fotografar para fazer com que ele pare de alguma forma. Como reflexo, os registros em campo mostravam aquilo que tinha um motivo para ser registrado. A fotografia atua como materialização do momento a partir de um ângulo. É como se, então, fosse uma tentativa de pegá-lo em mãos.

Ao reverem fotos, os sujeitos de pesquisa narravam sobre o que continha nelas e também detalhes que não estavam de prontidão na imagem em si, mas que eram resgatados perante elaboração por meio da narrativa. Como visto na pesquisa, a maioria das fotos, tanto em condição material quanto digital, envolvem pessoas. O objeto de registro principal do consumo de fotografias em famílias são pessoas e há objetos secundários de registro que podem ser vistos como forma de os próprios entrevistados lembrarem de histórias e enriquecerem a lembrança. Eles se mostram presentes na narrativa, que permite revisitar momentos que podem ser contados para si ou para os outros (Kossoy, 2001).

Mesmo que as situações mudem, a fotografia congela um instante passado e auxilia na materialização de memórias, que, de outra forma, não seriam visualizadas. Barthes (1981) lembrou de sua falecida mãe a partir de uma fotografia e percebeu que essa imagem trouxe de volta os detalhes de sua aparência no momento em que a foto foi tirada e que todos os objetos que compunham a imagem ajudaram no resgate desta memória.

Objetos que remetem à infância, como manta e berço; roupas que foram utilizadas em uma fase da vida, como graduação e casamento; posses que foram marcantes, como carro e televisão, foram alguns dos diversos que foram visualizados nas fotos e citados durante as narrativas. Eles permitiam com que mais detalhes estivessem presentes e que possivelmente seriam esquecidos, caso não fizessem parte da composição das fotos.

Houve uma passagem em que uma entrevistada viu a foto da casa em que morava quando era criança e disse sem perceber “**aqui** tinha esse pé dessa árvore aqui na frente da nossa casa...” e continuou contando, como se estivesse se teletransportado para aquele instante. Outro comentário marcante foi quando outra entrevistada pegou uma foto em condição material dizendo que era a casa onde morou na infância, e depois se lamentou por estar abandonada, mesmo tendo pessoas residindo. Como disse Miller (2014), perto de alguns artefatos somos transitórios, outros moradores passaram a criar histórias ali, mas a dela foi revisitada por meio da lembrança materializada pela fotografia.

O significado de materializar momentos foi sendo afetado a partir da passagem da condição material para digital, posto que houve a mudança de a fotografia ser pouco acessível no início, em que os registros eram pontuais ou planejados, pois demandavam um custo maior; para um universo digital em que há um maior número de cliques. Sendo assim, as pessoas narram um motivo que faz com que a fotografia seja capaz de resgatar alguma memória, seja como forma de reforçar dimensões importantes para elas profundamente presentes na condição material, como família, religião e estudos; tanto como recurso de construção da própria individualidade, presente a partir da condição digital.

De qualquer forma, todas as fotografias que encontrei em campo representam momentos que no ato do clique foram considerados bons o suficiente para serem fotografados. Como exemplo, fotos de viagens são em locais considerados interessantes, não de imprevistos que podem acontecer no caminho; cotidiano são fotos de recortes felizes do dia a dia, não daqueles que são tristes; fotos de si são de quando a pessoa se considera bonita para tal, não de quando acabou de acordar. Isso se encaixa em qualquer um outro evento de registro também: retrato, aniversário, estudos, eventos religiosos, fim de ano, refeição e natureza.

Contudo, ter um registro de um momento feliz não significa que aquela fotografia continuará sendo vista com o mesmo olhar feliz sempre. Há, a partir de diferentes movimentos que a vida provoca, a possibilidade de dar um novo significado, que não o mesmo do ato do clique. Relembrando o caso de uma das entrevistadas, o casamento deixou de ter o sentido original a partir do momento que ela se divorciou. Com a tarefa constante de recuperar sua forma de presença em um novo espaço temporal, a fotografia é a materialização de parte de momentos vividos, permitindo que seja designado a ela um novo sentido, diferente daquele inicial, a partir da interpretação de quem a visualiza.

Como diz Soilo (2012), a fotografia não pode ser enxergada com objetividade, pois a subjetividade é parte dela desde a composição por quem fotografa até a interpretação do receptor. E, além da imagem em si, bilhetes e anotações que faziam parte de alguns registros em condição material, em que as pessoas escreviam em álbuns ou atrás das fotos, como se fosse uma descrição, auxiliam na interpretação de quem a visualiza, de forma a identificar o sentido inicial de quem a inseriu naquele suporte de registro. Com a passagem para o digital, os bilhetes e anotações passam a ser legendas em fotos, que demonstram ser mais uma forma de interação do que descrição do motivo materialização do momento, como costumava ser no papel.

4.5.2 Construção de histórias

As famílias guardam tanto fotografias que foram deixadas por outras que ajudam na construção de histórias, quanto se esforçam para criarem também algo para o futuro. Miller (2013) mostra que artefatos ajudam descendentes a se tornarem de acordo com algo que os antepassados desejavam. Como exemplo, vários participantes tem fotografias em condição material dos(as) filhos(as) no batizado, em que eles(as) por si só não tinham poder de decisão, pois essas eram feitas pelos pais. Registrar esse momento em fotografia é uma forma de provar que aquilo aconteceu e também evidenciar uma aspiração para o futuro.

Enquanto Vitor folheava seus álbuns, várias vezes se demonstrou inquieto por estar buscando fotografias específicas que queria me mostrar, até que as encontrou. Eram fotos dos dois filhos na Primeira Eucaristia e na Crisma, eventos da Igreja Católica. Interessante foi que neste momento ele questionou a minha religião, deixando evidente o quanto esta dimensão é importante para ele. Nesse contexto, temos segundo dados do último Censo feito em Maringá em 2010 pelo IBGE que 231.033 habitantes eram pertencentes a religião Católica Apostólica Romana, dentro de uma população de 357.077 habitantes no total, representando quase 65%. No cenário nacional, tem-se também segundo Censo de 2010 que 123.280.172 de habitantes eram pertencentes a essa religião dentro de uma população de 190.755.799, tendo também quase 65% da estatística.

Portanto, ter a fotografia é uma forma de comprovar o ideal de filho que ele tem, que é aquele que tem relação com a Igreja Católica, também reflexo da cultura da cidade e do país, que, apesar de ser um Brasil vasto e diverso, ainda tem predominância desta religião. Contudo, quando entrevistei um desses filhos, ele me contou que não participa mais de reuniões religiosas.

Com outro exemplo, vejo que, além de ser uma construção do ideal para a própria família, é uma forma de apresentar essa versão para as demais pessoas. Patricia comentou que, ao conhecer a família do ex marido, pegaram as fotos de quando ele era pequeno pra mostrar. Além de ela ter trazido como um costume o fato de compartilhar fotografias em condição material, também teve contato com a história que os ex sogros tentaram construir de seu ex marido por meio das fotos. Sendo assim, em condição material as fotografias tendo como significado a construção das histórias tem como consequência a passagem de geração para geração. Elas são guardadas para que familiares que vierem a posteriori possam absorver e incorporar aquilo que veio de seus antecessores. Fica evidente, como posto por Miller

(2013), que as pessoas guardam fotos de momentos em que se esteve mais perto do que se tem como ideal.

Trazendo para o universo digital, compreendendo a passagem de uma condição apenas material para também uma condição digital, noto que essa construção de histórias a partir de um ideal permanece, mesmo que com outras configurações, já que é um espaço muito maior do que apenas um pequeno círculo de pessoas. As últimas décadas trouxeram objetos de registros como foto de si, refeição e natureza que mudam a dinâmica de foco principal da construção de histórias da família para também uma construção de história individual. Pensando que, segundo Belk (2014), a maioria das relações nas redes sociais virtuais é de natureza social, este parece um terreno fértil para construção de um eu ideal. Citando o entrevistado Lorenzo: “acho que o feed ali tradicional é uma vitrine, né? Aquilo que você quer mostrar mesmo.”

Poderia parecer presunçoso em tempos pré-digitais, como disse Belk (2014), mostrar algumas posses, mas em um ambiente virtual há uma modificação deste pensamento. É comum encontrar fotografias de bebidas e comidas, assim como fotos de viagens que demonstram status para o indivíduo. Essas são também, possivelmente, uma fonte de afirmação da individualidade, isto é, do indivíduo que a fotografa: a comida é para ele, a bebida é para ele, expressam, de alguma maneira, uma circunstância da sua ação individual. Além disso, fotos de si em situações que, muitas vezes, não refletem o cotidiano. Várias entrevistadas disseram que aproveitam dias em que estão maquiadas para tirarem várias fotos e postarem nas redes sociais virtuais. Os perfis nas redes sociais virtuais são individuais, sendo mais um fator que permite a construção de um eu construído.

Marshall e Davis (2019) argumentam que a fotografia dá às pessoas a responsabilidade e controle sobre imagens que capturam e decidem compartilhar, oferecendo sua própria perspectiva. Sendo assim, o significado de construir histórias é presente nas fotografias, passando de uma construção de histórias de famílias quando a fotografia era presente apenas em condição material, para também uma construção de história individual, a partir da existência da condição digital.

4.5.3 Interação

Enquanto as fotografias estavam guardadas apenas em condições materiais, não havia uma exibição pública vasta, com grande alcance. Existia o ato de mostrar para pessoas

próximas, de colocar em quadros e porta-retratos para que as visitas vissem as fotos, porém não se navegava em tamanha extensão como acontece no mundo virtual. A partir do momento em que surgiu a fotografia em condição digital, o próprio sentido de fotografar também se transformou.

Segundo Slater (2001), ao passo que o mundo é transformado, nós também nos transformamos. Não somos apenas sujeitos usando objetos, pois estamos interligados, estando conscientes ou não. Os avanços em câmeras propiciaram uma visão de que a fotografia está mais precisa e capaz de registrar qualquer assunto digitalmente. Por parecer tão natural e inevitável, damos pouca atenção, mesmo consumindo diariamente as que são produzidas por nós ou por outros.

O compartilhamento no mundo virtual atua como se fosse o meio, enquanto o fim, ou seja, o propósito final, muitas vezes, é a interação. O que se compartilha pode ter mais sentido de interagir do que recordar. Há tanto como enviar fotografias quanto receber, o que pode tornar a conexão uma via de mão dupla. Segundo Belk (2014), é provável que amigos de redes sociais virtuais saibam mais sobre atividades diárias e pensamentos do que familiares. Na era digital a fotografia se tornou um modo-chave de comunicação para muitos indivíduos que a utilizam para publicar um registro visual de suas vidas (Iqani e Schroeder 2016). O celular enquanto dispositivo de registro foi o que mais permitiu essa conectividade em relação à fotografia, pois a temporalidade entre o clique e o compartilhamento pôde ser imediata.

Além deste universo extenso das redes sociais virtuais, em que mesmo se restringirmos determinado conteúdo a um círculo designado de amigos online, não há garantia de que as informações não serão compartilhadas com outros, existe também um espaço mais particular: o dos aplicativos de mensagens. Vários sujeitos de pesquisa mostraram fotos que outras pessoas enviaram de modo privado sobre algum assunto do qual gostariam de comentar. Nessa condição, o privado passa a ser condicional, mais temporário. Em campo havia fotografias em condição material que foram fotografadas por um celular e compartilhadas pelos aplicativos; assim como imagens que foram tiradas para que pudessem mostrar o que estavam fazendo naquele momento. Novamente, o significado da fotografia nesse momento é de interação, que vem como retorno da outra parte em forma de visualização, curtida ou mensagem.

Todos os sujeitos de pesquisa têm perfis em redes sociais virtuais e utilizam de aplicativos de mensagens. De modo geral, todas as pessoas nascidas depois de 1980 costumam postar fotografias nas redes sociais virtuais, com destaque para o Instagram. Há um recurso chamado *Stories*, inclusive, que permite que a fotografia fique disponível apenas por

24 horas, reforçando que a ideia de que da postagem tem a finalidade de interação imediata, efêmera e cronometrada, até pelo fato de ter um prazo para desaparecer, diferentemente de uma fotografia em condição material. Os jovens também utilizam aplicativos de mensagens, principalmente para trocas com amigos(as).

Por outro lado, nem todas as pessoas nascidas antes de 1980 gostam de mostrar suas fotografias para um mundo mais extenso, se limitando apenas ao envio por meio de aplicativos para pessoas mais próximas, em que mandam de modo direto para a pessoa ou em grupo de família. Elas relataram também que a rede social virtual preferida é o Facebook. Em um contexto de pandemia, surgiram até comentários de que as fotos eram forma de verem outras pessoas queridas, já que não podiam se encontrar presencialmente. Em eventos de registro como o Natal, que era momento de reunião em família, só foi possível se reunir por meio da Internet.

Segundo Belk (2014), embora os celulares possam ser cada vez menos usados para ligações, eles são cada vez mais utilizados para enviar mensagens de texto, compartilhar a localização, tirar e postar fotos para se conectar com outras pessoas. Afinal, assim como há jogos para um único jogador, que dê para navegar na Internet individualmente ou ouvir música na solidão, a maior parte de nossos envolvimento digitais são de natureza social. O compartilhamento enquanto meio para ter interação como fim, portanto, é presente.

4.5.4 Descartabilidade

Durante o período em que a fotografia era presente apenas em condição material as pessoas costumavam guardar fotos de familiares, sem que necessariamente elas mesmas estivessem na foto. São fotos que foram sendo passadas de geração em geração e que continuam armazenadas dentro dos suportes de registro em condição material, como caixas de sapato e álbuns. Com exceção de uma entrevistada que tirou as fotos do álbum de casamento, não houve ninguém que tenha descartado qualquer foto que estivesse revelada.

Por outro lado, quando há a passagem para uma condição também digital da fotografia, comentários sobre pessoas que perderam ou deletaram fotos foram recorrentes. Uma das justificativas pela qual a maioria dos entrevistados diz deletar imagens é quando é preciso fazer uma limpa em que as fotos passam por uma seleção e ficam apenas as melhores. A presença pessoal aparece, em sua maioria, como uma condição para armazenamento. As

fotos que são salvas ou armazenadas no dispositivo referem-se à momentos em que a pessoa está na foto. Mesmo que no sentido de interação ela receba fotografias, isso não significa que essas serão salvas no sentido de posse.

Que a chegada do digital trouxe uma maior possibilidade de cliques, isso é evidente. Porém, com a fotografia analógica também ocorria de ter vários cliques e até mesmo fotos que os entrevistados consideravam ruins: com borrão, tremidas, estouradas e etc. E ninguém as jogava fora. Mariele de 67 anos disse: “eu não gosto de apagar foto. Se a gente tira, a gente gosta”. Contraditório, pois comentou que quando o armazenamento do celular enche, pede para a filha descarregar no computador ou acaba tendo que apaga algumas. Mesmo que não queira se desfazer, em alguns momentos isto ocorre. Contudo, não há essa preocupação com a fotografia em condição material, da qual ela guarda *albinhos* e mais *albinhos* na cômoda da sala de visitas.

Então, em que momento as fotografias começaram a ser descartáveis? Porque a lixeira do computador ou celular é mais fácil de ser utilizada do que a de casa? O descarte na condição material é mais complexo e difícil do que na condição digital. O material está ali presente, é como se tivesse arrancando uma parte de si para jogar fora, inclusive entrando em contato com o lixo. Já o digital, não. É mais simples, existem vestígios, mas em outra dimensão. O digital leva à volúpia, leva a maior quantidade, leva a multiplicação, talvez à banalização, ao lugar comum.

São dois principais motivos descritos pelos sujeitos que os levam a deletar: repetição e falta de armazenamento. A repetição ainda se desdobra em mais uma questão: a seleção, quando há várias parecidas, algumas são deletadas. A falta de armazenamento é uma queixa do celular como suporte de registro, que também é o único dispositivo de registro usado atualmente pelos sujeitos. Sendo assim, precisam de tempos em tempos transferir as imagens para outro lugar para liberarem espaço e encherem de novas fotos, para depois seguirem o mesmo percurso.

5. Considerações finais

Reúno nessa seção as considerações finais que se dispõem a partir das análises que foram ao encontro de responder os objetivos específicos e geral. Depois, trago as contribuições teóricas, considerações gerenciais, limitações e sugestões para futuras pesquisas.

Início citando um autor que me ajudou na construção das reflexões durante a minha jornada. Miller (2013) fala que, mesmo se quisermos ignorar a materialidade, ela ainda assim faz parte do processo pelo qual nos constituímos. Para isso ele dá o exemplo dos carros. Mesmo que eu não tenha um carro, ele acaba fazendo parte do que sou, pois aquilo que entendemos por humanidade se alterou a partir das rodovias, engarrafamentos e asfaltos, que antes dele não existiam. Sendo assim, o carro provoca consequências, mesmo que indiretas, que envolvem a forma como nos relacionamos com o mundo.

As fotografias certamente são como os carros. Elas alteraram inúmeras relações, assim como foram alteradas pela tecnologia desenvolvida pelos seres humanos ao decorrer desses 180 anos de existência. Na mesma ideia do carro, mesmo que eu diga que não consuma fotografia, ela se faz presente no meio em que vivo. Ela permitiu o surgimento de uma rede social como o Instagram que se baseia na troca de fotografias -e que depois se expandiu para vídeos-, mas que permanece com a imagem como foco. Fotografia, em sua humildade, está presente em um porta-retrato ao lado de uma cama num cômodo que constrói histórias de famílias, até em quadros elencando os funcionários que tiveram destaque no mês em um supermercado. Está como prova documental em um site de notícias e até mesmo no documento obrigatório de identificação pessoal que todo cidadão deve ter.

Ora, se for elencar as formas de presença em que ela se dá no cotidiano dos indivíduos, perderia o foco a que me propus. Porém, não poderia deixar de mencionar e retomar aquilo que mencionei nas minhas considerações iniciais, antes de imaginar tudo aquilo que encontraria em campo: Schoreder (2002) diz que nós vivemos uma cultura de informação visual, mas parecemos dar pouca atenção às imagens, nem sempre as entendemos e na maioria das vezes não temos consciência da influência que elas têm em nossas vidas.

Confesso que fui questionada em alguns momentos sobre como seria tornar objeto de estudo um tema que envolve meus interesses pessoais. Apesar de saber que ciência não é neutra, sobretudo as sociais, pois envolvem escolhas do(a) pesquisador(a), considerei que seguiria em diante. E assim, creio que fiz minha melhor escolha, pois não me vi em nenhum momento como fotógrafa, mas como alguém que também consome fotografias e pertence a

uma família. Creio que você, leitor(a), também tenha passado pela mesma questão de identificação em pelo menos algum momento do texto, revisitando memórias.

Enquanto pesquisadora, minhas preocupações foram bem caracterizadas por aquilo que Pinto e Batinga (2018) já trouxeram como desdobramentos de pesquisas em CCT: ter me entregado ao campo, lidado com ansiedade, dúvida e incerteza; ao passo que permitiu a possibilidade de encontrar o inusitado e desconhecido. Diante disso, o meu objetivo foi dar luz à compreensão de como se configuram os significados de consumo de fotografias em famílias a partir da passagem da condição material para digital.

Para proporcionar essa compreensão, estabeleci os objetivos específicos que foram explorados a fundo na seção de análise dos dados. Identificar fotografias das famílias foi possível a partir da minha inserção nesses lares. Porém, cientes da diversidade que poderia encontrar em campo, meu orientador Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira e eu elaboramos a concepção heurística que norteou o direcionamento no campo e que se tornou o primeiro objetivo específico do trabalho: descrever objeto, dispositivo, suporte e evento de registro das fotografias. Todos juntos representam uma forma dinâmica de compreender fotografias. Afinal, significados e relações não são estáticos, e por isso essa concepção se tornou pertinente para um estudo com base em CCT e Cultura Material entendendo o dispositivo como um bem de consumo, objeto como a imagem formada, suporte como o local de armazenamento e evento como o momento em que objeto foi composto.

Os achados quando me propus a atender ao primeiro objetivo específico levaram a uma descrição detalhada que foram agrupadas em categorias e tornaram possível ter um panorama da forma que as pessoas consomem fotografia. No suporte de registro encontrei caixa de sapato, álbum, porta-retrato, quadro, CD, computador, HD externo, nuvem, celular e redes sociais virtuais. No dispositivo de registro me deparei com câmera fotográfica para uso profissional, câmera analógica, câmera digital e celular. No objeto, as décadas de 1940 a 2010 caracterizaram as transformações das imagens formadas em cada uma delas, mostrando na maioria do tempo as pessoas como foco, mas acentuando a aparição de novos objetos como refeição e natureza. Por fim, o evento de registro apareceu por meio de retrato, aniversário, viagem, estudos, fim de ano, eventos religiosos, foto de si, refeição e natureza.

Refeição e natureza representam uma sobreposição entre eventos e objeto de registro, posto que, com a chegada do digital e às novas formas de significados, tiraram o foco exclusivo das pessoas enquanto objeto, passando a serem também o próprio momento em que a fotografia foi composta: em um momento de refeição ou de contemplação da natureza.

Essas descobertas foram fundamentais para que tivesse uma visão do todo que permitiu avançar a atender o segundo objetivo específico, o de interpretar os significados. Consegui identificar materialização de momentos, sendo uma forma de congelar instantes; construção de histórias, que permite olhar para a forma como essas pessoas querem contar a história de suas famílias e de si; interação, como forma de ver que o ato de compartilhar pode ter o objetivo de interagir com outras pessoas; e descartabilidade, que mostra a forma com que as fotos passaram a ser descartadas quando preciso.

Com os objetivos específicos atendidos, posso dizer que cheguei ao então esperado objetivo geral de entender em parte a passagem da condição material para digital. Em parte, pois com tudo aquilo que vi aqui cheguei à ideia de que este é um trabalho em andamento. As mudanças tecnológicas mudam constantemente a relação que as pessoas tem com a fotografia. Com isso, vejo que não existe uma passagem total da condição material para digital, mas uma passagem de uma condição antes inteiramente material para uma condição predominantemente digital.

5.1 Contribuições teóricas

Acredito que uma contribuição é trazer a fotografia, que é parte da cultura material, como forma de enxergar o vasto universo que a cultura material compreende. A partir da utilização da fotografia como técnica de dados para enxergar ela mesma, me deparei com infinitas informações que poderiam ser exploradas individualmente, que estão ligadas à diversas formas de consumo que aparecem nelas, como de objetos do lar, roupas e assim por diante. Sendo assim, proponho que estudos que visarem entender sobre objetos possam se atentar a buscá-los por meio de fotografias, tanto em um resgate do passado quanto do entendimento do presente.

Roupas, por exemplo, foram pontuadas várias vezes pelos entrevistados durante a pesquisa. E, mesmo sem realçarem na fala, é possível fazer uma análise delas só olhando para as fotos, que mostram a forma como as pessoas se vestem em determinada época e localidade. Outros objetos do lar também foram várias vezes citados. O telefone, por exemplo, que era presente há 50 anos, foi um deles, em que a entrevistada o chamou de “quase pré-histórico”. Para quem tem um celular que pode carregar no bolso, realmente parece que a sensação de passado é ainda mais distante. Porém, a questão que quero ressaltar aqui é que dá para se envolver profundamente com objetos por meio de fotografias. Pensando em um universo

digital, temos também um terreno fértil para essas observações, já que, segundo Belk (2014), as pessoas tendem a mostrar com maior naturalidade suas posses no ambiente virtual.

Além disso, como contribuição teórica para o campo de CCT, a concepção heurística apresentada permite com que haja uma compreensão de fotografias a partir de dispositivo, suporte, objeto e evento de registro. Partindo das discussões de Cultura Material em que significados estão em constante movimento, há como replicar estudos em diferentes contextos a partir desses quatro pontos que se inter-relacionam e que estão presentes em qualquer fotografia. Com isso é possível investigar o consumo de fotografias, já que um depende do outro. Nesta pesquisa consegui ver várias facetas da relação que configuram a fotografia como objeto e as famílias enquanto sujeito, em que um influencia no outro, afeta e é afetado.

Os significados encontrados também contribuem ao campo de CCT, que se interessa pela relação entre consumo, significados e cultura (Novoa & Silva, 2017). Sendo assim, materialização de momentos, construção de histórias, interação e descartabilidade mostram a forma como as famílias consomem fotografias desde quando havia só a condição material, passando também para uma condição digital, que altera os significados.

5.2 Contribuições gerenciais

A partir das análises observei como as fotografias refletem comportamentos que permitem compreender mais sobre o consumidor, sobretudo quando elas começam a fazer parte de um universo virtual. As contribuições gerenciais partem, então, não apenas do consumo de fotografias em si, mas de vários espaços em que elas demonstraram ocupar por meio da pesquisa.

Para setores em geral, o compartilhamento de fotografias no universo virtual por parte dos usuários permite com que haja uma investigação sobre a forma com que essas pessoas consomem. Com as postagens em formato de fotografia, que podem ser acompanhadas por legenda e geolocalização, tem-se um terreno fértil para que conheçam os consumidores: quem são, com quem estão, onde vão, o que fazem, o que vestem, e assim por diante.

Partindo do entendimento de que nas redes sociais virtuais o compartilhamento é na verdade uma maneira de interação, alguns setores podem elaborar estratégias para que possam usufruir desse fenômeno. As pessoas clicam aquilo que é interessante de ser fotografado, e

postam no suporte de registro redes sociais virtuais o que é esteticamente atraente. Dessa maneira, o investimento em decoração de estabelecimentos que tem contato com o público para terem espaços físicos que possam servir de cenário para fotografias pode ser uma maneira de divulgação espontânea, em que se tem o consumidor no local, como se, inclusive, estivesse fazendo uma recomendação, mesmo que indiretamente, por meio do compartilhamento com demais usuários.

No mesmo sentido, aos setores de alimentação, por meio da pesquisa foi possível encontrar que as pessoas postam fotos de comidas e bebidas, aquelas que geralmente não fazem parte do cotidiano. Com isso, trabalhar com o visual do produto ou das embalagens é também atrair o consumidor para fotografar e compartilhar de forma espontânea. À hotelaria e turismo, por meio deste estudo é perceptível que há décadas, mesmo antes da chegada do digital, a fotografia de viagens já era presente. Com isso, tanto as recomendações para setores em geral quanto aos de alimentação podem ser utilizadas, adicionando o fato de que viajar é estar em outra localidade por tempo determinado, o que significa que não é o espaço em que estão habituadas, o que torna o roteiro algo novo, a ser explorado. Por isso, chamar a atenção visualmente é uma ferramenta que pode ser utilizada.

Por fim, as fotografias de natureza estão muito relacionadas aos pets, que geralmente tem cuidados estéticos por parte dos donos e envolvem um campo emocional. Sendo assim, o mercado pet como um todo também pode utilizar das considerações acima, já que as decisões de consumo envolvem laços com animais que tangenciam escolhas de produtos, alimentos e serviços.

5.3 Limitações

Mesmo durante uma pandemia, realizei a coleta na casa das famílias com todos os cuidados necessários para ambas as partes. Todavia, notei resistência por conta do risco de contaminação por Covid-19. Dentre 12 famílias contatadas que aceitaram participar da pesquisa dando sinal positivo para meus conhecidos que passaram o contato, acabei finalizando efetivamente com 6 famílias. Além disso, adentrar no lar de sujeitos que não me conheciam também mostrou como uma abertura de um espaço privado da família. Apesar de a maioria das pessoas que entrevistei terem demonstrado estarem confortáveis com a minha presença, houve, por exemplo, entrevistados que foram até o quarto buscar álbuns ou retratos e não me convidaram para ir até lá.

Porém, como diz Vieira (2013), quando o(a) pesquisador(a) está em campo, a presença não tem como passar despercebida e é algo imperativo. Se tratando da casa, então, notei que os ambientes dos quais eles permitiam que eu transitasse estavam sempre arrumados, como se estivessem esperando uma visita.

Outra limitação se dá pelo fato de que as fotografias envolvem faces de várias pessoas, e por questão de privacidade de identidade, borrar o rosto delas nas imagens acaba ofuscando a visão do leitor quanto a expressões, por exemplo. Porém, segundo Vieira (2013) esse volume de informações anônimas que são mostradas pelos sujeitos de pesquisa é parte do protocolo de pesquisa qualitativa que deve assegurar a privacidade. E, neste caso, além de preservar o anonimato dos participantes, também asseguro as das pessoas que estavam nas fotos que nem sequer tem conhecimento dessa pesquisa.

5.4 Sugestões para futuras pesquisas

Por fim, apresento as sugestões para pesquisas como forma de ampliar a produção de conhecimento. A primeira delas é estudar como as pessoas mais jovens com filhos se relacionam com a fotografia, sendo um contexto fértil para estudos de consumo, pois considerando que como vimos até aqui, as transformações estão em movimento, ver a forma com que os pais querem registrar as memórias para a próxima geração de adultos é relevante para essas compreensões de significados pouco exploradas. Apenas uma das entrevistadas nascida depois de 1980 tinha filho. A relação dela com a fotografia pareceu diferente das demais, em que havia uma preocupação em revelar fotos dele, como se houvesse um resgate, mesmo que com menor intensidade, da intenção de deixar memórias para a outra geração.

Como segunda sugestão, se tratando de sujeitos de pesquisa neste tema de fotografias, também indico a investigação a partir de alguns agrupamentos, pois considero que esta dissertação é uma pesquisa exploratória sobre o assunto. Então, um olhar direcionado para como famílias de classe econômica diferentes consomem fotografia é uma forma de aprofundar e expandir a discussão. Ficou evidente que todas as pessoas entrevistadas utilizam apenas o celular atualmente como dispositivo para fotografar. Considero que os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa são privilegiados neste sentido e refletem o meu privilégio, pois vieram a partir de pessoas próximas a mim. A saturação dos entrevistados se deu de forma rigorosa a partir da repetição de informações que permitiu que eu realizasse as codificações e categorizações, mas vale ressaltar que esta é a realidade dentro do contexto e da localidade em que realizei o estudo. Segundo Miller (2013), a humanidade se desenvolveu de modo diverso

a partir de costumes sociais e culturais. Portanto, são válidas as investigações a partir de novos contextos.

Referências

- Agrela, L. (2018). Celulares com câmera fizeram mercado de câmera despencar 84%. [Notícia na Internet]. Recuperado em 01, Fevereiro, 2020, de <https://exame.abril.com.br/tecnologia/celulares-com-camera-fizeram-mercado-de-cameras-despencar-84/>
- ABINPET. (2021). Informações gerais do setor Pet. Recuperado de http://abinpet.org.br/infos_gerais/
- Arnould, E. J., & Thompson, C. J. (2005). Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. *Journal of Consumer Culture*, 31(4), 868–882. [https://doi.org/10.1016/0002-8223\(94\)92568-2](https://doi.org/10.1016/0002-8223(94)92568-2)
- Arnould, E. J., & Thompson, C. J. (2007). Consumer culture theory (and we really mean theoretics): Dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. *Research in Consumer Behavior*, 11, 3–22. [https://doi.org/10.1016/S0885-2111\(06\)11001-7](https://doi.org/10.1016/S0885-2111(06)11001-7)
- Arnould, E. J., & Thompson, C. J. (2015). Introduction: Consumer culture theory: Ten years gone (And Beyond). *Research in Consumer Behavior*, 17, 1–21. <https://doi.org/10.1108/S0885-211120150000017001>
- Ássimos, B. M., & Batina, G. L. (2017). Marketing e a Sociossemiótica: A Construção de Sentido Por Meio das Interações Sensíveis. *Revista ADM.MADE*, 21(2), 48–67.
- Barbosa, L., & Campbell, C. (2006). *Cultura, consumo e identidade*. FGV Editora.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa:Edições 70.
- Barros, C. P. (2007). Hierarquia, escassez e abundância materiais: um estudo etnográfico no universo de consumo das empregadas domésticas. In *Antropologia do Consumo: Casos Brasileiros, Rio de Janeiro, Editora FGV* (p. 101–129).
- Barthes, R. (1981). Camera lucida: Reflections on photography. In *Macmillan*. https://doi.org/10.1007/978-1-137-08886-4_6
- Batinga, G. L., Pinto, M. de R., & Guimarães, L. de V. M. (2019). Por uma compreensão do mundo material: uma biografia da marca Apple. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(2), 263–276. <https://doi.org/10.1590/1679-395167383>
- Belk, R. (2014). The labors of the Odysseans and the legacy of the Odyssey. *Journal of Historical Research in Marketing*, 6(3), 379–404. <https://doi.org/10.1108/JHRM-09-2013-0056>
- Belk, R. W. (1988). Possessions and the Extended Self. *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139. <https://doi.org/10.1086/209154>
- Belk, R. W. (2014). *Extended Self in a Digital World*. 40(3), 477–500. <https://doi.org/10.1086/671052>
- Belk, R., & Yeh, J. H. (2011). Tourist photographs : signs of self. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, 7(4), 411–424. <https://doi.org/10.1108/17506181111174628>
- Bode, M., & Østergaard, P. (2013). “The wild and wacky worlds of consumer oddballs”: Analyzing the manifestary context of consumer culture theory. *Marketing Theory*, 13(2), 175–192. <https://doi.org/10.1177/1470593113478605>
- Brito, F. W. C., & Freitas, A. A. F. (2019). Em busca de “likes”: A influência das mídias sociais no comportamento do consumidor no consumo de viagens. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17(1), 113–128. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.008>
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analysis*. London: Heinmann.
- Campello, T., Gentili, P., Rodrigues, M., & Hoewell, G. R. (2018). Faces da desigualdade no

- Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. *Saúde em Debate*, 42(Saúde Debate), 54–66. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s305>
- Casotti, L. M., & Suarez, M. C. (2016). Dez anos de Consumer Culture Theory: delimitações e aberturas. *Revista de Administração de Empresas*, 56(3), 353–359. <https://doi.org/10.2307/2067430>
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Bookman.
- Duarte, J. (2005). Entrevista em profundidade. In A. Barros & J. Duarte (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (Vol. 1, p. 62–83). Atlas.
- Felizardo, A., & Samain, E. (2007). A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos Fotográficos*, 3(3), 205. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>
- Fernandes, F., & Torquato, S. (2008). Fotografia, imagem e contemporaneidade Experiência ou um mero registro? *IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo*, 1–17.
- Ferreira, M. C., & Scaraboto, D. (2016). “My plastic dreams”: Towards an extended understanding of materiality and the shaping of consumer identities. *Journal of Business Research*, 69(1), 191–207. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.07.032>
- Fonseca, C. (2004). Olhares antropológicos sobre a família contemporânea *. *Pesquisando a família: Olhares contemporâneos*, 55–68.
- Fontana, A., & Frey, J. (2005). The interview: from neutral stance to political involvement. In N. K. Denzin & Y. . Lincoln (Orgs.), *The Sage Handbook of Qualitative Research: Third Edition* (p. 695–727). <https://doi.org/10.4324/9780203409527>
- Gaião, B. F. da S., Souza, I. L. de, & Leão, A. L. M. de S. (2012). Consumer Culture Theory (CCT) já é uma escola de pensamento em marketing? *Revista de Administração de Empresas*, 52(3), 330–344. <https://doi.org/10.1590/s0034-75902012000300005>
- Goodman, D. J., & Cohen, M. (2004). Consumer Culture: A Reference Handbook. In *ABC Clio*.
- Henriques, R. M. N. (2004). *Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Hicks, D. (2010). the Material- Cultural Turn. In *The Oxford Handbook of Material Culture Studies* (p. 25–98). Oxford University Press.
- Hirschman, E. C. (1994). Consumers and Their Animal Companions. *Journal of Consumer Research*, 20(4), 616. <https://doi.org/10.1086/209374>
- Hodder, I. (2005). The interpretation of documents and material culture. In N. K. Denzin & Y. . Lincoln (Orgs.), *The Sage Handbook of Qualitative Research: Third Edition* (p. 393–402). SAGE Publications.
- Holbrook, M. B. (1987). What is Consumer Research? Morris. *The Journal of Consumer Research*, 14(1), 128–132. Recuperado de <http://links.jstor.org/sici?sici=0093-5301%28198706%2914%3A1%3C128%3AWICR%3E2.0.CO%3B2-B>
- IBGE. (2010a). *Censo Demográfico - Famílias e domicílios* (p. 1–203). p. 1–203. Rio de Janeiro.
- IBGE. (2010b). *Censo Demográfico de Maringá (PR) - Religião*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/maringa/pesquisa/23/22107>
- IBGE. (2010c). *Censo Demográfico Brasil - Religião*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>
- Iqani, M., & Schroeder, J. E. (2016). #selfie: digital self-portraits as commodity form and consumption practice. *Consumption Markets & Culture*, 19(5), 405–415. <https://doi.org/10.1080/10253866.2015.1116784>
- Junior, J. A. D. S. (2012). Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da ...*, 1–13.
- Kossov, B. (2001). *Fotografia & história*. Ateliê Editorial.

- Leite, M. M. (1993). *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. Edusp.
- Lemos, A., & Pastor, L. (2018). A Fotografia como Prática Conversacional de Dados: espacialização e sociabilidade digital no uso do Instagram em praças e parques na cidade de Salvador. *Comunicacao Midia e Consumo*, 15(42), 10–33. <https://doi.org/10.18568/CMC.V15I42.1611>
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. Recuperado de <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. Editora 34.
- Levy, S. (2007). History of qualitative research methods in marketing. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (p. 3–18). Edgar Elgas Publishing.
- Libério, C. G. (2013). Indústria fotográfica e fotografia do século XX ao XXI 1. *9º Encontro Nacional de História da Mídia*. Ouro Preto - Minas Gerais.
- Maclaran, P., Hogg, M. K., & Bradshaw, A. (2006). Cultural Influences on Representations of the Consumer in Marketing Theory. In *The SAGE Handbook of Marketing Theory* (Vol. 2006, p. 332–352). <https://doi.org/10.4135/9781446222454.n19>
- Marshall, D., & Davis, T. (2019). Selfie stick accounts: extending and engaging visual methods in contemporary family practice. *Qualitative Market Research*, (August 2018), 82–96. <https://doi.org/10.1108/QMR-03-2019-0047>
- Mauad, A. M. (1996). Através da imagem: fotografia e história interface. *Tempo*, 1(2), 73–98.
- McCracken, G. (2003). *Cultura & Consumo*. Mauad Editora.
- McCracken, G. (2007). Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. *RAE*, 47(1), 99–115.
- Miller, D. (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Blackwell.
- Miller, D. (2007). Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, 13(28), 33–63. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832007000200003>
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Money, A. (2007). Material culture and the living room: The appropriation and use of goods in everyday life. *Journal of Consumer Culture*, 7(3), 355–377. <https://doi.org/10.1177/1469540507081630>
- Morais, I., & Quintão, R. T. (2016). O campo de pesquisa da Consumer Culture Theory (CCT): uma reflexão sobre o contexto brasileiro. *VII Encontro de Marketing da ANPAD – EMA*.
- Oliveira, E. M. De. (2005). Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. *Communicare*, 5(1), 1–8.
- Oliveira, S. R., & Piccinini, V. C. (2009). Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(1), 88–98. <https://doi.org/10.1590/s1679-39512009000100007>
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Penso Editora.
- Penãloza, L., & Cayla, J. (2007). Writing pictures/taking fieldnotes: towards a more visual and material ethnographic consumer research. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (p. 279–290). Edgar Elgas Publishing.
- Pépece, O. M. C., Verdu, F., Battistelli, B. M., Menezes, L. D., & Freitas, O. D. (2006). Comportamento do consumidor: ato de presentear com jóias na cidade de Curitiba. *Administração de empresas em revista*, 5, 31–62.
- Pinto, M., & Batinga, G. (2018). *Cultura e Consumo no Brasil: estado atual e novas perspectivas*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- Quintão, R., & Pereira, S. (2017). FÓRUM ESTUDOS BRASILEIROS NO CAMPO DE PESQUISA DA TEORIA DA CULTURA DE CONSUMO. *RIMAR*, 7(2), 191–193.

- Rocha, E. (2000). Totem e consumo: um estudo antropológico de anúncios publicitários. *Revista Alceu*, 1(1), 18–37.
- Ruschel, H., Zanotto, M. S., & Costa, W. (2010). *Computação em nuvem*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC PR.
- Santos, F. C. (2016). As faces da selfie: Revelações da fotografia social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(92), 1–16. <https://doi.org/10.17666/319202/2016>
- Sassatelli, R. (2007). CONSUMER CULTURE History, Theory and Politics. In *SAGE Publications*.
- Schroeder, J. E. (1998). Consuming Representation: A Visual Approach to Consumer Research. In *Representing Consumers: Voices, Views, and Visions* (p. 193–230).
- Schroeder, J. E. (2002). Visual Consumption. In *Psychology Press*. <https://doi.org/10.1002/9781118989463.wbeccs253>
- Schroeder, J. E. (2007). Critical visual analysis. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (p. 303–321). Edgar Elgas Publishing.
- Shaw, E. H., & Jones, D. G. B. (2005). A history of schools of marketing thought. *Marketing Theory*, 5(3), 239–281. <https://doi.org/10.1177/1470593105054898>
- Silveira, M. L. da. (2000). Família: conceitos sócio-antropológicos básicos para o trabalho em saúde. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 2(2), 58–64.
- Slater, D. (2001). *Cultura do consumo & modernidade*. NBL Editora.
- Soilo, A. N. (2012). A arte da fotografia na antropologia: o uso de imagens como instrumento de pesquisa social. *Revista Habitus*, 10(2), 72–79.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. Companhia das Letras.
- Souza, I. L. de, Gaião, B. F. da S., Silva, J. D. S., & Leão, A. L. M. de S. (2013). Uma Abordagem Alternativa Para a Pesquisa Do Consumidor: Adoção Da Consumer Culture Theory (Cct) No Brasil. *Revista Alcance*, 20(3), 383. <https://doi.org/10.14210/alcance.v20n3.p383-399>
- Targa, R. S. (2010). *Fotografias Online: como o compartilhamento na Internet influencia a fotografia* ((Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade de São Paulo)). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-26092011-111537/publico/DissertacaoRenatoTarga.pdf>
- Triviños, A. N. . (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo*. São Paulo: Editora Atlas.
- Ullrich, D. R., Oliveira, J. S. De, & Basso, K. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas : em direção à reflexividade analítica. *Revista de Administração da PUCRS*, 23(1), 19–30. <https://doi.org/11329-55532-3-PB>
- Veblen, T. (1899). *The theory of the leisure class*. Macmillan.
- Vieira, F. G. D. (2013). Perspectivas e limites da pesquisa qualitativa na produção de conhecimento em Marketing. *Revista de Negócios*, 18(1), 10–24. <https://doi.org/10.7867/1980-431.2013v18n1p10>
- Weilenmann, A., & Hillman, T. (2019). Selfies in the wild: Studying selfie photography as a local practice. *Mobile Media and Communication*, 1–20. <https://doi.org/10.1177/2050157918822131>
- Zanini, T. C. (2014). História da fotografia colorida: cores presentes de um passado cinzento. *XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1–12.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data:

Local da entrevista:

Entrevistado(a):

Idade:

PERGUNTAS INICIAIS

1. Conte-me um pouco sobre sua relação com fotografias.
2. Você costuma tirar fotografias?
3. Você costuma revelar as fotografias que tira?
4. O que você geralmente considera para escolher as fotos que irá revelar?
5. Em relação às fotos que não são reveladas, onde geralmente você armazena?
6. Você tem redes sociais virtuais (Facebook, Instagram, Whatsapp)?...
7. Você costuma compartilhar fotos nessas redes?
8. O que você geralmente considera para escolher as fotos que irá ou não postar nessas redes?
9. Você tem preferência em postar em alguma dessas redes em específico? Poderia me falar um pouco mais sobre isso?

PERGUNTAS DE DIRECIONAMENTO PARA FOTOGRAFIAS EM CONDIÇÃO MATERIAL

1. Você poderia me mostrar as fotos reveladas que tem em casa?
2. Quem são as pessoas da foto? / Qual é o lugar da foto? / O que são os objetos da foto?
3. Este dia representou algo especial para que a foto fosse clicada?
4. Você se lembra com qual aparelho essa foto foi tirada?

PERGUNTAS DE DIRECIONAMENTO PARA FOTOGRAFIAS EM CONDIÇÃO DIGITAL

1. Você poderia me mostrar as fotos reveladas que tem em formato digital?
2. Quem são as pessoas da foto? / Qual é o lugar da foto? / O que são os objetos da foto?
3. Este dia representou algo especial para que a foto fosse clicada?

4. Se lembra com qual aparelho essa foto foi tirada?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Este roteiro serviu de guia para observação de campo, relacionado com a descrição dos registros das fotografias. Ele foi útil, especialmente, para identificar o suporte de registro, que é onde a imagem está armazenada. A partir do momento em que o(a) entrevistado(a) foi mostrando a fotografia, observei:

Se a imagem fosse física:

- Em que local a foto estava armazenada, como exemplo: porta-retrato, álbum de família, foto revelada avulsa...
- Em que cômodo da casa ela ficava, como exemplo: sala de visitas, cozinha, quarto...

Se a imagem não fosse física:

- Em que local(is) a foto estava armazenada, como exemplo: redes sociais virtuais, pen drive, armazenamento em nuvem, rolo da câmera do celular, cartão de memória, hd externo...

APÊNDICE C: ROTEIRO DE FOTOGRAFIAS

Este roteiro serviu de guia para realizar fotografias durante o trabalho de campo, relacionado com a descrição dos registros das fotografias. Ele foi útil, especialmente, para identificar o objeto de registro, que foi a imagem formada pelo dispositivo de registro. A partir do momento em que o(a) entrevistado(a) mostrou a fotografia:

- Fotografei a fotografia, de modo que aparecesse nitidamente o seu conteúdo.

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de pós graduação Lígia Boeze, do curso de Mestrado em Administração da Universidade Estadual de Maringá que pode ser contatada pelo e-mail ligiaboezee@gmail.com e pelo telefone (44) 99847-4646. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com famílias, visando, por parte da referida aluna a realização da dissertação de Mestrado “Significados do consumo fotografias em famílias”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita, além de mostrar minhas fotografias materiais e digitais que serão fotografadas pela pesquisadora. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Maringá, ____ de _____ de 2021